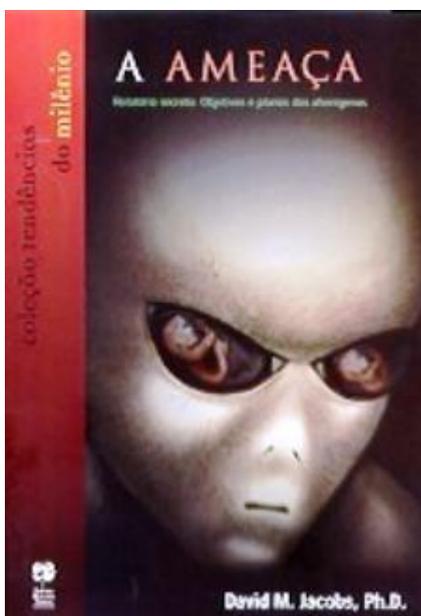


A Ameaça Alienígena – Adolescentes e adultos



São as próprias pessoas abduzidas que têm as respostas às questões sobre as intenções dos alienígenas. Mas não é fácil para elas falar sobre as suas experiências de abdução. Elas aprenderam a permanecer em silêncio.

*Quando criança, por exemplo, uma abduzida pode ter falado com a mãe e o pai sobre o “povo pequeno” em seu quarto, que entrou através da janela fechada e a levou. Seus pais certamente a asseguraram de que se tratava apenas de um sonho, e a insistência da criança de que era real – “**Eu estava acordada!**” – mas não deu resultado. Finalmente, a abduzida deixou de contar suas experiências aos seus pais.*

A Ameaça Alienígena, adolescentes e adultos Híbridos

A Ameaça Alienígena, um relatório Secreto dos Objetivos e dos planos alienígenas. Livro de David M. Jacobs.

Quando os híbridos chegam à adolescência, os alienígenas lhes dão novas tarefas e responsabilidades no programa de abdução. Embora aprendam dos humanos, eles agora começam a interagir mais com as abduzidas no plano social e sexual. O uso que os alienígenas fazem dos híbridos adultos demonstra o objetivo do programa de cruzamento. Os adultos híbridos assumem funções complexas dentro do programa de abdução, como as

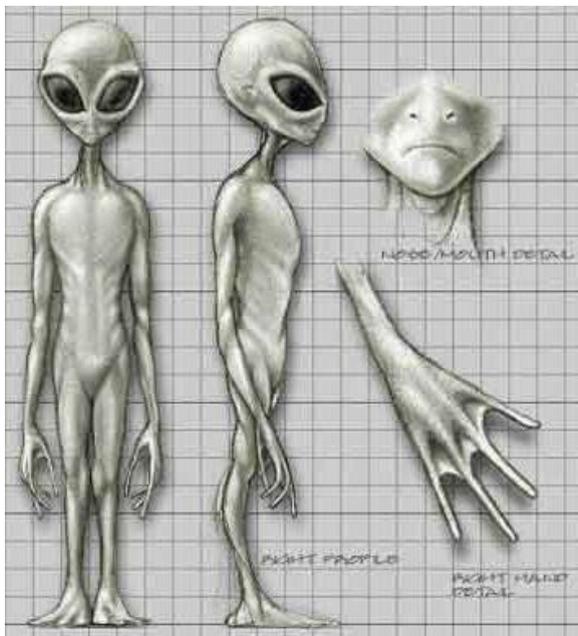
dos adolescentes, às vezes envolvendo relações sexuais com as abduzidas. Mas os adultos têm interações com os humanos que vão muito além disso.

Edição e imagens: Thoth3126@gmail.com.

Capítulo 09 – As espécies híbridas – adolescentes e adultos

Adolescentes

Quando os híbridos chegam à adolescência, os alienígenas começam a lhes dar tarefas para realizar. Eles às vezes ajudam a localizar as abduzidas e a retirá-las do seu ambiente normal, ajudam em alguns procedimentos e acompanham as abduzidas em seus locais de estadia. Seu trabalho vai de serviços braçais à ajuda dos Greys em funções especiais. De fato, eles se tornam “aprendizes” dos pequenos alienígenas (Greys) cinzentos. Apesar de os adolescentes “trabalharem”, eles são jovens e, diversamente dos alienígenas, se divertem. **Susan Steiner** narrou suas experiências com um adolescente híbrido que tinha uma espécie de “jogo”. O menino, com quinze anos, acompanhou-a a salas diferentes, mas num dado momento sentou-se para jogar com a máquina.



Não. Não está acontecendo nada. Então ele a toma da minha mão, aperta um botão, dá de volta para mim e eu devo apertar o mesmo botão. Aperto o botão e ele o aperta de volta. Então ele aperta um botão e eu tenho de apertar o botão. Isso dura algum

tempo; então ele me dá e eu aperto o botão e há aquele flash. Você quer dizer que o flash vem da própria caixa?

Ele somente sorriu para mim, passou a mão no meu braço e pegou no meu pulso, e eu de certo modo gosto dele, pois estou feliz de vê-lo... E há aquela coisa debaixo do braço, uma maquininha que ele dá para mim... É uma coisa muito maravilhosa e fico muito alegre porque ele me deu essa coisa...

E na hora em que eu pego naquela coisa é como se mergulhasse no chão, você sabe como é. Acho que gosto de ficar brincando com aquilo, porque posso ver que ele quer que eu brinque. Estou pensando: “Oh!, bem. Eu vou brincar com isso, embora não saiba o que é nem o que estou fazendo.” Aí fico apertando uns botões na maquineta e recebo dele um sentimento de que devo saber o que é, porque já vi isso antes. Você disse que havia uma espécie de luminescência verde vindo da máquina? É um diodo que emite luz ou coisa parecida. Talvez fosse uma coisa fina como um lápis, o centro da parte de metal. Ele dá para mim, e bem, eu primeiro olho para ela.

Estou olhando e pensando: “O que é isso? Será que é estéreo? Será que ele pegou o (aparelho de som) estéreo?” Então percebo que não é um estéreo. Aí eu fico apertando todos os botões. Estou sentada com as pernas cruzadas – e vou colocar a maquineta nos meus joelhos e ficar apertando todos os botões, tentando ver se acontece alguma coisa, como mexer num display de cristal líquido. Sim, parece que toda a caixa explode num flash... e eu a deixo cair porque tenho medo. Acho que é elétrico. Quer dizer que você a deixou cair no chão? Sim. Ele parece se divertir com eu ter deixado a caixa cair porque estava com medo. Ele acha engraçado... acha divertido... quase acha engraçado.

Ele sorriu? Ou você somente tem a impressão de que ele acha engraçado? Eu vejo um sorriso e tenho essa impressão, mas ele não sorri do jeito que a gente sorri. Tenho a impressão de que é como se ele estivesse sorrindo, mas ele não sorri como uma criança sorri. A boca se curva um pouco no sorriso. Aí eu acho que há três outros seres no quarto. E eles parecem mais sérios que os outros e estou com um pouco de medo deles. Eles parecem muito severos e diferentes daqueles que eu vi na sala de operações e estão nos observando enquanto conversamos... Olham para mim muito sérios, olham bem duro para mim. Estou com um pouco de medo, mas quando o menino toca no meu ombro não sinto mais medo... Ele tenta dirigir minha atenção de volta para o brinquedo, aquela coisa, não sei o que é. Aí não estou mais prestando atenção neles, estou brincando com aquela caixa de metal de novo.

Quer dizer que você voltou a apertar os botões? E você consegue fazer alguma coisa de diferente acontecer? Hum, hum. Você apertou os botões com ele numa seqüência? Você aperta, ele aperta, você aperta, ele aperta, ou está fazendo sozinha? Sim, estamos fazendo assim. Ele aperta um botão e me devolve. Aperto um botão e ele aperta um botão, aperta um botão, ele está olhando. Mas não acontece nada. Nenhum flash como da outra vez. E não vai fazer outro flash? Não. Eu estou ficando meio frustrada. O menino pensa que é engraçado eu estar frustrada. Então ele pensa que é divertido também?

Sim, ele parece se divertir, pois não consigo descobrir o que é isso. Ai eu pego essa coisa e me vem, eu não sei, alguma comunicação do garoto, mas eu não consigo descobrir o que é – como ele pode compreender por que eu não estou entendendo? Como ele sabe que eu não consigo entender o jogo? Eu não sei. Você sente que ele sabe que está confusa? Sim. É como se não fosse um sentido de superioridade, mas é uma comunicação de: “Bem, eu não esperaria que você compreendesse.» Aquele tipo de coisa.

Os híbridos de estágio avançado demonstram um forte instinto sexual e muitas vezes começam sua atividade sexual na adolescência. Quando **Kathleen Morrison** tinha oito anos, um híbrido de 16 anos, que ela reencontraria durante a sua vida inteira, começou o que claramente parecia uma atividade de masturbação com ela. Primeiro ele a colocou no colo e ficou se esfregando nela, enquanto lhe induzia sentimentos sexuais através de um procedimento de encarar seus olhos. Kathleen se lembra do episódio do ponto de vista de uma garota de oito anos. Ele já fez isso antes? ... Sim, quando ficamos juntos, bem quietos. Geralmente, quando eu estou sentada no colo dele. Estou sentada nas pernas dele, aí monto numa das pernas e fico olhando para ele. Aí ele me dá abraços maravilhosos. Depois ele olha para mim e eu me sinto diferente... Ele diz que gosta que eu sente nas suas pernas e fique bem junto a ele. ...

Que idade você tem...? Talvez oito ou nove. A gente não faz isso todas as vezes. Só de vez em quando. Quando está tudo quieto e estamos sozinhos. Ele gosta muito de se esfregar no meu corpo. Ele normalmente tem algum tipo de roupa quando você o vê? Nem sempre. Às vezes ele não tem muita roupa. Quer dizer que, quando ele não tem muita roupa, significa que está completamente nu? Às vezes. Quando você está sentada no colo dele, o que ele faz, quando não está vestido? Ele levanta os joelhos e eu monto em cima das pernas dele. E as pernas dele

estão assim e eu me sento ali e me encosto nelas, ele me abraça, e às vezes respira bem forte. Mas sempre faz com que eu saia. Ele faz você sair? Eu sempre tenho de sair das suas pernas. Eu mais ou menos me sento do lado e entro mais ou menos em “coma” ou alguma coisa assim. Quando ele esta respirando assim, muito forte, diz que é para eu sair do seu colo.

Os adolescentes híbridos são encorajados a ter relações sexuais com as abduzidas. **Christine Kennedy** contou um incidente em que, depois de uma varredura cerebral, teve de ficar em cima de um adolescente híbrido que estava reclinado num colchonete no chão. O jovem híbrido, que parecia ter 15 anos, começou a ter relações sexuais com ela. Ela ficou muito zangada e pensou que estava sendo usada somente para satisfazer as suas necessidades. Eu me sinto como um “doce” que fosse jogado em cima desse filho da puta... Quais são as suas reações? Quer dizer, o que ele faz com os braços? Você está deitada ao lado dele, ou...? Não, seus braços estão me apertando bem forte. Eu não posso me mexer. Minha cabeça está encostada no ombro dele. Estou olhando para o espaço. É como... sinto que desmaiei.

Eu sinto que não sou nenhuma parte do meu corpo. ... Você pensa que eles estão fazendo isso com intenções reprodutivas ou com outras intenções? Qual é sua opinião sobre isso? Eu não diria que é para reprodução – não quando ele vem para mim, porque eu fiz ligadura de trompas. Algumas abduzidas sentem que a relação sexual com adolescentes é quase uma sessão de “treinamento” com o híbrido para o futuro. Em algumas ocasiões, um adulto híbrido dirige ativamente o adolescente em como ter relações sexuais com uma abduzida. O adolescente híbrido aprende com essas experiências e assim terá um comportamento sexual mais ativo quando for adulto.

A vida de um adulto híbrido

Quando os híbridos se tornam adultos, suas responsabilidades aumentam e, de acordo com os relatos das abduzidas, ficam mais envolvidos na rotina da abdução. Embora ainda sejam “assistentes”, numa posição subalterna, alguns adultos híbridos realizam toda a gama de procedimentos físicos, mentais e reprodutivos. Eles trabalham ao lado dos alienígenas (Greys) cinzentos – e se tornam companheiros trabalhando para o objetivo comum. Nos últimos anos, as abduzidas têm relatado eventos nos quais os híbridos realizam abduções completas, sem nenhum cinzento em evidência.

Algumas abduzidas preferem estar com os híbridos a estar com os cinzentos. Para elas, os híbridos oferecem o conforto da familiaridade humana. Outras acham que os híbridos de estágio avançado metem medo e preferem os alienígenas cinzentos, que são mais previsíveis. Os cinzentos agem de acordo com um sistema bem definido, e com o passar do tempo muitas abduzidas terminam se sentindo confortáveis com eles. Na maioria das vezes, os híbridos agem como os Greys: concentrados nas tarefas, eficientes e clínicos. Mas a sua presença traz uma nota de emocionalidade e imprevisibilidade. Sua própria humanidade quase os faz se sentirem participantes de um crime envolvendo o seqüestro de homens e mulheres.

Muitas mulheres se sentem emocionalmente vulneráveis perto dos híbridos de estágio avançado. **Allison Reed** é quem melhor define, quando diz: Parece loucura, mas me sinto mais confortável com os pequenos caras (Greys) cinzentos do que quando estou sozinha com esses que parecem gente (híbridos)... Eles não têm aquela compaixão, eu não a sinto. Eu não sei se eles são alguma coisa como seres humanos. Talvez por isso é que tenha medo, porque os seres humanos podem ser muito cruéis. Enquanto os caras cinzentos fazem o seu trabalho, não querem machucar você e não querem também, sabe como é, dar beijos e fazer amor. Eles são de certa forma mais ou menos neutros. Mas os seres humanos (híbridos) podem ser muito cruéis.

Pouco se conhece da vida pessoal dos híbridos, mas alguns dos testemunhos mais sugestivos vêm da abdução de Allison, que durou quatro dias e meio e fornece uma rara oportunidade de observar certos aspectos do dia a-dia da vida de um híbrido. Suas experiências revelam que os híbridos têm uma rotina de limpeza; lavam-se juntos e verificam uns aos outros em problemas de saúde. Em um dado momento, um acompanhante alienígena levou Allison para um quarto onde eles deviam se limpar e se arrumar. Muitos híbridos masculinos e femininos, entre 18 e 30 anos, estavam nus no quarto. Allison, acompanhada por uma híbrida fêmea de 18 anos, e outros híbridos, caminharam em fila para uma zona de "chuveiros". Eles ficaram em pé na frente de jatos na parede que esparziam uma névoa fina que secava ao contato. Os jatos eram lançados mais ou menos na altura do tórax.



Allison estirou-se lentamente para que o jato se espalhasse por todo o seu corpo. Ela teve a impressão de que o jato, de certa forma, não só limpava como também protegia sua pele. Depois do chuveiro, ela e os demais foram para uma área central no meio da sala. Os híbridos se dividiram em pares e começaram a se enxugar e a se examinar. A adolescente híbrida examinou-a e mostrou a Allison como examiná-la – Allison teve de olhar o cabelo da híbrida, atrás do pescoço, nos olhos; teve de baixar as pálpebras inferiores e verificar manchas vermelhas em cada olho. A adolescente disse-lhe que os híbridos são vulneráveis a assaduras nas axilas e Allison teve de examiná-la naquele lugar. A adolescente híbrida tinha cabelo “macio”, pálpebras rosadas (sem manchas vermelhas), sem cílios, e pele esticada.

Seu corpo era longilíneo e magro, sem quadris. Lembrou a Allison a figura de desenho animado Bambi. Depois do exame, cada híbrido cortou as unhas dos pés do outro. Allison não teve de fazê-la porque a adolescente que estava com ela não tinha unhas nem nas mãos nem nos pés. Finalmente, ela e a híbrida escovaram os cabelos uma da outra com um instrumento semelhante a uma escova. A híbrida foi para uma outra área pegar suas roupas – uma camisola branca. Ela a pegou em um escaninho, uma espécie de armário cilíndrico, e Allison ajudou-a a se vestir. Pouco tempo depois, a companheira de Allison levou-a para um grande dormitório. Os híbridos estavam dormindo em beliches, suspensos no ar por cabos presos ao teto. A cena era uma reminiscência do filme Coma.

Susan Steiner também viu um dormitório de híbridos. Havia camas do tipo beliches arrumadas em grupos de três. Podia ser muito grande (como o hangar de um aeroporto). Eu não posso ver tudo porque há divisórias. Há áreas que estão divididas e há aquelas camas beliches por toda parte, e há gente nas camas beliches...

parecem embutidas na parede e parece que há três de cada vez, uma sobre a outra. E a sala é mais ou menos dividida. Aí eu posso ver, é como se fossem áreas. Em cada lado da parede há beliches embutidos. Então tem um monte deles. Você está dizendo que há grupos de três? É, são beliches com três camas. E talvez... são divididos em fileiras e há esses beliches embutidos nos lados opostos da parede e deve haver outros. Eu não posso ver o que há do outro lado da divisória, mas a impressão é que há outros do mesmo jeito. Como tudo parece a mesma coisa, é um ambiente muito homogêneo.

Os híbridos adultos parecem ter uma vida semelhante à dos seres humanos, embora tudo indique que eles tenham uma vida mais comunal e menos privada do que os seres humanos na sociedade moderna. Eles banham-se, dormem, vestem-se e trabalham juntos. Como os humanos, têm problemas de saúde. No plano emocional, entretanto, suas vidas são uma espécie de ponte entre a vida humana e a alienígena. De acordo com os relatos dos abduzidos, os híbridos não têm lembranças de pais, antepassados, vida familiar, crescimento em família, amigos e outros eventos emocionalmente importantes que ligam os seres humanos. Numa longa conversa, um híbrido de estágio avançado disse a **Reshma Kamal** que as lembranças dela eram muito diferentes das dele.

Então, estou perguntando se ele tem pais como eu, ou amigos, ou coisas assim. Ele parece bastante triste. Não sei se ele olha para baixo e depois para mim, e diz não. Ele diz: “Nós só pertencemos a isto aqui”... Eu quase tenho pena dele. Estou perguntando se ele tem mãe e pai. Ele olha para baixo de novo, e depois para mim e continua: “Eu sei de onde venho, mas não tenho laços familiares como vocês.” Eu digo: “O que você quer dizer com laços?” E ele está dizendo “arquivos”(lembranças)... Eu pergunto de novo: “O que você quer dizer por arquivos?” ... E ele me diz, ele está me explicando que quando a gente vê os nossos ancestrais tem memórias e histórias. Está dizendo que, quando ele olha para a “sua” formação, só tem de olhar nos arquivos. Não existem laços, não existem memórias... Ele diz: “Quando você se lembra da sua mãe ou da sua irmã, está lembrando memórias de estar ali, de vê-los.” Ele está dizendo: “Quando eu quero fazer essas coisas, tenho de ver nos arquivos. Não tenho esses laços nem essas memórias.”

Então, eu digo: “Você nunca viu os seus pais?” Ele diz: “Já os vi, mas não tenho os mesmos laços.” Ele diz: “Nós somos apenas informados de quem eles eram e de que estão nos

arquivos.” Não sei o que ele quer dizer com isso. Ele está me dizendo alguma coisa como, eu não sei, ele está me explicando como era quando criança ou alguma coisa assim. É como se ele estivesse realmente triste, ele está dizendo que quando ele era um garoto e quando perguntou a eles (por que ele tinha uma aparência diferente deles) -

acho que ele quer dizer “eles” como alienígenas, porque ele olha para lá (para os alienígenas que estão na sala)... mostraram para ele um arquivo... E eu digo: “Um arquivo? Você quer dizer retratos e seus objetos pessoais?” Ele diz: “Mais do ponto de vista médico.” Aí ele começa a falar de coisas médicas, de genealogia, ou dos dados médicos dos seus pais e outras coisas, mas não fotografias ou... Ele diz: “Não de piqueniques que a gente fez ou de festas, mas sempre informações médicas. Você compreende?”

Eu mais ou menos dou de ombros, mais ou menos... eu estou perguntando se ele não pode voltar, sabe como é? E ele continua, está me perguntando: “Voltar para onde? Você quer dizer para a sua casa?” E eu digo: “Mas é sua casa, não é?” Ele está dizendo: “Eu não tenho casa. Não no sentido que você tem.” Ele está dizendo: “Não pertença a nenhum lugar’.” Eu estou perguntando assim, onde ele mora, e ele olha para os alienígenas e diz que com eles. E eu digo: “O que você quer dizer? Você mora com eles? Eles não têm uma casa como eu tenho?” Ele parece estar dizendo que têm uma casa, mas não com o mesmo sentido que eu dou a uma casa. Ele está me fazendo uma pergunta: “Você sabe o que é um robô?” Eu digo sim. Ele está me pedindo que dê um exemplo. E eu estou dizendo: “Bem, um robô é alguma coisa que você cria e faz o que você quer, e nada mais.”

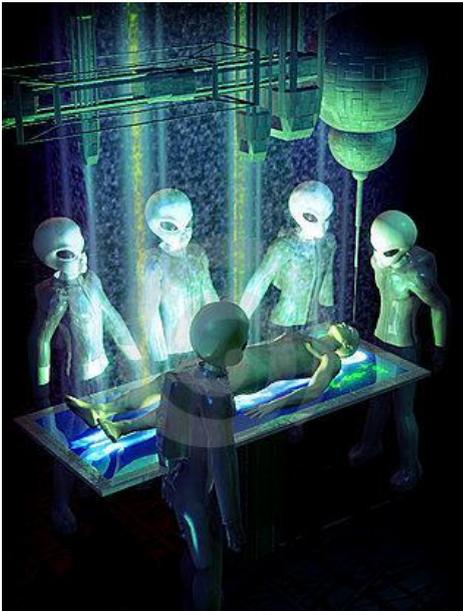
Quando dou essa resposta, ele continua: “Agora você sabe como eu estou me sentindo.” E eu estou dizendo: “Você é um robô?” Ele parece um pouco chateado comigo. Ele diz que não, mas que o sentido é o mesmo. **Um robô não tem laços emocionais. E somente faz o que é programado para fazer.** E ele diz: “Você vê que eu estou fazendo a mesma coisa?” E eu digo... “Compreendo isso, mas você não tem suas próprias emoções?” E ele está me dizendo: “Mesmo que tivesse emoções, qual era a vantagem de eu ter emoções se nada vai acontecer?” E eu pergunto: “O que você quer dizer com isso?”

Ele não me responde, mas parece muito triste, e estou perguntando: “Você é feliz?” E ele está me perguntando o que eu penso ou o que eu percebo olhando para ele. Não respondo porque não quero que ele fique triste, mas dá a impressão de que ele de fato não tem praticamente vida nenhuma. Ele somente está

vivo e respirando. Ele diz: “Nós só estamos aqui para trabalhar.” Então, ele olha para os alienígenas de novo. Ele está dizendo: “Nós temos de fazer tudo o que eles dizem.” Eu digo: “Você tem um laço emocional com eles como eu tenho com a minha família?” E ele está dizendo: “Não são os mesmos laços que você tem.” Como nós temos nossas relações, sentimos amor, ódio, tristeza e tudo isso.

Ele diz, não dessa maneira, ele não tem um relacionamento com eles. É como se eles apenas estivessem no controle total de tudo. Ele é apenas a criação deles, o que quer que eles tenham feito, e ele tem de fazer tudo o que eles dizem. Então ele olha para mim e diz: “Se você quer me entender, basta pensar em um robô. É tudo o que existe”, diz ele. Não sabemos os efeitos da falta de laços familiares ou memórias. Quaisquer que sejam as conseqüências, o desenvolvimento emocional dos híbridos nesse aspecto seria privado de todo o convívio que todos os humanos partilham, e suas vidas emocionais seriam muito diferentes das nossas.

Transferência de informações entre híbridos e humanos



Como fazem com híbridos mais jovens, as abduzidas são freqüentemente forçadas a **instruir os híbridos adultos**. A instrução tem duas formas: direta e involuntária por meio de transferência. O caso de Allison Reed fornece um bom exemplo. Ela foi ordenada para instruir quatro adultas híbridas fêmeas sobre como estabelecer laços com uma criança; as híbridas disseram-lhe que não queriam criar as crianças num ambiente esterilizado, mas

como os humanos “normais” e diferentemente da sua própria experiência de infância com os alienígenas Greys. Como as crianças mais velhas, os adultos híbridos demonstram interesse pelas atividades da Terra. Por exemplo, **Claudia Negrón** acordou uma noite com dois híbridos em seu quarto – um masculino e um feminino com pouco mais de 20 anos. Eles queriam saber por que ela estava pendurando as roupas em diversos lugares do quarto em vez de ser no armário; ela explicou que estava remodelando o armário. Eles fizeram outras perguntas e depois foram embora. Às vezes um abduzido é ordenado a transferir suas memórias para um híbrido, quase como se faz uma transferência para um “depósito de dados”. Kathleen Morrison colocou suas mãos em volta de um objeto multifacetado, que ficou irradiando uma luz vermelha, enquanto o híbrido olhava para ela e colocava suas mãos sobre as dela. Ele “baixou” (download) informações do seu cérebro – quais as teses escolares que ela estava escrevendo e como estava indo na escola. Ele também examinou mentalmente uma briga que ela tivera com sua irmã. A transferência de dados para os híbridos também inclui reações emocionais. Allison uma vez se encontrou “ligada” numa híbrida fêmea que se sentou na sua frente e realizou uma varredura mental. Allison viu coisas tristes e dolorosas da sua vida, como a morte do seu avô, e também viu coisas detestáveis. Quando o procedimento terminou, a híbrida disse que tinha tido muita sorte porque Allison tinha uma grande variedade de emoções.

Capítulo II – “Sei que isso pode parecer loucura, mas...”

Na escola, ela pode ter confidenciado a uma amiga e dito que viu fantasmas, talvez alienígenas, em seu quarto. A amiga pode ter guardado o segredo por algum tempo, mas logo todas as crianças da escola sabiam do fato e zombavam dela de forma implacável.

A abduzida aprendeu a não falar com ninguém. Quando adulta, ela provavelmente ficou quieta sobre suas experiências. Se contou para alguém, foi em contexto humorístico, geralmente cantarolando o tema musical de um filme cômico sobre ficção científica, imitando um teremim. Mas, secretamente, ela gostaria que alguém dissesse: “Sabe? Isso também aconteceu comigo.”

Quando se casou, ela não contou ao marido suas experiências, continuando a mantê-las em segredo. Não queria que ele pensasse que era maluca e sabia que ele não aceitaria a realidade de sua história nem lhe daria apoio. Assim, a maioria das

abduzidas aprende, no curso de suas vidas, que o melhor método de se proteger do ridículo e da zombaria é não dizer nada a ninguém. Passam a vida guardando seu segredo e escondendo seus temores. Contatar um pesquisador de óvnis como eu é um ato de bravura. As pessoas que suspeitam que alguma coisa fora de comum está acontecendo com elas começam suas cartas se desculpando: “Sei que parece loucura, mas...”, ou “Sei que o senhor rirá quando ler isso...”, ou “Redigi esta carta cem vezes no meu pensamento”.

Precisam desesperadamente de alguém que acredite nelas, mas sabem que irão contar uma história inerentemente incrível e temem abrir suas defesas contra a maior zombaria. A maioria das abduzidas se apresenta com a questão básica:

“O que está acontecendo comigo ?” Algumas têm um incidente específico que as levou a me procurar: “Em 1979, eu e meu namorado vimos um óvni que se aproximou de nós. Tudo do que me lembro é que corri e, então, estávamos em nosso carro seis horas mais tarde. Tenho pensado nesse incidente todos os dias.” Durante a subsequente sessão de hipnose, as abduzidas se lembram de eventos que podem ser profundamente perturbadores, estranhos e aterrorizadores. Quando perguntadas se querem submeter-se à hipnose e reviver suas experiências, elas sempre têm uma atitude ambivalente. Embora a maioria diga que sim e algumas não tenham certeza, umas poucas dizem não – preferem não saber o que está acontecendo com elas. Todas percebem que irão trocar um grupo de problemas por outro. Podem se livrar do pensamento constante sobre o que lhes está acontecendo, mas, agora que sabem, têm medo. A maioria reconhece que a consciência de seus problemas as transformou psicologicamente.



Tornaram-se mais integradas, menos confusas sobre a sua situação **emocionalmente mais fortes**. Também se sentem amedrontadas e impotentes em face da súbita e indesejável intrusão física em suas vidas. Eu me aproximo individualmente das abduzidas à procura de uma nova informação reveladora do fenômeno, embora quase todas contribuam com detalhes confirmatórios.

Em mais de 700 investigações que conduzi usando hipnose, a coleta de óvulos me foi referida 150 vezes, exames médicos 400 vezes, procedimentos de varredura cerebral (encarar nos olhos) 375 vezes, e contatos com bebês e crianças 180 vezes.

Algumas experiências me foram referidas apenas ocasionalmente. Se escuto alguma coisa apenas uma vez, e não estou muito certo da correção e veracidade da pessoa que está contando, suspendo a conclusão esperando confirmação por parte de outras abduzidas. Praticamente tudo o que descrevo nos capítulos seguintes foi confirmado muitas vezes. Entrevistei abduzidas da **América do Norte e do Sul, da Europa, da África e da Ásia**. Usei as transcrições das sessões hipnóticas que conduzi em 110 indivíduos da nossa população. Elas vêm de todos os setores da vida, fazendo um corte nas fronteiras éticas, raciais, de ensino, culturais, econômicas, políticas e geográficas. Algumas breves descrições destas bravas pessoas indicam a dimensão humana variada do fenômeno de abdução.

Allison Reed tinha 28 anos quando me procurou em junho de 1993. Ela e seu marido dirigiam um negócio bem-sucedido baseado em casa. Ela me encontrou enquanto eu estava de férias com minha família na ilha de Long Beach, em New Jersey. Estava

preocupada em virtude de coisas estranhas que lhe vinham acontecendo na vida. Ela aprendera a viver com isso silenciosamente, **mas recentemente seu filho de oito anos e sua filha de cinco estavam lhe contando coisas estranhas e aterradoras que também estavam acontecendo a eles. Ela ficou muito alarmada quando a descrição que seus filhos lhe fizeram de suas experiências parecia se confirmar pelas marcas em seus corpos.**



Quando seus filhos isoladamente fizeram desenhos descritivos do que lhes estava acontecendo, Allison decidiu agir. Primeiro, ela encontrou estudantes amadores de óvnis que estavam convencidos de que o governo estava escondendo um acidente de óvnis na costa oeste. Finalmente, ela me encontrou. Eu não trabalho com crianças, pois não compreendemos o efeito que o conhecimento de uma experiência de abdução pode causar em seu desenvolvimento. Mas concordei em estudar as estranhas experiências de Allison. Quando Allison descobriu que também estava envolvida com abduções, tomou a firme determinação de descobrir o máximo possível a fim de impedir a ameaça que isso constituía para ela e sua família.

Os fatos que ela narrou em suas sessões de regressão eram tão precisos como os demais que eu ouvira. Descobrimos abduções variando desde as neutras e procedurais até as traumáticas e fisicamente dolorosas. Somente após dezesseis sessões juntos é que ela me contou **um evento que lhe acontecera, assim como a seu marido e seu filho de dez meses em 1986.** O evento ocorreu durante um período de cinco dias. Nós os examinamos meticulosamente pelo espaço de seis sessões.

Allison se conformara com o fato de se envolver com o fenômeno de abdução. Ela tentara impedir as abduções usando uma câmera de vídeo focalizada nela toda a noite, mas apenas com

sucesso limitado. Como todas as abduzidas, Allison procurou uma acomodação psicológica com as abduções, pois assim poderia seguir sua vida sem ter de pensar constantemente no tormento que lhe ocorria e à sua família. Vi Christine Kennedy em 1992. Com uma vida cheia de experiências fora do comum, “sonhos” e episódios, tinha 29 anos e era mãe de três filhos. Quando adolescente, usara álcool para bloquear seus “terrores noturnos”. Fizera um tratamento e estava sóbria havia alguns anos quando me encontrou, continuando a freqüentar as reuniões de tratamento. Christine freqüentemente acordava com lesões no corpo. Quando tinha seis anos, acordou “sabendo” sobre relações sexuais. Ela havia visto óvnis; havia visto seres em seu quarto. Quando estava grávida de seu primeiro filho, ela se lembra de ter discutido com alguém dizendo que o bebê era “dela” e não “deles”. Christine leu um artigo a meu respeito na revista **OMNI** e veio me procurar.

Como Allison, Christine resistiu a seus abdutores. Ela nunca se entregou passivamente e sempre tentou resistir da melhor maneira que podia. Usou equipamento de vídeo e de gravação no quarto, para gravar a presença dos alienígenas **e tentar (em vão) impedi-los de levá-la e a seus filhos**. Christine odeia os seres extraterrestres e tentou proteger seus filhos e a si mesma dos alienígenas, sem sucesso. Pam Martin tem levado uma vida ainda mais fora do comum. Ela nasceu em 1944 e viveu por alguns anos num orfanato. Cresceu em New Jersey, de modo não-conformista e marginal por muitos anos. Abandonando seus estudos no oitavo grau, ela é basicamente uma autodidata, com talento para aprender arte e escrever. Quando jovem, trabalhou como taxi-girl num clube de dança, como motorista de caminhão e finalmente como auxiliar de saúde.

Como resultado de suas experiências com óvnis, Pam chegou a acreditar que estava vivendo uma vida “encantada” com seus “anjos da guarda”. Ela se tornou uma seguidora devotada da “Nova Era”. Após uma experiência de abdução particularmente nítida, Pam decidiu que os alienígenas eram definitivamente seres maravilhosos, que a visitavam vindos da **constelação das Plêiades**. Ela tinha certeza de que recebera “poderes” que lhe permitiam controlar o tempo e a realidade a seu bel-prazer. Quando precisava ir a algum lugar de carro, por exemplo, Pam achava que chegava muito antes do que seria de esperar.



O Aglomerado estelar M-45, as Plêiades

Tive mais de trinta sessões com Pam e como resultado ela ficou com uma ideia menos romântica sobre o que lhe havia acontecido. Inicialmente, ficou desapontada, pois o que se lembrou sob hipnose não eram as experiências agradáveis que imaginava, mas ela agora aceita a realidade do que lhe aconteceu.

Convenceu-se de que nem os anjos da guarda nem a Plêiades tiveram contato com ela e que o tempo e a realidade não podem ser controlados. O que Pam deseja agora é poder enfrentar os seres sem medo e conseguir respostas sobre as suas atividades. Seu marido lhe tem dado apoio e sente que também pode ter sido um abduzido, embora não queira se aprofundar em suas experiências. Claudia Negrón nasceu em Porto Rico, em 1941, e veio para o continente quando tinha seis anos. Criou dois filhos sozinha, após seu divórcio em meados da década de 1970. Começou a faculdade com 22 anos. Formou-se e agora trabalha como secretária. Fascinada pelo fenômeno dos óvnis na idade adulta, Claudia afiliou-se a um grupo de estudos de óvnis. Sua vida é cheia de abduções e ela ficou sensibilizada pela sua ocorrência. Quando os detalhes de suas abduções surgiram na hipnose, ela queria saber o máximo sobre o assunto. Entretanto, Claudia é ambivalente. Por maior que seja a sua curiosidade sobre o fenômeno, ela deseja que ele não mais se repita.

Susan Steiner nasceu em Nova York, em 1950, formou-se e começou sua carreira como técnica de fotografia num estúdio em Nova York. Casou-se em 1987 e desde então trabalha em seu próprio negócio de marketing. A princípio, Susan era extremamente cética sobre o que lhe estava acontecendo. Como

muitos abduzidos, ela desenvolvera explicações alternativas para as suas experiências de abdução, mas houve um incidente em 1985 que a impeliu a me procurar. Ela e uma amiga estavam num camping, quando viram um óvni de perto. Seguiu-se um período de medo e confusão e quando tudo passou ela não se lembrava de um período perdido de várias horas. Durante anos, Susan pensou no incidente antes de finalmente vir a mim para realizar a hipnose. Ela concluía que seu marido não lhe daria apoio se lhe contasse que era uma abduzida.

Terry Mathews me escreveu sobre suas experiências fora do comum em outubro de 1994. Ela nasceu numa pequena cidade da Pensilvânia e criou-se numa família de classe média alta e de pai abusivo. Presumiu que sua vida de experiências e sonhos fora do comum era de certo modo relacionada com as ações de seu pai. Isso foi aparentemente confirmado por um terapeuta que, por meio da hipnose, descobriu memórias reprimidas de abuso emocional e sexual. Ela se convenceu de que fora vítima de abuso sexual e submeteu-se a anos de terapia por causa disso. Sempre emocionalmente “presa”, Terry rompeu acrimoniosamente com um terapeuta, quando ele começou a introduzir idéias sobre “**vidas passadas**”.

Embora ela seja uma pessoa **muito religiosa**, foi difícil para Terry associar suas experiências fora do comum com suas convicções religiosas. Ela encontrou uma via de escape à sua inquietude na literatura, e quando a encontrei estava procurando um editor para publicar seus romances. Filha de um clérigo, Michele Peters pensava que algumas de suas experiências eram de natureza religiosa. Como Terry, ela enfrenta suas memórias escrevendo sobre elas e é autora de um romance inédito. Dotada de um humor sardônico e charmoso, nunca se sentiu vitimizada pelo fenômeno. Como Pam Martin, ela tinha uma estranha convicção de que estava sendo visitada pelo seu “anjo da guarda”. Pensou que tais visitas se haviam interrompido com seu casamento aos vinte anos, em 1982. Mas, aos 32, Michele acordou no meio da noite vendo luzes azuis brilhantes entrando em sua casa. Tentou acordar seu marido e não conseguiu. Levantou-se e foi até a sala, de onde olhou pela janela, mas a luz era tão brilhante que não distinguiu grande coisa. Sua próxima lembrança foi no dia seguinte, sentindo-se enjoada; sua camisola havia sido retirada e seu robe estava pelo avesso. Este evento assustador a impeliu a procurar pela origem de suas experiências.

Reshma Kamal nasceu na Índia e mudou-se com sua família para Mineápolis, quando criança. Casou-se com um indiano e

mantém suas tradições indianas em casa. Quando percebeu, ainda adolescente, que coisas estranhas estavam acontecendo, dedicou-se a descobrir as origens. Sua mãe levou-a à Índia, na crença de que os curandeiros tradicionais poderiam livrá-la de tais experiências, mas ela achou essa atitude irritante e ingênua. O médico da aldeia e outros amigos decidiram que ela estava fabulando as experiências para chamar a atenção dos demais, pois ela queria se casar. Anos mais tarde, o desejo de compreender suas experiências tornou-se mais forte, pois Reshma **percebeu que elas também estavam acontecendo com seus cinco filhos.**

Ela lembrava-se conscientemente de vários detalhes e durante anos manteve um diário. Seu marido lhe dá apoio e aos filhos, mas, como ocorre com outras abduzidas, a família se sente impotente para impedir as abduções. Encontrei Kathleen Morison quando ela assistiu a meu curso sobre “Os Óvnis e a Sociedade Americana” na Universidade Temple. Ela retornara à faculdade após uma longa ausência para receber seu doutorado. Quando o assunto do curso abordou o fenômeno de abdução, Kathleen tornou-se irritada a ponto de não poder mais assistir às aulas. Ela me contou que havia alguns anos fora ao teatro

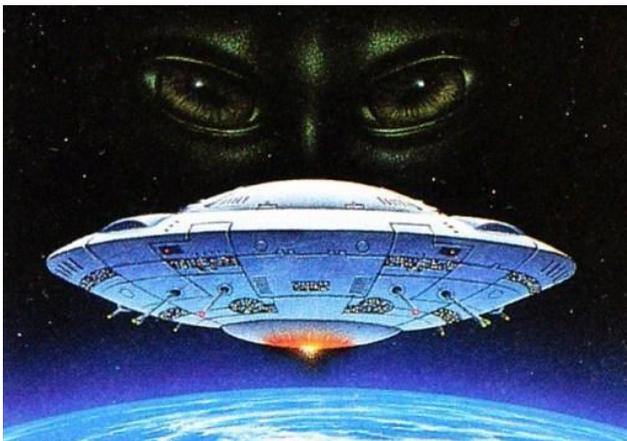
assistir a uma peça na qual um dos atores flutua no ar.

A cena lhe despertou memórias vagas que lhe instigaram tanto pânico, que ela precisou fugir para o saguão. Ali ela ficou apoiada num corrimão para não cair, presa de pura raiva. Tivemos 26 sessões hipnóticas no curso, durante as quais ela descobriu a razão de seus temores à medida que tomou consciência das muitas invasões dos alienígenas em sua vida. Apesar de estar casada há vinte anos, Kathleen não contou ao marido, temendo que os aspectos sexuais das abduções fossem muito difíceis para ele aceitar.

Jack Thernstrom era um estudante de mestrado numa universidade. Ele me procurou para examinar alguns eventos fora do comum em sua vida, alguns dos quais interpretara como de fundo religioso. Jack lembrava-se, de modo confuso e perturbador, de estar no porão da casa e ver um pequeno ser “sair do rádio” e “serpentes que o seguiam”, e de ser “violentado” no mato. Suas sessões hipnóticas foram difíceis. Ele cerrava os dentes, ficava com os músculos retesados e tremia violentamente de ansiedade durante cada sessão. Depois de dez sessões, Jack subitamente se deu conta de que não deveria partilhar suas experiências comigo, pois isso seria um tipo de violação de sua privacidade. Ele

interrompeu a hipnose, embora ainda participe do meu grupo de apoio.

Budd Hopkins e eu trabalhamos com Kay Summers. Com 31 anos, ela mora no Meio Oeste e talvez seja a pessoa que mais tenha tido sessões hipnóticas. Ela passou por toda a gama de procedimentos de abdução, sofrendo mais violência do que a maioria. Embora tenha freqüentemente sofrido uma série de traumatismos em suas abduções, incluindo, em duas ocasiões, ossos fraturados, sua disposição em face da adversidade é extraordinária. Ela insiste em levar uma vida normal e se recusa a se entregar à depressão, que freqüentemente a assedia. Seus pais são hostis à realidade do fenômeno, e não lhe dão qualquer apoio, e ela não contou nada ao homem com quem vive, com medo de perdê-lo. Por causa de seus problemas, Kay vive uma existência emocionalmente isolada – à parte falar comigo e Hopkins. Ela está completamente resignada com sua sorte e nos momentos de maior depressão chega a me dizer que espera que os seres a matem, pois assim se livrará deles de uma vez por todas. Faço o possível para levantar seu moral e ajudá-la a superar sua depressão, canalizando-a para áreas mais produtivas de resistência. Entretanto, devo admitir que a depressão é uma reação previsível e freqüente ao fenômeno. Todos os abduzidos neste estudo estão unidos pelo desejo de compreender o que lhes está acontecendo. Partilham o laço comum de estarem envolvidos com um fenômeno que a princípio não podiam entender, depois não podiam acreditar e agora não podem controlar. Todos estão determinados a dominar intelectual e emocionalmente as suas experiências.



Enquanto descrevem suas abduções, eles também descrevem freqüentemente experiências neutras e até agradáveis. Entretanto, de longe, o tipo mais prevalecente é perturbador e

traumático. Eu só posso ouvir e encorajá-los a suportar. Minha responsabilidade é ser tão honesto e compreensivo quanto possível; especulação amadorística – e enganadora – pode se encontrar em toda parte. Eu os ajudo a compreender o que aconteceu e como eles podem prosseguir em suas vidas diante do problema. É tudo o que posso fazer. Sei que o único meio de ajudá-los de forma permanente seria parar com as abduções, mas isso eu não posso fazer.

Durante o processo de rememoração de suas experiências, muitos abduzidos percebem sua situação especial. Eles estão na linha de frente da investigação desse fenômeno monumentalmente importante. São os “escoteiros” que voltam e relatam o que viram e experimentaram. Como “participantes/observadores”, desempenham o mais importante de todos os papéis. Eles trazem a pesquisadores como eu as peças do quebra-cabeças para que possamos armá-la. Não são apenas vítimas das abduções, são também heróis, pois sem os seus relatos não se conseguiria nenhum conhecimento profundo do que quer que esteja acontecendo dentro do fenômeno dos óvnis e extraterrestres.

Tenho recebido milhares de telefonemas e cartas de pessoas que têm lembranças de experiências fora do comum e são grandemente perturbadas por elas. Durante anos, elas tentaram, em vão, descobrir a origem dessas memórias. Elas pensam que eu posso ajudá-las.

É claro que o fato de uma pessoa ter experienciado eventos fora do comum não significa que ele ou ela seja necessariamente um(a) abduzido(a). Desenvolvi um processo de triagem para eliminar aquelas pessoas que não apresentam seriedade em seus propósitos (elas podem estar meramente seguindo um palpite), as que não estão emocionalmente preparadas para examinar suas experiências, e as que, na minha opinião, não tiveram experiências sugerindo que sejam abduzidas.

Capítulo III – Sombras da Mente

Primeiro, eu as submeto propositadamente a uma série de testes. Exijo que elas preencham um questionário sobre as experiências que as impeliram a aparecer, e sobre outras que não perceberam que poderiam ser parte do fenômeno de abdução (por exemplo: “Você já viu um fantasma?”). Peço-lhes que me enviem o questionário e me telefonem mais tarde. Analiso o questionário e decido se suas experiências são bastante significativas para

justificar uma investigação mais profunda sob hipnose. Quando falo com elas novamente, tento persuadi-las a não examinar o que pode ser uma caixa de Pandora.

Advirto-as severamente sobre os perigos que envolvem prosseguir com a hipnose e descobrir um evento de abdução: elas podem ficar deprimidas, ter perturbações de sono, sentir-se emocionalmente isoladas e assim por diante. De fato, elas poderiam estar trocando um grupo de problemas por outro. Insisto em que falem sobre sua decisão com pessoas que lhes são próximas e depois me telefonem. Então, mando-lhes um panfleto que reitera minhas advertências a fim de que tomem a decisão com pleno conhecimento.

Cerca de 30 por cento das pessoas que me procuram decidem, nesse ponto, não se submeter à hipnose. Essa é a decisão mais correta para elas, não importando suas razões. Se decidem prosseguir no processo, faço-lhes outra advertência verbal sobre os perigos potenciais e, no caso de ainda quererem, marcamos uma data para a sessão. Quando chegam para a primeira sessão de regressão hipnótica, já tivemos várias conversas e elas estão conscientes dos problemas que podem resultar das regressões. Também estão conscientes de que as lembranças podem não ser exatas nem verdadeiras.

Quando finalmente chegam a minha casa, subimos as escadas para o meu escritório no terceiro andar e conversamos por uma ou duas horas antes de começar a sessão de hipnose. Concordamos sobre qual evento de suas vidas desejamos investigar durante a sessão. Pode ser, por exemplo, um período de tempo que se perdeu, ou um incidente no qual acordaram para encontrar homenzinhos em pé, ao lado de sua cama. Elas então se deitam em meu sofá e fecham os olhos, e eu começo um relaxamento induzido que lhes permite concentrar-se e focar. Na primeira sessão, elas ficam freqüentemente confusas, pois não atingiram ainda uma “terra de sonhos”, ou porque se sentem quase em estado normal. Elas observam que podem discutir comigo, levantar-se para ir ao banheiro e fazer o que quiserem.

Nunca sei o que vai resultar de uma sessão de hipnose. Se o hipnotizado se lembra de uma experiência de abdução – e ocorrem “alarmes falsos”, quando parece que pode ter ocorrido uma abdução mas não ocorreu -, eu começo a fazer uma série de perguntas cautelosas, geralmente como se fosse uma conversa informal, a partir do que eles estão dizendo. Alguns abduzidos contam suas experiências friamente, como se estivessem olhando o

passado; outros liberam suas memórias como se estas estivessem acontecendo naquele momento.

Alguns se mantêm calmos com relação ao que lhes está acontecendo, outros ficam tão assustados que se torna difícil continuar, embora eu tente confortá-los durante a experiência. Alguns se lembram aos saltos, como se as memórias chegassem aos pedaços. Outros têm dificuldade em expressar as lembranças que lhes chegam em catadupas como numa inundação. Quase todos os abduzidos recordam suas experiências num misto de espanto, surpresa e familiaridade. Quando terminam, eles se lembram do que lhes aconteceu e conversamos por uma ou duas horas. Quando os abduzidos deixam meu escritório, já se passaram cerca de cinco horas.



Mesmo com minhas advertências e as discussões preliminares, cerca de 25 por cento desistem nesse ponto – estão muito assustados para prosseguir. Para os que prosseguem, eu conduzo tantas sessões de hipnose quanto possível. Eles desejam desesperadamente compreender o que houve e como isso influenciou suas vidas. Já conduzi até trinta e três sessões com uma pessoa, embora a média para os 110 abduzidos com quem trabalhei seja de seis sessões. Geralmente, evito investigar duas vezes o mesmo evento. Meu estilo de indagação não é interrogatório. Realizo um toma-lá dá- cá com os abduzidos, quando percebo que eles não se deixarão levar, mesmo inadvertidamente.

Eu os forço a pensar com cuidado sobre os fatos. Tento dar-lhes perspectiva e a habilidade de analisar à medida que se lembram. Sobretudo, tento “normalizar” as lembranças, de modo que possam se liberar dos grilhões dos efeitos inconscientes e psicológicos da abdução, a fim de que prosseguir em suas vidas sem o pensamento fixo em sua situação. Gosto de conduzi-los a um ponto

em que não precisam mais da hipnose para compreender o que lhes está sucedendo. A hipnose não é fácil. Desde que uma pessoa queira ser hipnotizada, qualquer um pode praticá-la. A coisa se complica no momento de formular as perguntas certas no tempo certo e interpretar as respostas.

A dinâmica ideal entre aquele que hipnotiza e o abduzido depende do grau de conhecimento do fenômeno de abdução por parte de quem hipnotiza, sua experiência com a hipnose e os pressupostos de seu objetivo. Além disso, o hipnotizador deve ajudar o abduzido a enfrentar as memórias, por vezes traumáticas, intervindo terapêuticamente durante a sessão para dar-lhe segurança. Assim, um hipnotizador/pesquisador deve ter um conhecimento profissional de hipnotismo, um conhecimento efetivo do fenômeno de abdução, uma familiaridade com as fabulações mais comuns e falsas memórias, e habilidade terapêutica. Infelizmente, há poucas pessoas com estas qualificações.

Todos os pesquisadores competentes aprendem rapidamente que a memória é inconfiável. Não é fora do comum a pessoa lembrar-se de um acontecimento traumático de forma imprecisa. Os pesquisadores têm demonstrado que podem fazer com que algumas pessoas se lembrem de alguma coisa que nunca aconteceu. Uma discussão casual, mas calculada, de um evento pode inculcar “memórias” sem base na realidade. E também com o passar do tempo as lembranças se degradam, os acontecimentos se misturam e a fantasia invade a realidade. Fui extremamente afortunado por ter encontrado memórias confiáveis desde a primeira vez que conduzi uma sessão de hipnose.

Melissa Bucknell, de 27 anos, uma empregada de agência imobiliária, combinou comigo, antes da sessão, investigar um incidente que ocorrera quando tinha seis anos. Ela começou descrevendo um jogo com um amigo, num campo. Ela se abaixou para ver uma borboleta, imobilizou-se naquela posição, e sentiu-se flutuar em direção a um óvni. Seres de aparência estranha removeram suas roupas e a colocaram sobre uma mesa. Eles realizaram exames médicos e, para seu constrangimento, também realizaram procedimentos ginecológicos. Depois do exame, um alienígena com a aparência mais humana, a quem ela chama de Sanda, conduziu-a para uma sala onde ela encontrou um pequeno ser.

Melissa foi forçada a tocar a cabeça do pequeno ser e imediatamente sentiu amor, calor e afeto emanando dele. Então, Sanda levou-a para outra sala, onde ela encontrou um conselho, de vários alienígenas sentados, em torno de uma mesa. Os

alienígenas comentaram o quanto Melissa era boa, forte e brilhante e disseram que ela conservaria as mesmas qualidades quando adulta. Depois disso ela foi levada da sala, suas roupas lhe foram devolvidas e ela foi levada de volta ao campo onde estava antes. Mais tarde naquela noite, escutei a fita da sessão. Horrorizado, descobri que Melissa havia falado tão baixo que meu microfone perdera grande parte do que ela dissera. A fita não gravara quase nada.

Continuando a trabalhar com Melissa, três meses mais tarde sugeri que recapitulássemos nossa primeira sessão de regressão, explicando-lhe que tivera um problema com o gravador. Desta vez, Melissa estava menos segura do que acontecera. Ela disse que voara para dentro do óvni. Lembrava-se da parte ginecológica de seu exame, que mais uma vez estava constrangida para narrar. Ela contou como os seres a levantaram da mesa, a vestiram de novo e a levaram de volta ao campo. Mas, para minha surpresa, ela não relatou o encontro na sala com o pequeno alienígena cinzento, cuja cabeça tocara e cujo amor sentira. O encontro com os alienígenas em torno à mesa também foi omitido. Eu estava perplexo. Na primeira vez, Melissa falara do pequeno alienígena com grande emoção e convicção. Agora, quando lhe perguntei sobre o encontro, ela nem tinha certeza se havia acontecido.

Então, perguntei sobre o encontro com o conselho de pequenos alienígenas. Melissa pensou por um segundo e disse que talvez isso tivesse acontecido com outra abduzida, que era sua amiga. Ela tinha certeza de que não acontecera com ela. A experiência me ensinou uma lição valiosa porque percebi que, com toda a sinceridade e honestidade, os abduzidos podem, às vezes, lembrar-se de coisas que não são verdadeiras. Resolvi trabalhar com uma metodologia estrita que vigiasse a ocorrência de falsas memórias. À medida que minha pesquisa prosseguia e um abduzido relatava alguma coisa que eu não tinha ouvido antes, eu esperava a confirmação por outro abduzido que não conhecesse o testemunho. Passei a questionar cuidadosamente cada inconsistência, lacuna ou salto lógico.

Passei a procurar uma cronologia completa e tentar obter um relato segundo a segundo de cada evento de abdução, sem saltos, lacunas ou omissões. Nunca tive nem ouvi falar de outro relato de abdução no qual a abduzida tivesse sido forçada a tocar na cabeça de um alienígena para receber emoções amorosas. Ouvi relatos de alienígenas sentados numa “escrivanhinha” e que falam com a abduzida, mas as circunstâncias eram muito diferentes das do

relato de Melissa. Além disso, Melissa nunca mais se lembrou de um evento parecido durante as suas mais de trinta sessões de abdução.

Tudo isso sugere que ela pode ter absorvido inconscientemente algum fragmento de memória de sua amiga abduzida e tê-lo confundido com os detalhes de sua própria história. Melissa me fizera um tremendo favor. Ela me ensinara sobre os perigos do testemunho hipnoticamente lembrado. Foi uma lição que aprendi com gratidão, lição que todos os hipnotizadores de abduções e pesquisadores devem aprender.



Memória de eventos normais

A memória normal não é bem compreendida. Os neurologistas sabem que o cérebro humano registra eventos e lhes dá um código de “prioridade”. Por exemplo, a lembrança de um crime testemunhado recebe uma prioridade superior ao passante que atravessa uma rua. O cérebro então organiza o material de acordo com o impacto sensorial. Ele primeiro coloca os componentes visuais, auditivos, olfativos e tácteis na memória a curto prazo e então, se os demais componentes são importantes, os armazena em miríades de neurônios que constituem a memória de longo prazo.

O cérebro tem um sistema de recordação para lembrar de vários modos: pensando sobre o evento; relacionando com outro evento para despertar a memória; ou ligando a memória a uma visão, um som, um cheiro ou um toque para facilitar a lembrança. A memória pode também residir no consciente de cada um, sem o mecanismo especial de lembrança, como nos casos de eventos traumáticos difíceis de esquecer.

A memória não é armazenada linearmente. Ela é armazenada num banco de dados “relacional”, no qual vários fragmentos de memória são colocados em vários “escaninhos” neurológicos. A data e a hora de um evento são armazenados num escaninho, o lugar em outro, os sons associados com o evento em outro, a cor e os cheiros ainda em outro escaninho, os sentimentos em outros e assim por diante. Cada um desses fragmentos de memória pode ser esquecido. Cada um pode se degradar e distorcer.

Às vezes uma pessoa se lembra de um fragmento de memória que só faz sentido se criar inconscientemente um cenário, mesmo que esse cenário seja fictício, para incorporá-lo. Em face das complexidades da memória, é de esperar que muitos críticos do fenômeno de abdução argumentem que as abduções são apenas truques que a memória fabrica para as pessoas. Eles se referem à síndrome de falsa memória, às memórias anteparo e à “contaminação” pela mídia, para explicar os relatos de abdução. Eles também atacam o uso da hipnose para lembrar os eventos, sob o argumento que isso também pode suscitar memórias falsas.

São válidas suas objeções?

A síndrome de falsas memórias Os críticos do fenômeno de abdução acusam os abduzidos, freqüentemente encorajados por pesquisadores, de criarem, mesmo sem saber, fantasias de abdução. Que as pessoas têm falsas memórias é fora de dúvida. Em dadas circunstâncias, elas podem, por exemplo, inventar histórias complexas de abuso físico e sexual. As falsas memórias de abuso ocorrem quando as pessoas se lembram de eventos, geralmente da infância, que não aconteceram. Entretanto, os detalhes que as vítimas relatam podem ser extraordinários. Elas contam essas experiências com o impacto emocional de eventos reais. Alguns se lembram de cultos satânicos que os aterrorizaram e até mataram bebês em rituais de sacrifícios humanos.

Quando as “vítimas” são confrontadas com os fatos (os investigadores não encontraram bebês mortos; não há bebês dados por desaparecidos na época e lugar dos casos de abusos rituais), elas fornecem explicações revoltadas – como dizer que as próprias mães eram satanistas que entregaram seus bebês para os rituais e não denunciaram a sua falta. As pessoas podem criar falsas memórias com tanta convicção e sinceridade, que conseguem enganar alguns investigadores. O descobrimento de falsas memórias de abusos sexuais pode também causar

grandes transtornos emocionais na vida das pessoas. Famílias podem ser dilaceradas, filhos afastados, ações judiciais podem ser propostas, e pessoas inocentes são acusadas e até mesmo presas injustamente.

A descoberta de falsas memórias é geralmente facilitada por um terapeuta que está convencido de que seu cliente foi abusado sexualmente (ou qualquer outro abuso referido pelas falsas memórias), mesmo que o cliente não tenha delas nenhuma lembrança. Por meio de persuasão insistente, o terapeuta inculca no cliente a ideia de que todos os seus problemas emocionais provêm da repressão de lembrança de algum trauma antigo. O terapeuta pode dizer ao cliente que, se pensar profundamente, ele se lembrará do evento traumático. A cura só pode começar, diz o terapeuta, se as lembranças começarem a surgir. O fato de não se lembrar significa que a vítima está reprimindo-o e a própria repressão torna-se “prova” do abuso. Presa neste redemoinho, a vítima de um terapeuta honesto mas incompetente dificilmente conseguirá evitar o pior.

Finalmente, como no caso bem divulgado de Paul Ingram e suas filhas, os sujeitos “lembram-se” do abuso. Existem especialistas pesquisadores da síndrome de falsas memórias que têm uma longa experiência com alegações de abuso sexual e podem desmascarar falsas memórias. Entretanto, eles começaram a ampliar sua especialidade para áreas nas quais, desafortunadamente, não são competentes. O fenômeno de abdução tem se tornado um alvo irresistível. Por exemplo, o psicólogo e especialista em hipnose Michael Yapko escreve, em seu livro Sugestões de abuso, que o fenômeno de abdução é simplesmente uma questão de “fenômeno da sugestibilidade humana”, que lhe causa “irritação e incredulidade.”

A psicóloga e especialista em memória Elizabeth Loftus, em seu livro O mito da memória reprimida, trata as abduções como atos de irracionalidade realizados por “pessoas que de outros modos são saudáveis e inteligentes”. Ela cita as afirmativas do psicólogo Michael Nash, que “tratou com sucesso” um homem que afirmava que lhe haviam tirado uma amostra de esperma durante uma abdução. Usando a hipnose e outras práticas terapêuticas, Nash acalmou o homem e o ajudou a retornar à sua rotina diária normal, mas, lamenta Nash: “Ele saiu do meu consultório tão plenamente convencido de que havia sido abduzido quanto quando entrou.” Loftus concorda com Nash de que o poder das falsas memórias desse homem fez com que ele continuasse a acreditar em sua história ridícula.

Loftus e Nash, juntamente com outros críticos, estão errados. Nem eles nem outros críticos jamais apresentaram provas de que os relatos de abdução são o produto da síndrome de falsas memórias (ou, de qualquer modo, outro motivo para as experiências sofridas pelos abduzidos). A razão pela qual eles não apresentaram essas provas reside na circunstância de não entenderem o fenômeno de abdução. Se assim não fosse, eles perceberiam que os relatos de abdução se diferenciam da síndrome de falsas memórias em cinco pontos.

1. *Em contraste com as vítimas da síndrome de falsas memórias, os abduzidos não relatam apenas experiências da infância. Eles se lembram, é claro, de eventos de abdução ocorridos na infância, pois o fenômeno de abdução começa na infância, mas também se recordam de eventos de abdução ocorridos na idade adulta. De fato, muitos relatos de abdução, diversamente dos relatos de falsas memórias, são relativos a fatos bem recentes. Das últimas 450 abduções que investiguei, cerca de 30 por cento ocorreram nos últimos 30 dias do relato e 50 por cento no último ano. Também investiguei eventos de abdução que me foram relatados algumas horas ou alguns minutos depois de sua ocorrência. Em 1991, por exemplo, Jason Howard, um professor de escola primária, dirigia-se para um encontro de apoio a abduzidos em minha casa. Ele colocou os sapatos, que guarda junto à porta da frente de sua casa. É a última coisa que ele faz antes de sair de casa. Subitamente, já se haviam passado quatro horas e Jason estava em seu quarto no andar superior. Ele me telefonou imediatamente dizendo que se lembrava vagamente de ter calçado os sapatos e depois deitado no sofá. Quando conduzi uma sessão de hipnose sobre esse evento, Jason lembrou-se de ter calçado um sapato e ter tido uma vontade irresistível de se deitar no sofá. Lembrou-se de que os seres pequenos apareceram em sua sala e o flutuaram através do teto, diretamente para o interior de um óvni que estava esperando. Seguiram-se uma série de procedimentos, incluindo coleta de esperma e seqüências de visões. Os alienígenas o trouxeram de volta à sua casa, mas em vez de o colocarem no sofá, onde ele estava no começo da abdução, colocaram-no em sua cama no quarto de dormir do andar superior. Quando ele recobrou a consciência, percebeu que alguma coisa acontecera e me*

telefonou. O relato imediato desse evento não se enquadra na síndrome de falsas memórias.

- 2. Em contraste com as vítimas da síndrome de falsas memórias, os abduzidos têm corroboração indireta dos eventos. Eu estava ao telefone com Kay Summers, cuja experiência de abdução começou enquanto estávamos falando. Ela descreveu um barulho descomunal, às vezes associado com o início de uma abdução, e eu também ouvi o barulho ao telefone. A hipnose revelou, mais tarde, que logo depois que desligou o telefone ela foi abduzida. As falsas memórias não tomam forma simultaneamente à ocorrência de eventos atuais, durante os quais um pesquisador é um corroborador indireto.*
- 3. Em contraste com as vítimas da síndrome de falsas memórias, os abduzidos freqüentemente se lembram de eventos sem a ajuda do terapeuta. Eles podem se lembrar de eventos que aconteceram em momentos específicos de suas vidas. Eles sabem que determinado evento ocorreu e não precisam da terapia para recuperar suas memórias.*
- 4. Em contraste com as vítimas da síndrome de falsas memórias, os abduzidos desaparecem fisicamente durante o evento. O abduzido não está nos lugares habituais; as pessoas o procuram e não acham. O abduzido geralmente tem consciência de uma lacuna de duas ou três horas que nem ele nem ninguém sabe explicar. Essa corroboração física não ocorre na síndrome de falsas memórias.*
- 5. Em contraste com as vítimas da síndrome de falsas memórias, os abduzidos podem fornecer confirmação independente da abdução. Aproximadamente 20 por cento das abduções incluem duas ou mais pessoas que se vêem durante o evento de abdução. Às vezes eles relatam isso ao investigador.*

Além disso, é importante notar que, diversamente das vítimas da síndrome de falsas memórias, os abduzidos não experimentam as perturbações de sua vida pessoal depois que tomam consciência de sua situação. De fato, muitas vezes ocorre justamente o contrário. Quando os abduzidos se submetem à hipnose competente e compreendem a natureza de suas memórias, freqüentemente começam a ter controle intelectual e emocional dessas memórias. Eles se sentem mais confiantes à medida que percebem que seus pensamentos e temores inexplicáveis durante anos (por exemplo, medo de ir para o quarto à noite, lembranças de estar deitado numa mesa de uma sala estranha cercado de criaturas e se assustar diante de exames médicos) eram reações apropriadas a estímulos poderosos e desconhecidos.

Rememorando os eventos, os abduzidos controlam os temores que os atormentavam durante anos e colocam suas vidas em ordem, embora saibam que o fenômeno de abdução não irá terminar. O conhecimento do fenômeno de abdução os ajuda a levar uma vida mais “integrada”, em vez de sofrerem dos poderosos efeitos perturbadores tão comuns às vítimas da síndrome de falsas memórias.

Memórias anteparo de abusos sexuais

Antes que a síndrome de falsas memórias se tornasse importante, os terapeutas presumiam que os relatos de abdução se deviam a memórias reprimidas e abusos sexuais na infância. Eles postulavam que como o abuso era tão traumático, a vítima inconscientemente transformava o abuso em relatos de abdução. Para enfrentar o terror, a pessoa vivia com o trauma mais “aceitável” de ser abduzida por alienígenas.

Não há provas para essa explicação. Não existem notícias de que um relato de abdução seja “memória anteparo” de abuso sexual. De fato, ocorre o contrário. Há provas de que as pessoas que se “lembram” de terem sido sexualmente abusadas foram, na realidade, vítimas do fenômeno de abdução. Jack Threerstrom se lembra de estar andando com sua irmã num quintal cercado atrás de sua casa quando tinha doze anos. Durante a caminhada, Jack viu um homem com “óculos escuros” que abusou sexualmente dele. Jack não precisou os detalhes, mas se lembra de que retiraram suas roupas e expuseram seus órgãos genitais. Ele não tem certeza do que aconteceu a sua irmã, mas pensa que talvez ela tenha fugido. Ele nunca relatou o evento a ninguém, e durante os dezoito anos seguintes viveu com a memória traumática de que teria sido abusado sexualmente por um estranho.

Quando Jack rememorou o episódio numa sessão de hipnose, **o homem de óculos escuros (MIB)** resultou ser um alienígena, e o incidente não passava de um evento de abdução rotineiro, no qual Jack passou por um exame médico. Ele não havia sofrido abuso sexual. Jack criara uma “memória” de fragmentos do evento que, horrível como deveria ter sido, fazia mais sentido para ele como sendo um abuso sexual. Em outro caso, “Julie” se lembrava de um evento ocorrido quando tinha dez anos. Ela estava em casa no bar do porão com seu pai e três vizinhos. Julie tem lembrança do seu pai segurando suas mãos sobre a sua cabeça enquanto os vizinhos a violentavam sexualmente.

Numa regressão hipnótica essa mulher revelou que isso havia sido um evento de abdução que começara quando ela estava no bar do porão com seu pai e seus amigos. O pai e dois dos vizinhos foram imobilizados e colocados em estado semiconsciente (“desligados”), durante o evento. Os alienígenas levaram a ela e um vizinho, o Sr. Sylvester, do porão para um óvni. Durante o evento de abdução, ela passou por visões de contato sexual entre um homem e uma mulher (ela pensa que o homem seria talvez o Sr. Sylvester). Quando o episódio terminou, os alienígenas a levaram de volta para o bar, juntamente com o vizinho. Ela não foi sexualmente violada naquela ocasião. O Sr. Sylvester, que ela detestou durante anos, resultou ser tanto vítima quanto ela. Obviamente, nem todos os casos de abuso sexual são eventos de abdução. Uma abduzida lembra-se de ter sido violada sexualmente quando tinha treze anos. Ela não se lembra de como desceu as escadas até o quarto de seu assaltante sexual, também adolescente, e estava confusa sobre outros detalhes. Suspeitando que isso poderia ser uma memória anteparo de uma abdução, ela o estudou sob hipnose. Ela se lembrou do rapaz, de como desceu as escadas, do que aconteceu no quarto e do que aconteceu depois. Ela não se lembrou de ter visto alienígenas, ter sido transportada para fora da casa ou ter estado a bordo de um óvni. Ela foi violada sexualmente e não abduzida.



Contaminação pela mídia

O seriado de televisão e os filmes Jornada nas Estrelas, em essência, tornaram-se parte da consciência americana. Milhões de pessoas viram essas narrativas fictícias de humanos e alienígenas, do mesmo modo que muitas pessoas viram relatos de

abdução na televisão ou leram livros a respeito. A sociedade tem sido tão inundada com histórias sobre abdução por alienígenas que se tornou difícil para a maioria das pessoas escapar delas. Um relato de abdução “puro” está ficando cada vez mais difícil de obter. O problema da influência da mídia acerca dos óvnis e dos relatos de abdução têm empestado os pesquisadores de óvnis. No correr dos anos, os investigadores aprenderam a julgar cada aparição de óvni pelos seus próprios méritos, desenvolvendo uma metodologia para “separar o joio do trigo”.

A credibilidade de uma testemunha, a qualidade da informação e os relatos corroborativos de outras testemunhas têm sido o critério na avaliação da validade de um relato. Os pesquisadores agora aplicam esse processo aos relatos de abdução. A contaminação da mídia representa um problema para a pesquisa de abdução? Não. Embora ocorra de tempos em tempos, de fato a maioria dos abduzidos são extremamente sensíveis aos perigos das influências culturais. Quando eles examinam suas memórias comigo, estão profundamente conscientes da possibilidade de que talvez tenham “pescado” um incidente e o tenham incorporado em sua narrativa. Nas primeiras sessões de hipnose, a auto-censura é tão forte que se torna um problema. As pessoas não querem dizer alguma coisa que dê a impressão de que são loucas e não desejam papaguear alguma coisa que tenha sido colhida na sociedade.

Elas estão tão preocupadas com essa contaminação que muito freqüentemente tenho de insistir em que verbalizem suas memórias e não as censurem. Quando os abduzidos me dizem o que eles lembram, suas narrativas em geral têm uma riqueza de detalhes que não poderia provir da contaminação da mídia. A mídia em geral dissemina muito pouca informação sólida sobre abduções. Que os abduzidos se lembrem e descrevam aspectos específicos dos procedimentos – detalhes que muitos abduzidos descrevem mas que nunca foram publicados – é extraordinário e milita fortemente contra as influências culturais. Um bom exemplo de ausência de contaminação da mídia é o livro, altamente controverso, de Whidey Strieber, *Comunhão*, em 1987. Esse livro ficou na lista dos bestsellers do *New York Times* durante trinta e duas semanas e no primeiro lugar por quase cinco meses.

Whidey Strieber conta detalhes de suas experiências que não coincidem com o que diz a maioria dos abduzidos. Ele fala de ter sido transportado para uma ante-sala suja onde se sentou num banco, em meio a um grande barulho. Essa passagem altamente evocativa de seu livro foi tão impressionante quanto aterradora. Se a contaminação da mídia fosse um problema, seria de esperar

que alguns dos abduzidos com quem trabalhei e que leram Comunhão descrevessem uma situação semelhante. Isso não ocorreu. Nenhum deles jamais disse ter se sentado numa sala suja ou cheia de roupa velha. Similarmente, o filme de Strieber, Comunhão, visto por milhões de pessoas, tem uma cena em que aparece um grupo de alienígenas azuis e gorduchos dançando. Nem eu nem meus colegas jamais tivemos um relato similar.

Apesar da aparente ausência de contaminação da mídia, todos os pesquisadores devem adotar uma atitude vigilante a respeito. É possível que não reconheçamos a contaminação da mídia se a pessoa incorporar apenas um pouco dela em sua narrativa, tornando-a parte e suas “memórias”.

Eventos conscientemente lembrados

Se os relatos de abdução não são parte de uma síndrome de influências sutis e insidiosas no cérebro da pessoa, dizem os críticos do fenômeno, os abduzidos deveriam poder lembrar-se conscientemente de suas experiências, bem como fornecer informações precisas aos investigadores. De fato, os abduzidos lembram-se conscientemente das abduções – às vezes fragmentos, às vezes seqüências longas e em algumas ocasiões até o evento completo. Muitas vezes esses relatos são precisos e detalhados e se enquadram de perto com os recuperados sob hipnose. Entretanto, com freqüência as memórias conscientemente lembradas são fortemente deturpadas, com detalhes torcidos de eventos verdadeiros e memórias “concretas” de eventos que não aconteceram. As memórias conscientemente lembradas podem ser um amálgama de fragmentos de uma abdução recriada numa seqüência lógica que não reflete a realidade.

Um excelente exemplo é o caso de Marian Maguire, uma mulher de sessenta anos com duas filhas adultas que acordou numa manhã de 1992 e conscientemente se lembrou de uma situação, acontecida anos antes, na qual se encontrava com a filha durante uma abdução. Ela lembrou-se de que estava segurando a mão da filha e, juntamente com outras pessoas, de ter sido “presa” à parede com um aparelho especial. Isso foi tudo do que se lembrou conscientemente, mas ela tinha certeza de que o evento ocorrera exatamente do modo como se lembrava. Eu nunca ouvira dizer que abduzidos fossem presos a uma parede. Algumas semanas mais tarde, Marian e eu exploramos o assunto numa sessão de hipnose.

Durante a regressão hipnótica, Marian teve dificuldade em se lembrar de ter andado até a parede, ter sido presa ali e depois ter sido solta. À medida que eu insistia, ela se tornava insegura sobre o que realmente havia acontecido. Ela percebeu que a parede continha pequenos quadrados negros. Enquanto Marian olhava para eles, eu perguntei o que ela enxergava abaixo. Eu esperava que ela mencionasse a parede ou o assoalho. Em vez disso ela disse “mãos engraçadas”. As mãos continuavam nos punhos, os punhos nos braços e assim por diante. Então, ela percebeu que estava encarando os olhos negros do alienígena. Ela não estava presa numa parede. Estava de pé numa sala com suas filhas e um alienígena se aproximou dela e olhou fixamente bem de perto em seus olhos.

Com o tempo, os olhos negros se transformaram em “grilhões” numa “parede” e a sua incapacidade de evitá-las se transformou na idéia de estar “presa” neles. Durante a hipnose, os grilhões se transformaram em “quadrados”. Apesar de haver uma base real para a lembrança de Marian, os detalhes de que ela se lembrava conscientemente não aconteceram. Outro exemplo é o de Janet Morgan, mãe solteira com dois filhos que se lembrava conscientemente de uma experiência bizarra de abdução. Ela estava deitada sobre uma mesa, quando viu dois alienígenas lutando para trazer um jacaré vivo à sala. Eles colocaram o animal no chão ao lado da mesa, deitado de costas, e então, com uma faca, fizeram uma incisão, do tipo que em autópsia se chama mentopubiana, abrindo o seu corpo de alto a baixo.

O coitado do jacaré gemia e olhava para Janet. Essa lembrança traumática lançou-a numa longa depressão. De início, ela não desejava recordar o evento hipnoticamente, pois temia que isso trouxesse de volta certos detalhes que iriam aprofundar ainda mais a sua depressão. Depois de passar um ano acobrinhada com o incidente, Janet decidiu corajosamente encarar a lembrança para conseguir controlá-la emocionalmente. Sob hipnose, a lembrança de Janet resultou ser parte de um complexo evento de abdução no qual os alienígenas realizaram nela muitos procedimentos diferentes. Eles fizeram um exame médico, recolheram um óvulo, forçaram-na a mergulhar numa piscina de líquido e realizaram uma varredura mental que lhe causou muito pavor. Então Janet encontrou-se sozinha numa sala, deitada numa mesa, tremendo de medo.

Os alienígenas entraram pela esquerda de Janet, puxando um jacaré que colocaram no chão ao lado da mesa onde Janet se encontrava. Observando o animal, Janet começou a perceber que

ele não se parecia tanto com um jacaré; ela não via a cabeça e as patas do jacaré. De fato, tratava-se de um homem dentro de um saco de dormir verde. Quando os alienígenas abriram o zíper do saco, o homem olhou para Janet e gemeu. Nunca houve jacaré. Os alienígenas não cortaram a sua barriga. Algumas das memórias conscientemente lembradas mais comuns são dos primeiros e últimos segundos de uma abdução, quando a pessoa ainda está em seu ambiente normal. Os abduzidos muitas vezes se lembram de acordar e ver vultos de pé ao lado da cama. Mas, em vez de se lembrar de alienígenas, recordam-se de amigos ou parentes falecidos ou figuras religiosas.



Lily Martinson, por exemplo, uma corretora de imóveis, lembra-se do seguinte incidente, quando estava de férias com sua mãe nas Ilhas Virgens, em 1987. Adormecida em seu quarto de hotel, ela acordou e viu seu irmão falecido, de pé ao lado de sua cama; ela se lembrava perfeitamente de suas feições e achou a sua presença segura e confortadora. Quando examinamos a lembrança sob hipnose, entretanto, a descrição que Lily fez do irmão foi a de uma pessoa sem roupas, pequeno, magro, sem pêlos e com grandes olhos. Não era seu irmão. Embora tenha ficado desapontada por não ter visto seu irmão, ela ficou satisfeita em saber a verdade. De fato, os alienígenas criaram, talvez involuntariamente, um obstáculo singular para esconder a verdade dos eventos. É a questão das “memórias inculcadas” – imagens que os alienígenas colocam propositadamente nas mentes dos abduzidos.

Durante os procedimentos de visualização, os alienígenas podem mostrar aos abduzidos um grande número de imagens: explosões atômicas, meteoros chocando-se contra a Terra, o mundo partindo-se em dois, degradação ambiental, desastre ecológico, pessoas mortas encharcadas de sangue e espalhadas pelo chão, e sobreviventes pedindo socorro ao abduzido. Ou os alienígenas podem criar imagens de Jesus, Maria ou outros santos. Essas

imagens têm o efeito de serem tão nítidas que os abduzidos pensam que os eventos “realmente” ocorreram, ou que eles “realmente viram” as figuras religiosas. Isso pode constituir um problema, principalmente se o investigador não está familiarizado com os procedimentos de visualização e deixa de identificar as memórias inculcadas.

Assim, Bety Andreasson, no livro pioneiro de Ray Fowler, O caso Andreasson, relata uma situação na qual “viu” um pássaro semelhante a uma fênix renascendo das cinzas. Ele era “real” para ela, que o relatou como uma ocorrência verdadeira. Já vi pessoas que se lembravam de figuras que se pareciam com Abrahan Lincoln usando uma cartola, homens de chapéu-coco, anjos, demónios e assim por diante.

Memórias lembradas durante a hipnose

A confiabilidade das memórias lembradas durante a hipnose depende não do hipnotizado, mas do hipnotizador. Usada erroneamente, a hipnose pode levar à confusão, fabulação, canalização e falsas memórias. Infelizmente, há um grande uso impróprio de hipnose na pesquisa de abdução. E, quando o evento de abdução é recuperado por um pesquisador que tem pouca experiência ou pouco treinamento nas técnicas de hipnose, tanto ele quanto o abduzido podem facilmente se iludir e acreditar que as coisas que aconteceram na abdução realmente se passaram.

Sugestionando a testemunha

Os cépticos do fenómeno de abdução muitas vezes acusam os pesquisadores que usam a hipnose de “sugestionar” as pessoas para que acreditem que foram abduzidas. Dizem os críticos que há fatores culturais e psicológicos que forçam as pessoas a procurar um hipnotizador, que tem interesse emocional ou intelectual em que a pessoa seja realmente uma abduzida. E, mediante: sugestões sutis e interrogatório direto, a pessoa “lembra-se” de um relato de abdução inteiramente inventado. A “sugestão” é um sério problema na pesquisa de abdução, mas não da forma como os críticos afirmam. Quando pesquisadores ou hipnotizadores inexperientes escutam a história contada pelo abduzido, eles muitas vezes não distinguem as fantasias dissociadas, confabulações e falsas memórias, ou memórias inculcadas pelos alienígenas. O resultado é que a pessoa

faz o hipnotizador ingênuo acreditar num cenário de abdução que, de fato, não ocorreu.

Esse tipo de sugestão, ao contrário, é mais bem exemplificada por uma situação hipotética. Suponhamos que um abduzido me procure para falar de suas alegadas experiências de abdução, e sob hipnose me conte que esteve a bordo de um óvni, se sentou no chão com alienígenas e jogou uma partida semelhante ao Monopólio, mas cujos nomes de ruas eram realmente estranhos. Se eu lhe fizer uma pergunta sobre nomes de rua, corro o perigo de cair numa sugestão ao contrário. Em meus mais de onze anos de investigação de abduções, nunca ouvi falar de alguém jogar partidas com os alienígenas e tenho de me assegurar que aquele evento realmente ocorreu como descrito, antes de me aprofundar no assunto.

Como sei que as pessoas poderão, às vezes, fabular, especialmente durante a primeira sessão de hipnose, eu imediatamente suspeitaria nesse caso que se trata de uma fabulação – embora tenha de lembrar que é sempre possível que os alienígenas tenham jogado uma partida de Monopólio com o abduzido. Eu prossequiria com minhas perguntas para determinar se isso realmente ocorreu. Eu procuraria contradições e inconsistências, examinando o incidente sob diferentes perspectivas temporais, perguntando coisas que aconteceram antes e depois. Pediria ao abduzido que descrevesse a seqüência de eventos segundo a segundo procurando por pequenas incoerências na narrativa. Perguntaria se os alienígenas estavam sentados ou em pé, precisamente para onde eles estavam olhando e exatamente para o que eles estavam olhando.

Em outras palavras, procuraria pelos procedimentos de visualização dos alienígenas que poderiam ter inculcado essa imagem na mente do abduzido, fazendo com que ele pensasse que havia jogado uma partida com os alienígenas quando isso não ocorreu. Se o abduzido mostrasse inconsistência nas suas respostas, eu encararia o incidente com ceticismo. Se ele mantivesse sua história, eu pelo menos consideraria a matéria como “pendente” e esperaria por uma confirmação independente do caso, por parte de outro abduzido. Em contraste com a metodologia que delineei, o hipnotizador ingênuo, sem saber que estava sendo sugestionado, ouviria a história do jogo de Monopólio e perguntaria: “Quais os nomes das ruas?”

Essa pergunta indica sutilmente a aceitação por parte do hipnotizador, o que serve para reforçar o material fabulado como “real” para o abduzido. Essa validação estimula o abduzido

para mais fabulação. Uma forma inconsciente e inocente ocorre, e o abduzido começa a se “lembrar” de mais eventos que está só imaginando. (Esse estado mental é semelhante à “canalização”, na qual a pessoa, num estado auto-alterado de consciência, acredita que está recebendo comunicações de um espírito ou entidade invisível que responde a perguntas ou aconselha com sabedoria.) O abduzido inconscientemente conduziu o hipnotizador e o hipnotizador reciprocamente validou o abduzido. Os dois se juntam em confirmações mútuas, fabricando uma narrativa, que pode ter um grão de verdade, mas contém preponderantemente fantasia.

Fantasia mutuamente confirmadas

O exercício da pesquisa de abdução é excepcionalmente difícil – não somente por causa da natureza do material e de como ele é recolhido, mas porque o reconhecimento e as compensações desse trabalho praticamente não existem. Em vez disso, o ridículo e o menosprezo constituem as maiores “honras”. Acredito que quem coloca sua reputação em risco e se aventura nessa área merece os aplausos de todos os que dão valor à procura da verdade. Apesar disso, até os pesquisadores mais importantes às vezes caem em algumas armadilhas como as fantasias mutuamente confirmadas. John Mack, professor de psiquiatria da Universidade de Harvard e pesquisador de abdução, fornece um bom exemplo de fantasias mutuamente confirmadas. Crítico social conhecido nacionalmente e ganhador do prêmio Pulitzer, Mack ficou fascinado com o fenômeno de abdução em 1990, depois que assistiu a uma palestra de Budd Hopkins. Mack rapidamente reconheceu que o fenômeno de abdução não era uma criação mental e portanto possuía uma realidade externa.

Corajosamente, ele iniciou um exame completo do fenômeno, em detrimento de sua carreira em Harvard e do escárnio de seus colegas. No livro *Abdução*, Mack relata uma sessão de hipnose que conduziu com “Catherine”, na qual os alienígenas alegadamente mostraram a ela imagens, numa tela, de um cervo, um prado, desertos e outras “vistas naturais”. Depois ela viu pinturas num túmulo egípcio e teve a impressão de que estava se vendo numa vida passada. Então, eles mostraram a ela um quadro de pinturas com a tinta descascando. “Então mudou para mim, eu estava pintando o quadro.” Mas naquela encarnação ela era um homem, e enquanto via a cena disse: “Isso faz sentido para mim... isso não é um truque.

Isso é informação útil. Isso não são eles trazendo bobagem como tudo o mais.” Catherine sentia agora que sua insistência no intercâmbio de informações se afirmara. Então, pedi a Catherine que falasse mais sobre essa sua imagem como um pintor num túmulo de uma pirâmide egípcia. Em resposta à minha pergunta, ela forneceu uma grande quantidade de informações... sobre o homem e seus métodos, e o seu ambiente. O que me impressionou foi o fato de... ela não estar tendo uma fantasia sobre o pintor. Em vez disso, ela era ele e podia “ver coisas totalmente do seu ponto de vista, e não como alguém que estivesse observando de fora”.

Catherine prosseguiu para “lembrar” muitos detalhes da vida e da pintura egípcia. Mais tarde, na sessão, ela disse a Mack que um alienígena lhe perguntara se compreendia o sentido da cena egípcia. Ela então percebeu que “tudo estava relacionado”, canyons, desertos e florestas. “Uma coisa não pode existir sem a outra e eles estavam me mostrando uma vida passada para que eu visse que estava relacionada com aquilo, e estava relacionada com todas essas outras coisas.” Catherine também se convenceu de que estava relacionada com os alienígenas. Resistir a eles significava que estaria lutando contra si mesma, e, portanto, não havia razão de lutar. Mack não apenas aceita a validade desse “diálogo” como também a interpretação dada por Catherine. Em vez de tratar todo o episódio com extrema cautela e ceticismo, ele não questiona sua aceitação de uma vida passada, sua impressão de relacionamento, sua impressão de que um pedido anterior de intercâmbio de informações teve resposta afirmativa e sua decisão de não resistir.

Catherine também disse a Mack que “eles estavam tentando me dominar pelo medo e por isso me assustaram tanto, porque eu ficaria saturada e superaria esta fase para iniciar coisas mais importantes”. Mais uma vez, Mack aceita a conversação sem vacilar e pede-lhe que “explique melhor como, assustando-a mais ainda, faria com que ela superasse o medo”. Essa pergunta solicita informações fora do objetivo de seu testemunho. Assim, Catherine contou a Mack os detalhes de como isso funcionava. A narrativa de Catherine continha uma vida passada, um “diálogo”, tentativas alienígenas de ajudar a abduzida, uma mensagem ambiental e desenvolvimento pessoal. Para um hábil hipnotizador de abduções, cada aspecto dessa narrativa seria suspeito.

Catherine poderia facilmente ter caído num estado dissociado no qual encarava suas fantasias internas como eventos externos que teriam se passado com ela. Se as imagens de sua vida passada

entre os egípcios fossem verdadeiras, isso poderia ter acontecido durante uma seqüência de visualização, o que automaticamente significa que um procedimento mental de sugestão estava ocorrendo. Às vezes os abduzidos combinam procedimentos de visualização, sonhos e fantasias para compor lembranças de realidade externa. Sua interpretação dessas “memórias” muitas vezes é mais dependente de sua credulidade pessoal do que as verdadeiras ocorrências. A menos que seja versado nos problemas que esses procedimentos mentais apresentam, o hipnotizador pode cair facilmente na armadilha de aceitar fantasias e pensamentos confusos como realidade. Mack não demonstra ceticismo a respeito dessa história.

Ele admira a “articulação espontânea” de sua narrativa. Há outros hipnotizadores de abdução que, como John Mack, se tornam presas de erros metodológicos. Como parte de uma série de treze regressões hipnóticas com abduzidos, a psicóloga Edith Fiore apresenta uma longa transcrição de um evento extraterrestre no seu livro *Encontros*, publicado em 1989. Fiore acredita que o ato de relatar a informação real ou imaginária – tem valor terapêutico, e, portanto, está mais interessada no que os abduzidos pensam que aconteceu com eles do que no fato concreto ocorrido.

Ela descreve a regressão hipnótica de Dan, que se “lembra” de ter sido membro de uma força de ataque alienígena, ter destruído inimigos em outros planetas, ter visitado os planetas “Deneb” e “Markel”, ter tomado uns drinques com o capitão, e outros detalhes de uma vida diária notavelmente terrestre. Um dia Dan estava diante das cascatas, olhando para as árvores. Era um dia lindo e calmo. Parecia que ele assumira o corpo de uma pequena criança humana.

- *Dra. Fiore: E onde está sua nave?*
- *Dan: Eu sou uma criança, sem nave, sem responsabilidades. Só um belo dia de verão. Nada para fazer. Todo o dia livre. Só passear.*
- *Dra. Fiore: Agora vemos você como essa criança. Vou perguntar como você fez a conexão e como virou criança.*
- *Dan: Duas pessoas diferentes. A criança tem todas as lembranças. É como se aposentar. Você tem a chance de não fazer nada se viver muito. Ficar num lugar bonito e agradável.*
- *Dra. Fiore: Como você conseguiu ser essa criança? (sic) ...*
- *Dan: Eu o encontrei naquela estrada. Na realidade o substituí.*
- *Dra. Fiore: Agora vamos voltar para quando você se uniu a ele, vamos ver como você chegou àquela estrada.*

- *Dan: Bêbado. Horrível, horrivelmente bêbado. Festinha boa. Na manhã seguinte... passeio na ponte. Dizer adeus.*
- *Dra. Fiore: E então o que acontece?*
- *Dan: Só eu hoje. Um de cada vez. Escolher um planeta. Escolher um fácil. Todo o mundo está rindo.*
- *Dra. Fiore: Você diz que estava bêbado?*
- *Dan: A noite passada, terrível ressaca.*
- *Dra. Fiore: Onde você se embebedou? (sic)*
- *Dan: No navio, no refeitório dos oficiais... Confusão, bebida.*
- *Dra. Fiore: Que tipo de navio é esse?*
- *Dan: Classe M. Grande. Cruzador; quatorze navios de desembarque; 3.500 tropas. Armados até os dentes.*

Este interrogatório validou o que o hipnotizado estava dizendo e sutilmente confirma a sua autenticidade. Fiore diz mais tarde que as lembranças deram a Dan uma “melhoria na sua autoconfiança e uma maravilhosa paz interior”. E ela acredita que cada uma das experiências de que seus analisados se lembram “verdadeiramente aconteceram como eles se recordaram”. Claramente, esse cenário de modo algum se ajusta ao cenário que conhecemos de abdução, embora existam algumas poucas semelhanças (adultos híbridos às vezes usam uniformes paramilitares).

Em vez de focalizar um incidente e reunir os dados de forma crítica e cuidadosa, Fiore alterna nove “encontros” na primeira regressão hipnótica com Dan – que nas mãos de um hipnotizador inexperiente de abduções pode resultar numa narrativa confusa e superficial. Mais ainda, Dan sabe a resposta a praticamente todas as perguntas relativas aos fatos de vida numa nave. Essa segurança do conhecimento da matéria geralmente é um forte indicador de fabulação:

- *Dra. Fiore: Existe alguma homossexualidade?*
- *Dan: Alguma.*
- *Dra. Fiore: E como isso é encarado?*
- *Dan: Tolerado. Não favoravelmente, mas tolerado.*
- *Dra. Fiore: Há problemas com o controle da natalidade?*
- *Dan: Não.*
- *Dra. Fiore: Por que é assim?*
- *Dan: Remédios, injeções.*
- *Dra. Fiore: Com que frequência são aplicadas?*
- *Dan: Cada viagem.*

As chances de que isso seja uma fantasia dissociada são muito grandes. Em 1989, quando a Dra. Fiore investigou o caso, ela poderia ser mais bem servida se instituisse critérios de

credibilidade pelos quais só aceitaria material que fosse confirmado por outros que não conhecessem o testemunho anterior. Mas Fiore e Mack eram terapeutas que não possuíam treinamento como investigadores. Seu enfoque nos relatos de abdução é muito diferente dos pesquisadores mais empiricamente orientados. É importante compreender que, apesar de seus problemas metodológicos, Mack e Fiore, como outros hipnotizadores, revelam muito dos procedimentos de reprodução que constituem o cerne da experiência de abdução.

Entretanto, por causa de seu treinamento, eles não estão particularmente interessados no que aconteceu com o abduzido. Para Mack, assim como para muitos terapeutas, a investigação das circunstâncias reais das experiências de um cliente não é uma preocupação primordial. A descoberta do que aconteceu com o abduzido é menos importante do que o cliente pensa que lhe aconteceu – a precisão e a veracidade da narrativa têm pouca importância. Como disse Mack: "A questão de se a hipnose (ou qualquer outra modalidade que nos ajude a atingir realidades fora ou além de nosso mundo físico) revela com exatidão o que de verdade 'aconteceu' pode ser imprópria.

Uma questão mais útil seria se o método de investigação pode dar informações que sejam consistentes entre os que tiveram a experiência, traz convicção emocional e aumenta o nosso conhecimento dos fenômenos que sejam significativos para a vida de quem teve a experiência e a cultura maior" (itálico no original). Assim, quando Mack conduz uma hipnose, ele primeiro explica ao cliente que está "mais interessado na sua integração com as experiências memoradas, à medida que o processo prossegue, do que em 'saber a história'. A história... se ajustará no seu devido tempo". A verdade ou falsidade das experiências de uma pessoa – a cronologia, a lógica procedural e a percepção exata de um evento – têm papel secundário na metodologia de Mack.

Mas ele declara que seu "critério para incluir ou acreditar numa observação do abduzido é simplesmente se o que está sendo narrado foi percebido como real por quem teve a experiência e se me foi comunicado sinceramente". Os fatos têm papel limitado, quando Mack encara um evento de abdução. Fiore age do mesmo modo. Ela declara: "Porque minha preocupação primordial é ajudar as pessoas, não importa para mim se os pacientes/sujeitos relatam corretamente a cor da pele dos alienígenas, por exemplo. O importante para mim é que os efeitos negativos do encontro sejam liberados através das regressões."

A dedicação de Mack e Fiore em ajudar os abduzidos é inquestionavelmente apropriada. Eles merecem elogios pela sua dedicação desinteressada, ajudando as pessoas a compreender o fenômeno de abdução. A terapia deveria ser a prioridade máxima de todos os pesquisadores. Mas a relutância deles (e de outros hipnotizadores) em separar os fatos da fantasia leva a uma aceitação ingênua de narrativas que deveriam ser encaradas com suspeita. Isso marca as suas técnicas de pesquisa e resulta em interrogatório que confirma as fantasias.

A fantasia mútua – uma forma sutil de sugestão – é um problema muito mais significativo para a pesquisa de abdução do que a formulação de perguntas sugestivas. Por exemplo, o psicólogo Michael Yapko fez uma pesquisa entre terapeutas para saber como eles pensam que a memória funciona. Yapko descobriu que a maioria dos clínicos não tinha conhecimento dos problemas da memória e acreditava que a hipnose sempre revela a verdade.



Muitos pesquisadores caem na armadilha da fantasia mútua, quando aceitam tudo o que o abduzido diz sob hipnose. Os pesquisadores que se filiam à Nova Era perpetuam o problema quando aceitam, sem criticar, uma larga variedade de narrativas “paranormais”. Vidas passadas, vidas futuras, viagens astrais, aparições de espíritos, visitas de santos – tudo assume legitimidade antes mesmo de o hipnotizador crédulo começar sua pesquisa de abdução. Quando o abduzido relata histórias com falsas memórias, o hipnotizador crédulo é incapaz de reconhecê-las e está disposto a levá-las a sério. É fácil para um hipnotizador inexperiente ou ingênuo “acreditar”, pois a maioria não têm um conhecimento do fenômeno de abdução baseado em fatos. Alguns hipnotizadores chegam mesmo a se orgulhar de sua falta de conhecimento sobre a abdução. Eles argumentam que sua ignorância lhes dá uma “posição de isenção”, de modo que seu interrogatório não se deixa corromper com o que eles “trazem à mesa”. Entretanto, o que eles trazem é a sua incapacidade de

separar fato de ficção. Aceitando sem crítica (e não desafiando), assumindo ingenuamente que aquilo que é dito sinceramente é correto, e defendendo essa situação como “realidade”, os pesquisadores inexperientes e ingênuos turvam as águas para os investigadores, permitem que as pessoas pensem que os eventos que aconteceram com elas não são verdadeiros, e aumentam a incredulidade do público em geral.

Fabulação de abdução

A fabulação de abdução é um problema freqüente, especialmente nas primeiras sessões de hipnose. A primeira sessão de hipnose é sempre a mais difícil, pois pode ser muito assustadora. Muitas pessoas imaginam erroneamente que revelarão detalhes de sua vida pessoal, ou ficarão à mercê do “mau” hipnotizador. Depois que passam as primeiras sessões, entretanto, os abduzidos se sentem mais confortáveis com o hipnotizador e com a hipnose. Como resultado, suas memórias se tornam mais fáceis de recolher e também mais nítidas. A fabulação ocorre tipicamente em três áreas características:

1. *Aparência física dos alienígenas. A área mais comum de ser distorcida é a descrição da aparência física dos alienígenas. Muitos abduzidos garantem que podem ver todas as partes dos corpos dos alienígenas, menos as suas faces. Muitos abduzidos pensam que os alienígenas estão distorcendo propositadamente ou limitando o seu campo de observação para impedir o choque de ver suas faces. A prova não confirma isso. Como o fenômeno de abdução começa na infância, a maioria dos abduzidos vê a face dos alienígenas muitas vezes. Uma vez que o abduzido se acostume com a lembrança dos eventos e fique menos assustado com o que encontra, ele em geral vê claramente a face do alienígena. Igualmente, a princípio os abduzidos tendem a descrever os alienígenas muito mais altos do que eles na verdade são, não percebendo que estão olhando para os alienígenas da mesa onde estão deitados. Eles também descrevem os alienígenas como sendo de cores e feições diferentes. De fato, a maioria dos alienígenas são pequenos, bem pequenos, e não têm feições distintas, exceto pelos grandes olhos. Durante uma investigação hipnótica competente, os abduzidos reconhecem seus erros e se corrigem sem ajuda ou sugestão do hipnotizador.*

2. *Conversação. Uma outra área prevalente de fabulação é o diálogo dos alienígenas. Embora a conversação dos alienígenas nos tenha dado os maiores conhecimentos sobre os métodos e objetivos do fenômeno de abdução, os pesquisadores devem ser extremamente cautelosos. Os abduzidos relatam que toda a comunicação com os alienígenas é telepática, bem como a comunicação entre os alienígenas. Quando perguntados sobre o que significa “telepática”, os abduzidos dizem que recebem uma impressão que é automaticamente traduzida em palavras, e pensam que essas palavras estão vindo dos alienígenas. Os pesquisadores ingênuos frequentemente aceitam o diálogo dos alienígenas sem verificá-lo, não percebendo que todo ou algumas porções do diálogo podem vir da mente dos abduzidos. Os abduzidos às vezes caem no modo “canalizador” – no qual o abduzido “ouve” mensagens de sua própria mente e pensa que estão vindo de fontes exteriores – e o pesquisador deixa de perceber isso. Alguns pesquisadores basearam muito do seu conhecimento em diálogos suspeitos. Somente os pesquisadores experimentados podem separar os diálogos característicos da conversação dos alienígenas do diálogo fabulado.*
3. *Intenções dos alienígenas. A terceira área de fabulação é a interpretação das intenções e dos objetivos dos alienígenas. Por exemplo, quando perguntados sobre o uso de um dispositivo mecânico específico durante uma abdução, a maioria dos abduzidos responde “eu não sei.” Alguns, entretanto, dão uma resposta porque lhes parece razoável: “Esta máquina tira fotografias dos meus músculos, como uma máquina de raios X.” A menos que o investigador estabeleça de modo firme e confiável que os alienígenas disseram isso ao abduzido – e que o abduzido não inventou o diálogo – deve-se reconhecer que o abduzido não sabe a função da máquina e está simplesmente completando a sua memória.*

O investigador também deve ser extremamente cuidadoso com os relatos dos abduzidos sobre o que os alienígenas estão fazendo. Os alienígenas raramente fornecem as razões para procedimentos específicos, mas alguns abduzidos rotineiramente, sim. Novamente, terapeutas e investigadores ingênuos tendem a aceitar esses relatos como são feitos.

Alguns pesquisadores reinvestigam o mesmo material repetidamente em diversas sessões de hipnose, sem perceber que, se a narrativa contém fabulações e distorções, ela pode entrar na

memória normal como “fato”. Hipnoses repetidas sobre um evento tendem a confirmar o “fato” e muitas vezes torna-se impossível distinguir o que é real e o que não é. Por outro lado, quanto mais sessões forem realizadas sobre eventos diferentes num abduzido com um investigador competente, maiores serão as possibilidades de descobrir as fabulações e estabelecer uma narrativa precisa.

Hipnose competente

Um hipnotizador experiente e competente faz testes para determinar até que ponto as pessoas que fazem relatos de abdução são sugestionáveis. Fazendo perguntas propositadamente indicativas, ele pode facilmente dizer se a pessoa é sugestionável. Na primeira sessão de hipnose, por exemplo, muitas vezes pergunto à pessoa se ela viu os queixos “largos” dos alienígenas. Pergunto se a pessoa pode ver os cantos do telhado. Pergunto se os alienígenas são gordos. As respostas a essas perguntas deveriam ser “não”, de acordo com todas as provas que já recolhemos. Se a resposta é “sim”, levo em conta a sugestionabilidade da pessoa, quando avalio a veracidade e a precisão do relato.

O pesquisador John Carpenter, de Springfield, Missouri, conseguiu desenvolver essa linha de interrogatório no nível de uma ciência. Ele criou uma lista de perguntas enganadoras – algumas óbvias, algumas sutis para colocar imagens erradas na mente dos abduzidos. Na primeira sessão de hipnose, ele faz essas perguntas ao novo hipnotizado, que quase sempre responde “sim”; a maioria dos abduzidos se recusa a ser influenciado e quase sempre dá as respostas negativamente, contradizendo ou corrigindo o hipnotizador.

O primeiro incidente de abdução que recebeu publicidade generalizada foi o caso de **Barney e Betty Hill**, publicado em revistas e livro. Usando hipnose, o psiquiatra Benjamim Simon tentou fazer com que os Hill caíssem em contradição e sugerir que eles haviam inventado a história.



Barney e Betty Hill.

Ele nunca conseguiu que os dois caíssem em armadilhas.

- *Simon: A sala de operações do hospital era azul?*
- *Barney: Não, havia luzes ofuscantes.*
- *Simon: Você teve a impressão de que seria operado?*
- *Barney: Não.*
- *Simon: você teve a impressão de que estava sendo atacado?*
- *Barney: Não.*

Durante outra sessão, Simon tentou novamente insistir com Barney.

- *Simon: Um momento. Betty não lhe contou isso enquanto você estava dormindo?*
- *Barney: Não. Betty nunca me contou isso...*
- *Simon: Sim, mas ela não lhe disse que vocês foram levados a bordo?*
- *Barney: Sim, ela disse.*
- *Simon: Então ela lhe descreveu tudo o que havia a bordo e que ela foi abordada por aqueles homens?*
- *Barney: Não. Ela não falou comigo que foi abordada por nenhum homem. Ela não sonhou com isso.*

Em outra ocasião, Simon sugeriu a Barney a possibilidade de que o incidente poderia ser o resultado de uma alucinação. Barney discordou. A exatidão de um relato de abdução depende, em grande parte, da habilidade e da competência do hipnotizador. A memória é falível e há muitas influências que prejudicam a sua precisão. A hipnose, conduzida cautelosamente, pode ser uma ferramenta útil e precisa para revelar memórias de abdução. A hipnose competente pode indicar a origem das falsas memórias e desenredar a teia de memórias confusas. O resultado é preciso, consistente, rico em detalhes e em histórias corroborativas de abdução que desvendam os seus segredos e aprofundam o nosso conhecimento.

As abduções são críveis?

Com os problemas de recuperação e interpretação de memória, será possível que o fenômeno de abdução seja uma fantasia criada psicologicamente? A resposta é não, devido, em parte, à prova de que o fenômeno de abdução não se baseia exclusivamente na memória e nos relatos hipnóticos. Existem também provas concretas. Quando são abduzidas, as pessoas não aparecem nos lugares onde são esperadas – há quem chame a polícia, organize buscas, os pais ficam desesperados.

Um exemplo indireto de falta física durante uma abdução ocorreu quando a irmã mais nova de Janet Morgan, Beth, foi tomar conta de sua sobrinha Kim, de seis anos, enquanto Janet saía para um encontro. Tanto Janet, uma mãe solteira que trabalhava como secretária, quanto sua filha já haviam sofrido várias abduções. Beth, que também já experimentara eventos suspeitos mas não investigados, já havia tomado conta de Kim antes e conhecia seus hábitos.

Naquela noite, Kim estava sentada no sofá da sala vendo televisão e Beth resolveu tomar um banho, pois a criança estava ocupada.

Ela encheu a banheira e entrou na água com um romance e começou a ler. Uma “névoa mental” desceu sobre ela e Beth ficou sentada na banheira com o livro aberto na mesma página por mais de uma hora. Subitamente, ela jogou o livro fora, pulou da banheira e pensou, “Kim!” Vestiu-se apressadamente e correu para ver se a criança estava bem.

Kim não estava no sofá. Beth correu todos os quartos da casa chamando por ela. Voltou à sala e olhou atrás do sofá e no armário. Então, procurou pelos quartos outra vez. Entrando em pânico, saiu para a rua, gritando por Kim. O vizinho do lado perguntou qual era o problema. Beth lhe disse que Kim havia desaparecido. O vizinho entrou na casa para procurar e encontrou Kim adormecida no sofá, bem à vista. Kim havia sido abduzida, Beth havia sido “desligada” e quando voltara a si, um pouco antes, Kim ainda não havia voltado do evento. Kim saíra da casa e sua ausência fora notada. Muitas abduções ocorrem a mais de uma pessoa, e, para reforçar a prova, pessoas que nunca ouviram falar do fenômeno de abdução já foram abduzidas. Uma Allison Reed preocupada me telefonou para dizer que seus filhos, presos de pânico, estavam se lembrando de eventos de abdução, sem nada saber do assunto. Ela e seu marido têm uma história de experiências pessoais fora do comum que sugere atividade de abdução. Na época do telefonema de Allison, em 1993, seu filho

Brian tinha sete anos e sua filha Heather tinha quatro. Ambos fizeram desenhos de alienígenas e descreveram como flutuaram de seus quartos e através da janela para um óvni que estava esperando. As crianças relataram detalhes de incidentes que só são conhecidos pelos pesquisadores de abdução veteranos e que não poderiam ter visto na mídia. Heather, por exemplo, contou à sua mãe uma conversa que tivera com um alienígena feminino:

“Ela tentou me fazer crer que era minha mãe, mas eu sei que ela estava tentando me enganar.” Heather disse isso para assegurar à mãe que não se deixaria enganar e sabia muito bem quem era sua verdadeira mãe. O fato de duas pessoas serem abduzidas juntas e verificarem a presença uma da outra durante a abdução é outra prova adicional do fenômeno. Janet Morgan e sua irmã mais velha, Karen, foram abduzidas juntas muitas vezes, juntamente com outros membros de suas famílias. Cada uma delas pode se lembrar independentemente da abdução e descrever em detalhe o que aconteceu à outra, sem que tenham falado antes sobre o evento. Apesar das dificuldades no estudo do fenômeno de abdução, ele começa a revelar os seus segredos. Os procedimentos que os alienígenas empregam estão podendo ser estudados e analisados. E as razões para esses procedimentos são tanto deletérias quanto terrificantes.

A Ameaça Alienígena, um relatório Secreto dos Objetivos e os planos dos Alienígenas. Livro de David M. Jacobs.

*Virtualmente, tudo o que os alienígenas fazem está ligado ao seu programa de abdução. Por mais absurda, estranha e incompreensível que possa parecer, cada atividade dos alienígenas tem um motivo lógico e direto, desde que examinada atentamente. Uma por uma, essas ações começaram a perder a sua aura de mistério e a **revelar seus verdadeiros propósitos**. Quando os pesquisadores tomaram conhecimento do fenômeno de abdução pela primeira vez, eles geralmente assumiam que, se ele era real, seu objetivo seria o de investigar os seres humanos. Era por isso que os alienígenas abduziam os seres humanos, realizavam os exames médicos e depois os soltavam...*

{ Excerto do Post “O Governo Oculto nos EUA” - UM TRATADO FORMAL FOI FEITO pelo governo dos EUA com Alienígenas em 1954:

O tratado firmado naquele momento afirmava que os alienígenas não iriam interferir em nossos assuntos e nós não iríamos interferir

nos deles (enquanto visitavam o planeta inteiro livremente ???!!!). Nós gostaríamos de manter a sua presença na Terra em segredo. Eles iriam nos fornecer tecnologia avançada e poderiam nos ajudar em nosso desenvolvimento tecnológico. Eles não iriam fazer qualquer outros tratados com qualquer outra nação da Terra, além dos EUA.

Eles poderiam abduzir os seres humanos em uma base limitada e periódica com o objetivo de exame médico e monitoramento do nosso desenvolvimento com a estipulação de que os humanos não seriam prejudicados em sua integridade física, seriam devolvidos ao seu ponto de origem, não teriam a memória do evento, e que essa raça alienígena deveria fornecer ao grupo **Majestic 12** uma lista de todos os contatos humanos e abduzidos em uma programação regular.

1. Foi ainda acordado que uma raça alienígena (do Planeta **SERPO**) e os Estados Unidos fizessem um Programa de Intercâmbio de Pessoal que teria dezesseis membros com o propósito de aprendermos uns com os outros. Os convidados alienígenas "permaneceriam na Terra (subterrâneos da Área 51). Os seres humanos" convidados "viajariam para o planeta de origem alienígena por um período determinado de tempo após o que em seguida, retornariam, quando a troca inversa seria feita. (n.t. O Planeta alienígena fica a 38 anos luz de distancia da Terra e é conhecido como **SERPO**, um planeta do sistema solar binário de **ZETA RETICULLI 1 e 2** , e a missão foi entre os anos de 1965-1978 e contou com doze membros.

Foi acordado que **seriam construídas bases subterrâneas para uso da raça alienígena e que duas bases seriam construídas para o uso conjunto dos alienígenas e o Governo dos Estados Unidos.** (n.t. a principal e mais sinistra delas foi a **Base de DULCE em Archuleta -uma reserva indígena – Mesa**, na divisa dos estados do Novo México e Colorado.) O Intercâmbio de tecnologia teria lugar em bases subterrâneas conjuntamente ocupadas. **Fim de citação }**

Capítulo IV – O que fazem os Extraterrestres com os Abduzidos

... Como esse cenário ocorria repetidamente, os pesquisadores concluíram que os alienígenas estavam realizando um estudo de longo prazo e coligindo dados pacificamente. Essa convicção deu ao público um sentimento de conforto, pois sugeria um intuito científico, e conseqüentemente não hostil. Agora sabemos que o

fenômeno de abdução como um todo não tem o objetivo de pesquisa. A prova sugere que todos os procedimentos realizados pelos alienígenas se subordinam aos seus planos reprodutivos (n.T. E de hibridização com a raça humana da Terra, usando o nosso material genético). E no cerne dos planos reprodutivos está o programa de cruzamento, no qual os alienígenas coletam óvulos humanos e esperma, incubam fetos em hospedeiras humanas para produzir híbridos alienígenas, e podem fazer com que os seres humanos se relacionem mental e fisicamente com esses híbridos para fins do seu desenvolvimento.

Unidades extra-uterinas de gestação Um componente significativo do programa de cruzamento é a criação e desenvolvimento de unidades extra-uterinas de gestação. Somente depois de anos de pesquisas e centenas de relatos de abdução, é que fui entender este procedimento e as suas razões. Durante anos as mulheres vêm relatando aos pesquisadores sobre procedimentos misteriosos realizados nelas no curso de suas abduções. Algumas mulheres relatam “pressão”, como se os alienígenas estivessem enchendo de ar uma zona ao redor de seus órgãos reprodutivos, pois sentem um estiramento em seus baixos ventres, dando-lhes uma impressão desconfortável de inchamento. As mulheres dizem muitas vezes terem a impressão de que seus órgãos estão sendo “deslocados”, ou movidos de algum modo, e elas têm a impressão de que os alienígenas estão “aumentando”, ou criando mais espaço dentro da cavidade uterina, ou na região pélvica. Várias abduzidas descreveram estes procedimentos ginecológicos de modo semelhante. A abduzida Barbara Archer relatou em 1988:

- *E eu comecei a sentir uma pressão. Como uma pressão forte.*
- *É uma pressão difusa ou concentrada?*
- *Nas entranhas.*
- *Mas não (especificamente) do lado direito, do esquerdo ou no meio?*
- *Meio, por dentro. Como se estivesse inflando, ou alguma coisa assim, eu me sentia realmente grande. Me sentia muito inchada.*

Esse tipo de procedimento ocorreu muitas vezes com Lucy Sanders:

- *É do lado direito (da minha pelve). Está me queimando! Está queimando minhas entranhas! Eles estão me inflando! Agora ele está tirando, está batendo na minha perna e dizendo que está tudo bem, que eu posso me acalmar agora. Santo Deus!*

- *O que você acha que eles fizeram ali, ou eles dizem?*
- *Eu não sei. Dói, queima. Eu me sinto inflada.*
- *O que isso significa?*
- *Inchada.*
- *Como um balão?*
- *Hum, hum. Agora a impressão passou, mas eu me senti cheia de ar. Ele está empurrando meu estômago, empurrando e mexendo os dedos assim.*

Laura Mills descreveu um procedimento semelhante:

- *O que você pensa que ele está fazendo ali?*
- *Eu realmente não sei que droga ele está fazendo.*
- *OK. Se tivesse de adivinhar, o que você diria que ele está fazendo?*
- *Eu sei que parece bobagem, mas acho que eles estão querendo saber quanto espaço eu tenho na barriga, abdome, ou algo assim.*
- *Então eles podem estar medindo, ou o que seja?*
- *Por dentro. Como medindo o útero ou outra coisa. Não tenho certeza.*

Belinda Simpson experimentou o mesmo procedimento apesar de ter feito uma histerectomia anos antes:

- *Tenho a impressão de que alguém está rolando alguma coisa dentro de mim...*
- *Diga qual a sua impressão sobre o que eles estão fazendo?*
- *Eu sinto que estou inchando... Meu lado está inchado. Parece um balão. É estranho. Sinto como se alguém estivesse soprando minha barriga, é estúpido... É bem quente, meu lado está crescendo... Algo que dói. Tenho a impressão de que estou grávida. Tem alguma coisa empurrando bem forte do lado de meu ventre.*

Algumas abduzidas acham que a introdução de ar no seu corpo é similar à laparoscopia, uma técnica que os médicos empregam para tratamento de endometriose e outros problemas ginecológicos. Eu suspeito que talvez a inchação signifique que os alienígenas estão introduzindo ar como parte do procedimento para coletar óvulos. Mas decidi colocar esses casos em “compasso de espera” e aguardar por maiores informações que revelassem o objetivo de tais procedimentos.

É de notar que a ocorrência de histerectomia é comum entre as abduzidas. Durante os meus dez anos como pesquisador de abdução, já trabalhei com diversas mulheres que tiveram de se submeter a uma histerectomia ou sofriam de problemas ginecológicos resultantes de suas abduções. Várias

mulheres me contaram que os cirurgiões que realizaram suas operações comentaram sobre a posição peculiar de seus ovários, que pareciam “empurrados” para o lado, ou “pressionados” na direção de suas trompas de Falópio. Algumas mulheres relataram cicatrizes anômalas nos ovários, o que é consistente com a teoria de que os alienígenas às vezes coletam óvulos diretamente dos ovários. Outra mulher relatou a ocorrência de cicatrizes vaginais para as quais nem ela nem seu ginecologista tinham explicação. Outras se queixam de dores, inflamações e problemas ginecológicos de um modo geral.

As dores ginecológicas tiveram um papel importante no primeiro caso de abduzida que conduzi durante hipnose. Melissa Bucknell tinha vinte e sete anos e uma atividade sexual intermitente. Sob regressão hipnótica, ela falou de “implantes” colocados nela durante abduções. Numa manhã de março de 1987, ela levantou-se com dores ginecológicas tão fortes que mal conseguiu sentar-se e me disse que tinha certeza de que os alienígenas haviam colocado um “implante” nela. (Minha pesquisa mostrava que os implantes são geralmente colocados no nariz ou nos ouvidos.) Eu a levei imediatamente a um ginecologista, Dr. Daniel Treller, que graciosamente anuiu em atendê-la em caráter de emergência.

O exame feito por Treller confirmou que a pelve de Melissa estava inflamada e ele solicitou um exame de ultra-som. A equipe de ultrassom achou rapidamente a anomalia. Do lado direito de seu ovário direito, mas sem tocá-lo, havia um corpo estranho, aparentemente uma massa desconhecida. Era pequena, mas parecia “orgânica” e não devia estar ali. A equipe de ultra-som, surpresa, chamou Treller, que também ficou espantado. Nenhum deles jamais havia visto algo semelhante. Suspeitando tratar-se de uma gravidez ectópica, Treller encomendou um exame de sangue para determinar se Melissa estava grávida. O exame de sangue foi negativo.

Melissa, entretanto, insistia que essa massa era um “**implante**” alienígena e não queria removê-lo ou tocá-lo de qualquer modo. Ela estava muito teimosa nesse ponto. Não queria que ele fosse sondado e imediatamente rejeitou todas as sugestões contrárias. Finalmente, para alívio de Melissa, o Dr. Treller sugeriu que ela voltasse dentro de uma semana para ver se a massa havia se movido ou “crescido”. Quando deixamos o hospital, Melissa disse que não queria mais voltar e que não queria que o implante fosse mexido, apesar da dor que causava.

Nas semanas seguintes tentei convencer Melissa a fazer um novo ultra-som, mas ela recusou. Finalmente, consegui demovê-la.

Ela fez outro exame de ultra-som, que revelou o espaço onde estava o corpo estranho, mas este havia desaparecido. Dr. Treller estava admirado e notou que o fenômeno se havia “resolvido” espontaneamente. Melissa ficou enormemente aliviada, pois não teria de remover o corpo estranho. Seu caso permaneceu sem solução durante anos. Eu teria de analisar vários outros casos que pareciam disparatados para finalmente formular uma teoria lógica sobre o que teria acontecido.

Em março de 1992, Lydia Goldman me falou de um episódio extraordinário. Desde 1989, eu já conduzira sete sessões com essa mulher charmosa e habilidosa de sessenta anos, e ela veio a se convencer que estivera envolvida em fenômeno de abdução durante toda a sua vida. No começo de 1992, Lydia acordou um dia com a impressão distinta de que estava grávida. Isso seria impossível, não somente em virtude de sua idade, mas porque não tivera relações sexuais, além de se ter submetido a uma histerectomia radical havia muitos anos.

Entretanto, seus seios começaram a intumescer, ela teve retenção de água e náuseas. Lydia reconheceu os sintomas, pois já passara por eles quando tivera seus filhos. Depois de algumas semanas, o lado direito de sua pelve ficou esticada. Para seu horror, ela começou a sentir algo se movendo como se fosse um feto. Ela estava ficando louca ou havia algo dentro dela? Lydia relutava em visitar seu ginecologista porque pensava que estava “abortando”. Mas o incômodo persistiu e ela marcou uma consulta. Alguns dias antes da data aprazada, Lydia acordou “**sabendo**” que agora tudo estava bem; sua barriga não estava mais distendida, não sentia nada mais se mexendo e os sintomas haviam desaparecido. Ela cancelou a consulta.

Quando Lydia me contou esse episódio, eu fiquei admirado. Naquela época, os pesquisadores de óvnis sabiam que os alienígenas coletavam óvulos humanos e esperma para fertilizá-los in vitro, e adicionavam material genético alienígena, para então colocar o embrião híbrido alterado in utero. Presumivelmente, a pessoa teria de ter um útero onde o embrião seria implantado. Mas eu havia realizado regressão hipnótica em muitas mulheres que haviam sido abduzidas quando já haviam atingido a menopausa, ou haviam feito ligadura de trompas, ou tinham tido seu útero e seus ovários removidos. Eu sempre achara que os alienígenas realizavam com elas procedimentos reprodutivos diferentes daqueles realizados em mulheres ainda férteis.

Lydia e eu decidimos fazer uma regressão hipnótica dos eventos ocorridos na noite anterior ao dia em que ela acordou

sentindo-se grávida. Ela se lembrou de que dormira na casa de sua filha, na Flórida, quando ocorreu a abdução. Depois de descrever um segmento típico de um evento de abdução, Lydia começou a narrar os exames:

- *O que você pensa que eles estão fazendo internamente agora? Você pode dizer?*
- *Eles estão segurando alguma coisa como quem segura um bebê, com as duas mãos, mas não é um bebê. É como um, não sei... não posso nem imaginar.*
- *(Gentilmente) Parece um bebê, ou não?*
- *Parece uma lagosta. Não posso imaginar. Não posso nem imaginar. Minhas pernas estão levantadas e eles o estão posicionando na minha frente. Sabe, quase como se eles estivessem colocando um saco.*
- *Então eles estão inserindo algo em voce?*
- *Não sei... parece redondo, leve e colorido, eu diria do tamanho de uma laranja.*
- *Então, é grande.*
- *E eles estão segurando-o... dá a impressão de estarem carregando um bebê, como algo de precioso... estão colocando dentro de mim... a idéia é terrivelmente repulsiva, suja. Me deixa muito perturbada.*
- *E eles estão colocando isso em você?*
- *Estão fazendo disso uma parte do meu corpo... eu tenho a impressão, e eu estou bem machucada ali – quente e machucada. E acho isso extremamente repulsivo. Isso é uma unidade sólida, totalmente integrada em mim. Há alguma coisa nela. Eu tenho a impressão de que é como um saco, e eles o inseriram dentro de mim. E meu sentimento geral é que não quero isso dentro de mim .*
- *Então onde você pensa que eles inseriram isso?*
- *Na vagina.*
- *Mas isso ficaria no local onde o útero ficava?*
- *Talvez. Talvez. Não sei.*
- *Você sente que é nessa área que eles estão trabalhando?*
- *De fato, tenho a impressão de que há um peso sobre a minha bexiga, como se estivesse pingando. E nos últimos oito meses eu me senti assim... eu pensei, bem, estou envelhecendo e meus músculos não são tão fortes como eram... eu sempre pensei que se ficasse de pé muito tempo sentiria necessidade de me deitar, para corrigir a posição. Aquela sensação de que há uma pressão e de que fica*

pingando. Mas nunca me senti como agora. Agora mesmo, estou tendo a sensação de ardência no abdome – e calor. Tanto calor. Minhas costas doem.

- *Eles dizem algo a você? Eles explicam o que estão fazendo, ou ficam silenciosos?*
- *Eu acho extremamente repulsivo... e não quero isso. E eu agora sou dona do meu nariz. Isso é uma coisa que tenho de resolver.*
- *Essa é a impressão que você tem?*
- *Não é que eu estivesse dizendo não. Eu não diria não para eles. **Tenho o sentimento de que estou aqui para servir**, mas não gosto disso. Estou de certo modo dizendo a eles que acho isso muito repulsivo. Mas eles não perguntaram se eu quero fazer isso. Eu não gosto disso nem um pouco e estou muito perturbada.*
- *Eu espero que você tenha dito isso para eles. Eles não têm o direito de fazer isso com você, Lydia. Então, é perfeitamente normal que você esteja perturbada.*
- *(Chorando) Acho que isso foi a pior coisa que já me aconteceu... Você sabe o que eles estão me obrigando a fazer? Tenho de mudar para me conformar com isso. O modo pelo qual o meu corpo funciona está sendo perturbado agora, e tenho de me conformar para ser compatível, criar uma atmosfera condutiva para essa coisa... Ela está desequilibrando todo o meu corpo.*

Enquanto eu escutava Lydia, lembrei-me de uma abduzida na menopausa que me falara sobre sentir-se grávida e alguma coisa “dando pontapés” no seu abdome. Agora eu sabia. Compreendi que os alienígenas obrigam as mulheres a carregar os bebês, mesmo quando elas não têm mais útero. Em vez de implantar o embrião num útero, os alienígenas poderiam estar inserindo uma unidade de gestação extra-uterina – um saco capaz de incubar um feto sem ter de ligá-lo às paredes uterinas. Os alienígenas colocam a unidade numa área perto do útero, ou talvez no espaço que o útero ocupava originalmente, ou atrás da bexiga, ou perto de um ovário.

Isso me levou a reconsiderar a situação de Melissa. O “implante” que a preocupava provavelmente não era um dispositivo tecnológico, como eu pensara, mas um implante fetal extra-uterino perto do ovário. Sob essa luz, a insistência de Melissa em não removê-lo tornou-se compreensível – ela sabia inconscientemente que não devia perturbar o feto. Agora outros casos problemáticos começaram a fazer sentido. A introdução de ar,

acompanhada por uma sensação de intumescimento e de que os órgãos estavam se “mexendo”, era uma preparação do espaço no qual os alienígenas colocavam a unidade de gestação extra-uterina; eles praticamente criavam um vazio para a sua colocação.

As implicações desses casos eram inquietantes. Qualquer que fosse o estágio reprodutivo ou as capacidades das abduzidas, elas podiam sempre ajudar a produzir bebês. Elas poderiam “armazená-los” no útero ou na unidade de gestação extra-uterina. Além disso, essa unidade de gestação extra-uterina servia para “camuflar” o fenômeno. Ela não afeta a produção de hormônios das gônadas, que normalmente aparecem nos testes de gravidez. O uso extensivo de mulheres **como hospedeiras de bebês híbridos amplifica o papel do programa de cruzamento. Seu objetivo é enorme. Teoricamente, os alienígenas produziram centenas de milhares ou talvez milhões de descendentes híbridos (n.T. Na realidade produziram uma nova raça total).**

Protegendo a gravidez

Quando uma abduzida fica grávida, o que pode impedi-la de abortar? Ou o que a impede de visitar um ginecologista que descobrirá a unidade de gestação extra-uterina e a removerá? Tornou-se claro, durante os anos de minha pesquisa, que os alienígenas evitam essas providências removendo as “provas” antes que a abduzida possa fazer algo. Muitas vezes as abduzidas relatam que marcaram um aborto e encontraram somente um útero vazio, durante a sua realização. Quando o procedimento vai ser feito, os alienígenas já removeram o feto.

Claudia Negrón, uma mulher que criara dois filhos antes de voltar ao colégio para obter seu diploma de bacharel, descreve o processo de remoção que ocorreu durante uma de suas abduções. Primeiro ela viu um longo instrumento que os alienígenas inseriram nela:

- *“Objeto estranho. Não sei se é de metal ou... Eles o usam para fazer bebês. Eles colocam aquelas coisas juntas num laboratório. Depois o inserem no útero de modo que cresce e vira um bebê. Num certo momento, eles monitoram, sabem o seu progresso; em outro, eles voltam, levam você a bordo e removem o feto, que não está completamente desenvolvido, mas grande o suficiente para ser reconhecível. Eles o removem, levando para esse lugar. Já vi isso antes. Um tipo de fluido, eles guardam os fetos removidos nesse fluido, um*

fluido quente. É como um tanque e tem um bocado de fluido, tem muito do que é essencial, não sei, alguma coisa para fazer com que cresçam e se mantenham vivos (n.t.Uma incubadora artificial).”

É lógico que os alienígenas controlam os pensamentos das abduzidas para proteger a gravidez. Mas eles monitoram e gravam tudo que uma pessoa pensa vinte e quatro horas por dia, ou escutam seletivamente? Se eles monitoram continuamente, então tudo o que uma abduzida pensa teria de ser recebido, gravado, avaliado e possivelmente providenciado. Não existe prova de que exista esse nível de monitoramento. Por exemplo, os alienígenas são atraídos por qualquer coisa diferente no corpo da abduzida: uma cicatriz de apendicectomia, uma mudança na cor do cabelo, uma tatuagem e assim por diante. Eles inspecionam cuidadosamente a área que mudou e perguntam à pessoa o que isso significa e como aconteceu. Se eles ficassem continuamente monitorando, provavelmente saberiam as respostas.

Assim sendo, os alienígenas têm de monitorar seletivamente. Se a abduzida pensa em cosméticos ou compras, não há reação. Mas, se a abduzida pensa em aborto, gravidez, bebês e implantes, esses pensamentos resultam em ações, se houver tempo. Quando levei Melissa para fazer um teste de ultra-som no ginecologista, os alienígenas não tiveram tempo de remover o “corpo estranho” implantado no seu corpo. Tudo aconteceu no espaço de uma hora. Como os alienígenas controlam os pensamentos? Provavelmente, eles o fazem por meio de implantes.

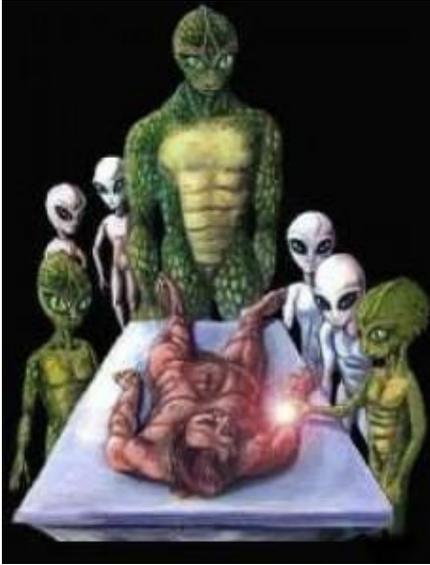
A maioria das abduzidas têm implantes alienígenas, que descrevem há anos, alojados nas fossas nasais, possivelmente perto do nervo óptico ou da glândula pituitária, ou na orelha. As abduzidas com implantes sofrem a vida inteira de problemas nasais, sangramento do nariz, congestão nasal, diminuição da audição, zumbidos e sangramento do ouvido. Os médicos têm observado tecidos cicatrizados anômalos e orifícios nas passagens nasais das abduzidas. Existem também implantes que são colocados nas pernas, nos braços e no pescoço das abduzidas. Algumas abduzidas têm observado implantes no cérebro. Claudia Negrón descreve que recebeu esse tipo de implante durante um incidente em 1983:

- *Ele tem uma espécie de instrumento na mão. Parece, parece uma agulha, uma agulha hipodérmica, mas não é. (É) longa. Tem uma ponta comprida e ele insere no meu ouvido, até bem fundo. E parece que vai bem dentro do cérebro, faz com que todo o meu cérebro se mexa, não sei, balança toda a minha*

cabeça. Ele disse que é importante. Ele me comunica, ele diz: “Isso é importante”, que tem de fazer isso.

- *Ele diz por que é importante, ou fala vagamente?*
- *Ele diz que é importante para mim, mas na verdade eu tenho a sensação de que é mais importante para ele do que para mim. Acho que estão inserindo alguma coisa na minha cabeça. É realmente, realmente pequenino, muito pequeno, seja lá o que for. E ele diz que ninguém saberá que está ali.*
- *Você reage a isso?*
- *Não estou dizendo nada. Só estou sentindo a dor. Como que imobilizada por essa dor. Ele diz que não vai doer. Mas está doendo. Mas está. Ele diz que não vai durar muito. Ele diz que depois não vou sentir nada. Nem vou saber que está ali. Ouvi alguma coisa estourar no meu ouvido. Oh. Oh!.. Perguntei a ele para que é isso, por que eles estão fazendo isso. Ele diz – ele não fala, só manda o seu pensamento. É como se ele projetasse os pensamentos para mim, e ele diz que eles têm de saber, eles têm de saber como eu vejo o mundo, como vejo as coisas, como interpreto as coisas (emocionalmente), como elas ocorrem, e esse é o meio de monitorar isso. Isso diz a eles onde estou em todos os momentos. Eles sabem como eu reajo a cada situação e a cada momento. Ele diz que é importante para eles. Dizem que é importante para a pesquisa deles. Eles têm de saber isso... pois querem saber como as crianças vão ser. Eles querem saber o que esperar quando elas crescerem. É tudo por causa das crianças?*

A função exata dos implantes não é clara, mas podemos fazer algumas especulações a partir das informações. Trata-se de complexos dispositivos multifuncionais que podem monitorar ou afetar os níveis hormonais para lactação, menstruação, ovulação e gravidez. Eles também devem servir de meio de localização das abduzidas. Os implantes no ouvido, na cavidade e nas fossas nasais podem servir a uma variedade de objetivos. O que está claro é que os alienígenas chegam a extremos para proteger uma gravidez. Se a abduzida tem algum pensamento sobre aborto, eles intervêm. Muitas vezes os alienígenas somente admoestam energicamente as abduzidas para não perturbarem a gravidez, mas essa providência tem sucesso limitado.



Embora muitas abduzidas digam que não desejam interferir na gravidez, a maioria das mulheres que estão conscientes de sua gravidez mostram choque e horror, e superam quaisquer escrúpulos que possam ter sobre a terminação da gravidez. O caso de Kathleen Morrison é um bom exemplo. Embora ela não estivesse sexualmente ativa e tivesse sofrido uma histerectomia anos antes, Kathleen suspeitava que tivesse uma gravidez extrauterina e marcou uma consulta com o Dr. Treller. Alguns dias antes da data marcada, ela foi abduzida e submetida a um exame ginecológico, enquanto um alienígena se comunicava com ela ao mesmo tempo mediante procedimentos de encarar seus olhos e varredura cerebral:

- *O que você pensa que ele está fazendo, quando realiza o procedimento de olhar nos seus olhos?*
- *Bem, eu penso que ele está fazendo uma leitura do meu corpo e ele fez um passe rápido em minha mente mas – O.K, ele vai mais fundo. Ele vai me dar uma palavra e eu devo reagir a ela. “Treller”, e eu respondo que eu vou ver o médico. Ele pergunta se eu não me sinto bem, e digo que estou tendo problemas. E tenho a sensação de que... minha mente também disse alguma coisa com o efeito de... e eu quero saber o que está acontecendo. Eles querem saber o que eu quero dizer com isso. Minha resposta é: “Bem. voce sabe...”*
- *Quando você diz “você sabe”, como ele responde a isso?*
- *A palavra que me ocorre é GELO. A atitude muda. Eu tenho a impressão de que antes disso eles eram... um pouco mais gentis, e a face se desanuviou... sinto um calor na área da vagina. Está ficando estranho quando eu digo que não sei se é calor ou frio de gelar... minha pergunta é: “O que você quer?” E a coisa é:*

- *“Precisamos ter certeza de que tudo está O.K.” “Mas não está tudo O.K. e por isso é que eu vou visitar um médico.” “Você deveria nos avisar.” Tenho a sensação de que deveria avisá-los, mas não sei como fazer isso. Eu não o faria.*
- *O que você pensa que eles estão fazendo ali?*
- **Colhendo... óvulos.**
- *Eles estão do seu lado direito?*
- *Sim. Tem um do meu lado direito. Ele está colocando uns quadros na minha cabeça.*
- *E o que você está vendo?*
- *Uma creche cheia de crianças. **Não as nossas aqui, mas as de lá.** Ele também tenta formar uma estrutura familiar como a gente conhece.*
- *O que você quer dizer com isso?*
- *Eles não estão bem. Deve haver dois – que parecem mais velhos – com um grupo de crianças pequenas.*
- *Dois seres **Greys** ou híbridos?*
- *Às vezes uma mistura (um **Grey** e um híbrido, Kathleen diria mais tarde).*
- *Os seres mais velhos seriam uma mistura, ou coisa assim?*
- *Certo. É como o conceito deles sobre a vida de família aqui. Eu quase quero dizer que é um cenário reconstruído de um piquenique...*
- *Quando você vê a unidade familiar junta, o que eles estão fazendo?*
- *É como a reconstrução de um piquenique. Mas eles não têm bancos de piquenique ou coisa que o valha. É como se eles estivessem no ambiente de um tipo de parque. Ficando em grupo, caminhando, sentando... (eles estão) falando. Eles querem fazer alguma coisa com os seres mais jovens, os pequenos, mas é uma forma, sem substância. É uma situação semelhante a um parque, mas não há árvores ou riachos, ou grama, mas a impressão que a gente tem é de simulação – um exercício teatral – então, eles me fazem uma pergunta.*
- *O que eles perguntam?*
- *“Como você pode fazer isso com eles?” É relacionado com a gravura.*
- *Não entendo... fazer o que a eles?*
- *Eu sei de que eles estão falando. Tudo bem, quando eles estavam me perguntando antes, sabe, sobre o fato de eu ir ao médico e tudo o mais, eu disse porque eu não me sentia bem. Eu queria saber o que estava acontecendo. E sei que tenho uma gravura na minha mente, que, se alguma coisa estava ali,*

não estaria mais ali, e é sobre isso que eles estão perguntando. Como eu podia fazer aquilo, como eu poderia tirar alguma coisa que era deles.

- *Mas você não está tirando nada.*
- *Bem, não estou, mas... é alguma coisa que eu estava querendo enfrentar, um – “E se?”, e eles pegaram por aí. Droga! A gente nem consegue ter os próprios pensamentos.*
- *Certo. Então você estava pensando que se houvesse alguma coisa ali você a teria retirado?*
- *Certo. Teria de sair.*
- *Eles estão dizendo como é que você tiraria alguma coisa que é deles?*
- *Como eu poderia fazer isso a esses seres pequeninos-essas criancinhas? Como eu faria mal a eles? Eu teria alguma coisa removida. Eu não conseguiria ser como eles – onde eles estão. QUE SE FERREM!*
- *Então, quando você vê um retrato com criancinhas como um exemplo do que é bom e maravilhoso, você vai desarrumar tudo?*
- *Certo. A viagem da culpa. Eu sinto que estraguei tudo monumentalmente.*

▪

Relações sexuais

Durante anos as abduzidas têm relatado serem forçadas a manter relações sexuais com outro abduzido a bordo de um óvni. Esses relatos são especialmente espantosos. Depois que os alienígenas coletam esperma e óvulos e emprenham a mulher com o embrião, parece que não há motivos para forçar os humanos a terem relações sexuais. Uma teoria popular é que os alienígenas estão interessados nos aspectos emocionais do sexo. Eu descobri o que pode ser uma razão mais simples para esta prática. As relações sexuais ocorrem depois que um alienígena realiza varredura cerebral, criando intensa excitação tanto no homem quanto na mulher. Nesse ponto, os alienígenas colocam o homem e a mulher juntos e o casal inicia relações sexuais. Então, logo antes da ejaculação, eles os separam e o homem ejacula num recipiente.

Durante a regressão hipnótica, os abduzidos têm descrito uma variedade de estados emocionais no curso das relações sexuais. Alguns ficam neutros. Alguns gostam, pois os alienígenas os sugestionam para imaginar que estão fazendo amor com a pessoa amada. Muitos se sentem culpados e humilhados. Às vezes o homem tem remorsos de estar fazendo isso a uma mulher.

Lucy Simpson relata o caso de um homem que lhe disse “desculpe-me”, quando os alienígenas os separaram. Mas os alienígenas parecem não dar a menor atenção a essas reações emocionais. Ele se concentra apenas em provocar uma reação fisiológica normal para fazer com que o homem ejacule.

Embora os alienígenas rotineiramente colem esperma por meio de um recipiente junto ao pênis do homem, aparentemente esta técnica não é perfeita. A prova sugere que, em determinadas situações, este procedimento e até mesmo a masturbação não funcionam. Joel Samuelson, um homem de negócios tranquilo de quarenta anos, de Pittsburgh, Pensilvânia, relatou um evento extremamente confuso, no qual os alienígenas colocaram um dispositivo em seu pênis para coletar esperma. Então, alguns minutos depois, eles o levaram para outra sala, obrigaram-no a ter relações sexuais com uma mulher e coletaram seu esperma. Enquanto eu ouvia essa narrativa, ocorreu-me que, embora seja possível ejacular duas vezes em rápida sucessão, o tempo entre as duas ejaculações foi tão pouco que Joel não deveria ter gerado muito mais esperma.

Além disso, ele teve a impressão de que a primeira tentativa mecânica falhara. Desta forma, parece que a maioria das relações sexuais entre humanos a bordo de óvnis tenha por objetivo a coleta de esperma e não necessariamente provocar emoções sexuais. Os abduzidos são muitas vezes obrigados a produzir mais esperma, quando os meios mecânicos não funcionam ou enguiçam. Terry Mathews ajudou a masturbar manualmente quatro homens, enquanto estavam deitados nas mesas. A cada vez os alienígenas fizeram coleta de esperma.

Outro exemplo vem de Carla Enders, que teve de ajudar os alienígenas a fazer coleta de esperma em um homem velho que era “impotente”:

- *Eles não conseguem fazê-lo reagir como queriam. Então, eles me pediram que ajudasse. Eu digo: “Não compreendo.” Eles estão dizendo: “É como você já fez antes.” Eles estão pedindo que faça algo, e eu não estou entendendo bem o que eles me pedem. “Vocês nunca me fizeram essas perguntas antes, por que estão me perguntando isso?” Estou de pé no meio deles e eles estão me rodeando.*
- *Formam um círculo a minha volta. Estou sentindo que vou fazer uma cena, gritar e ter um troço... Eles estão me dizendo que não vai ser ruim basta fazer, e vai acabar logo...*

- *Você compreende perfeitamente o que eles estão pedindo?*
- *Não completamente. Só que eles querem fazer uma coleta de esperma nesse velho e não conseguem. E eles tentaram tudo o que fazem normalmente e não funcionou. E por alguma razão eles têm a impressão de que eu poderia... Mas eu ainda não percebi, até que vejo o que eles estão pedindo que eu faça. Eles estão só dizendo: “Vai ser diferente, mas não se preocupe”, ou coisa que o valha.*
- *E o que acontece depois?*
- *Eu estou meio confusa, enquanto a gente caminha.*
- *Você caminha de volta para o salão?*
- *É. E há dois deles na minha frente e dois atrás de mim. E a gente continua andando no salão... e há esse quarto do lado. Há mais outros ali... estou tendo lembranças de um velho... ele está sentado no canto da mesa, só sentado. Não está se mexendo. Ele é mais velho... talvez perto de uns sessenta. Dá para ver que ele é mais velho, não é gordo, mas a pele é diferente. Não é como um jovem... parece que ele quer se levantar e sair logo. Parece que ele não pode se mexer...*
- *Você consegue ler seus pensamentos um pouco?*
- *Sim, e parece que eles começam, eles estão fazendo algo que o faz ficar excitado, algum tipo de desejo sexual ou coisa assim. Parece que ele está mudando... parece que ele não está mais pensando em ir embora. Ele nem percebe que todos eles estão rodeando-o. É como se ele estivesse tendo fantasias ou algo parecido com delírio... parece que eles estão me pedindo que toque os seus genitais. E eu não estou cooperando, mas eles fazem com que minhas mãos se movimentem de qualquer maneira... eu estou tendo imagens de que eu de algum modo gosto dessa pessoa. Eu não compreendo isso. Que talvez eu realmente ame essa pessoa.*
- *E o homem parece conhecido seu?*
- *Não. Estou pensando, por que estou sentindo isso? Então, parece que eu nem ligo para outros pensamentos. Nem percebo que eles estão ali. Eu não me lembro de como comecei a fazer a masturbação nele, só me lembro de um flash e que eu estava pensando, “Eu não quero estar fazendo isso”, mas não como se eu me sentisse forçada, mas de modo natural. Mas, então, senti como se eu quisesse parar, mas não podia parar... Parece que finalmente consegui tirar isso da minha cabeça. Estou só me sentindo nauseada.*
- *O que eles fazem com ele, quando você para a excitação?*

- *Parece que estou pensando que eles esperam que ele vá ejacular, pois parece que é isso que estão tentando fazer com ele. Eu não sei mesmo. É como se todos estivessem rodeando-no. Parece que eles estão satisfeitos com o resultado, pois conseguiram o que queriam.*
- *Então, o procedimento foi bem-sucedido.*
- *Sim. Parece que eu não fiquei ali muito tempo. Eles estão me dizendo que vou esquecer. Porque eu estou realmente furiosa. Estou pensando: “Como é que isso aconteceu?”, e a gente vai caminhando pela sala.*

A coleta de esperma e óvulos é tão importante que os alienígenas não aderem às “regras” aceitas, que proibem sexo entre parentes: “Carole” estava viajando pelo Arizona com dois amigos e um primo em primeiro grau, quando todos foram abduzidos. Depois de seu exame médico no interior da espaçonave, Carole foi excitada sexualmente e levada para outro quarto. Os alienígenas então trouxeram seu primo e os dois tiveram relações sexuais – para extrema culpa e vergonha de Carole. Os alienígenas os separaram quando seu primo começou a ejacular e fizeram a coleta do seu esperma. Mais uma vez, o objetivo de forçar relações sexuais entre humanos parece ser a coleta de esperma.

Uma consequência indesejada de relações sexuais para coleta de material genético pode fornecer os motivos para outro aspecto curioso do fenômeno de abdução. **As mulheres abduzidas têm relatado que ficam grávidas em circunstâncias impossíveis; elas não tiveram relações sexuais com ninguém e, entretanto, estão grávidas.** Elas levam o parto a termo e têm um bebê saudável e normal. Uma mulher se lembra de ter visto uma luz brilhante enquanto dirigia; depois houve um período de cuja duração ela não se lembra. Ela ficou grávida e depois do nascimento da criança referia-se à mesma como o “filho das estrelas.” Ouvindo a história do seu nascimento, seu filho, agora com doze anos, ficou convencido de que viajara para o útero de sua mãe **num “raio de luz”**.

Pelo menos algumas dessas “**imaculadas concepções**” são provavelmente o resultado de erro de cálculo, e, como os alienígenas são seres vivos, eles também cometem erros. Se, durante a abdução, o homem começa a ejacular alguns segundos antes que os alienígenas o separem da mulher, ela pode facilmente ficar grávida. Embora as relações sexuais entre dois humanos seja primordialmente para coleta de esperma, há outro cenário sexual. Os abduzidos relatam ter estabelecido relacionamentos íntimos com outros humanos que os alienígenas arranjam durante a

abdução. Um garoto e uma menina se encontram a bordo de um óvni, continuam a se ver durante abduções posteriores e desenvolvem uma amizade.

Tornando-se adolescentes, eles começam a ter relações sexuais a bordo da espaçonave. Às vezes eles sabem os seus nomes e às vezes inventam nomes para o outro. Terry Matthews conheceu um garoto chamado Ben Anderson, com quem teve um profundo relacionamento enquanto menina e adolescente, durante suas abduções. Em uma ocasião, ela esperava encontrá-lo, mas os alienígenas lhe disseram secamente que ele havia morrido e que “nós temos outra pessoa para você encontrar”. Quando ela ficou perturbada, eles lhe disseram que não era culpa deles que o rapaz tivesse morrido num acidente de automóvel.

Em certas ocasiões, dois abduzidos se encontram numa situação de não-abdução e têm uma sensação de familiaridade, e sentem uma forte atração um pelo outro. Por exemplo, Dena e Ray viram imediatamente que se pertenciam, quando se encontraram. Eles não tinham nenhuma idéia de como e por que se sentiam desse modo, mas a atração foi tão forte que eles se divorciaram de seus respectivos cônjuges e se casaram. A hipnose revelou que eles tinham tido uma longa relação sexual quando adolescentes, o que aconteceu exclusivamente durante abduções.

Budd Hopkins, que primeiro identificou esse fenômeno, sugeriu que a alcovitagem de dois abduzidos indica que os alienígenas estão realizando um estudo dos relacionamentos dos abduzidos, tanto social quanto sexual. Isso pode ser realmente o caso. É também possível que os dois abduzidos possuam certas propriedades genéticas que os alienígenas desejam que sejam transmitidas aos seus filhos.

Controlando os seres humanos

Um aspecto intrigante do fenômeno de abdução é o uso da varredura mental para excitar sexualmente as mulheres. Na varredura mental, que normalmente ocorre imediatamente após o exame médico inicial, um alienígena alto coloca seu rosto bem próximo ao rosto da abduzida e a encara intensamente. O alienígena pode provocar uma variedade de sentimentos e fazer com que a abduzida imagine situações específicas, por ele escolhidas. Um dos procedimentos mais comuns é o alienígena induzir sensações sexuais que vão aumentando gradativamente até que a abduzida atinja o orgasmo.

A questão se põe: Por que as sensações sexuais são estimuladas durante a varredura mental? Para chegarmos a essa resposta, precisamos saber o que faz o alienígena alto, que realiza a varredura mental, no momento do orgasmo da abduzida. Ele imediatamente interrompe seu procedimento de olhar fixamente nos olhos da abduzida, abre as pernas da abduzida e começa os procedimentos ginecológicos. O procedimento mais freqüente durante o orgasmo é a coleta de óvulos. A indução do orgasmo não parece estar ligada a qualquer interesse em testar a reação sexual. Ao contrário, a prova sugere que os alienígenas precisam dos efeitos fisiológicos do orgasmo, intumescência, expansão, lubrificação e talvez a ovulação – para facilitar os procedimentos ginecológicos que estão realizando. Embora o papel do orgasmo seja controverso, a médica (e abduzida) Gloria Kane teve certeza de que, durante a varredura mental, o alienígena estava provocando a liberação de um óvulo de seu ovário.

Quando eu tinha... dezesseis anos, eles me disseram que estavam alterando o modo como eu funcionava por dentro, logo depois da minha menstruação, que eles estavam alterando o meu modo de funcionar para que eu ficasse como um coelho. Eu ficaria excitada sexualmente e então produziria ou liberaria um óvulo... eles queriam que eu ficasse excitada o bastante para ovular daquele jeito. A ovulação deve ocorrer num determinado tempo para o programa de cruzamento. Os híbridos ensinaram a outros híbridos as minúcias necessárias para liberar os óvulos. Christine Kennedy lembra-se de um evento no qual um ser extraterrestre híbrido discutiu com três outros sobre o modo de induzir a ovulação nela:

- *Ele está dizendo alguma coisa para os outros. Quando ele diz algo, ele olha para os outros, ou para o outro lado?*
- *Eles estão olhando para ele. Ele está afastando meus ovários.*
- *Qual a sua posição na mesa? Deitada, pernas estendidas, pernas levantadas?*
- *Não, eles colocaram meus pés naquelas coisas... que levantam.*
- *Certo. Então, eu presumo que seus joelhos estão para cima e que suas pernas estão abertas e tudo o mais?*
- *Hum, hum (sim). Não posso mexer meus pés.*
- *Ele está apertando seu ovário.*
- *Hum, hum (sim).*
- *Agora, quando ele fala com os outros caras, você pode pegar um pouco do que ele diz, um pensamento aqui, outro ali?*
- *Eles vão me fazer ovular.*

- *É o que ele diz?*
- *Hum, hum. Ele fala sobre um óvulo, mas não sei se é “tire o óvulo”. Acho que não. Não posso ver meus braços... mexendo.*
- *Seus braços mexendo? Como?*
- *Eu podia mexer meus braços.*
- *Você estava se debatendo?*
- *Queria dar um pau no filho da Mãe.*
- *Bom. Então você tem algum movimento.*
- *Não posso fazer nada com eles. Deixei cair. Ele prendeu meu braço, e os outros dois estão do outro lado da mesa. Eles o seguiram.*
- *Então, ele não está mais pressionando seu ovário quando faz isso?*
- *Hum, hum (não). Tenho a impressão de que agora querem me agradar. Ele está dizendo alguma coisa. Como eu vou querer fazer isso, ou coisa que o valha...*
- *Você fala com ele, responde?*
- *Não, porque... ele está me acalmando, está vindo bem perto do meu rosto.*
- *Quanto perto ele fica?*
- *Bem perto. Eu o sinto tocando minha testa.*
- *O que acontece?*
- *Ele faz (mentalmente excitando-a) com que eu chegue ao orgasmo. Filho da Mãe!*
- *Quando isso acontece... ele está só perto de você, tocando sua testa?*
- *Com sua cabeça. Ele estava me encarando. Ele está fazendo a mesma coisa que eles sempre fazem.*

A capacidade que os alienígenas têm de olhar nos olhos das abduzidas e efetuar uma grande variedade de mudanças na função cerebral é extraordinária. Inicialmente, isso parecia quase sobrenatural ou místico, como se Svengali estivesse olhando para Trilby, dominando-a para fazer tudo o que ele queria. Mas o místico e o sobrenatural não fazem parte do fenômeno de abdução. Os alienígenas usam seu conhecimento avançado da fisiologia humana para nos controlar e finalmente para se assegurarem de que os humanos aceitem o programa de cruzamento e as outras partes de seus planos.

A habilidade dos alienígenas de controlar os seres humanos é o resultado da manipulação do cérebro humano. Por exemplo, quando os alienígenas se aproximam dos olhos do abduzido, para começar o procedimento de fixar seu olhar, quase imediatamente o

abduzido sente os efeitos físicos e emocionais. Uma forma de explicar isso é que os alienígenas usam o nervo óptico para penetrar nas vias neurais do cérebro.

Excitando o nervo óptico, o alienígena consegue “viajar” nas vias neurais, através do quiasma óptico até o corpo geniculado lateral, e dali ao córtex visual no fundo do cérebro. Dali, ele pode viajar para o córtex visual secundário e continuar nos locais dos lobos parietais e occipitais e no hipotálamo. Através dessa rota, o alienígena pode estimular as vias neurais, viajar para muitos sítios neurais e causar o “lançamento” de neurônios em qualquer lugar que desejar. Os estímulos cerebrais permitem que os alienígenas produzam uma variedade de efeitos. Se os alienígenas podem se conectar com as vias neurais, podem reconstituir as memórias dos abduzidos.

Podem injetar novas imagens diretamente no córtex visual, ultrapassando as observações normais da retina, dando às pessoas a ilusão de que estão “vendo” coisas que passarão a ficar armazenadas em sua memória, como lembranças de abdução. Eles podem penetrar em locais dentro do sistema límbico e causar emoções fortes como medo, raiva e afeto. Eles podem criar sensações de excitação sexual que se acumulam em orgasmo. Podem criar um tipo de amnésia que ajuda a manter o segredo.

Usando o nervo óptico, os alienígenas podem, de fato, penetrar o sistema nervoso autônomo da medula espinhal e se ramificar no sistema nervoso parassimpático, dando-lhes acesso praticamente a qualquer órgão. Os abduzidos falam freqüentemente de terem sensações físicas nos seus genitais, na bexiga e em outras zonas, quando os alienígenas realizam procedimentos de varredura mental. As reações fisiológicas para ereção e ejaculação nos homens e intumescência, expansão e lubrificação nas mulheres podem ser geradas artificialmente desta forma.

É claro que não se sabe como os alienígenas atingem o nervo óptico, mas existem algumas pistas. Quando começa a varredura mental ou qualquer procedimento de olhar nos olhos, o abduzido não pode desviar ou fechar os olhos; eles devem ficar fixos e abertos. O abduzido é obrigado a olhar fixamente os olhos do alienígena. A maioria dos abduzidos relatam que os olhos do alienígena são marrons, escuros ou negros, e opacos. Outros descrevem o que lhes parece líquido dentro dos olhos dos alienígenas. Outros freqüentemente vêem uma estrutura móvel ou trêmula dentro dos olhos que gera “luz”. É possível que o mecanismo, que emite luz, atinja o nervo óptico para iniciar a jornada dos alienígenas através das vias neurais. Alguns

abduzidos sentem quando o contato se faz. Allison Reed muitas vezes sentia a ligação física do alienígena com seu cérebro durante a varredura mental:

- *O que ele está fazendo aí dentro?*
- *Estou meio cansada. Aquela coisa está chegando novamente. Não dá para ver, mas posso sentir, é como... e passa por tudo. Não sei, passa por toda a parte, como uma luz azul. É entre a cabeça e meu cérebro, é claro que não posso ver, só sentir. Agora não estou sentindo quase nada. Eu me sinto bem, relaxada...*
- *A luz azul vem dos olhos dele ou de um instrumento?*
- *Não, não gosto de chamar isso de luz, porque não é uma luz o que a gente vê, é mais uma energia. Não dá para ver, geralmente nesses lugares a gente vê certas coisas, mas sente mais do que vê. Os sentidos mais importantes não são a visão, o olfato e o tato, é mais o sexto sentido quando se está lá. Vem dele, não é um instrumento, é uma energia. De certo modo, ele pode fazer com que essa energia penetre a minha cabeça (n.T. A energia de uma VONTADE superior comandando uma vontade INFERIOR, através do Raio Azul, o do poder, da vontade.).*

Semelhantemente, Courtney Walsh, uma jovem que segue a carreira nas ciências biológicas, “sentiu” quando suas vias neurais foram estimuladas.

- *Não, tem um sentido de, é difícil descrever, como alguma coisa que está perfurando ali. A gente pode sentir as diversas vias nervosas... mas de fato até é uma sensação agradável. Eu posso sentir... uma sensação como... pequenas correntes de energia pululando dentro da minha cabeça.*

Jack Thernstrom, um estudante de mestrado de ciências físicas, teve uma reação semelhante e sentiu que o alienígena estava penetrando fisicamente a sua mente.

- *Agora ele está olhando para o meu rosto novamente, e desta vez é como uma faca futucando minha mente. É uma sensação de... uma situação fisiológica, o que está acontecendo? É pura dor mental.*
- *O que você pensa que ele está fazendo?*
- *Tenho a impressão de, como se ele estivesse tentando por diversos caminhos – é quase uma sensação física, como se houvesse cabos e cordões entrelaçados, finos como fios de cabelo, mas bem esticados. Parece que nunca passei por isso... ele está apertando ali, e encontrando caminhos entre eles para chegar a um certo ponto. É uma sensação de uma*

faca perfurando e forçando caminho entre as coisas... Alguma coisa entre ativo e passivo... não é como abrindo e vendo o que está lá dentro, é como um emaranhado de fios, e alguém os está puxando e separando para ver onde cada um deles está ligado.

Alguns abduzidos visualizam pensamentos e imagens esparsas, enquanto os alienígenas atravessam as suas vias neurais, como se a “viagem” enervasse essas vias neurais, como um “subproduto” do procedimento. Uma mulher viu a estrutura de uma casa, uma carruagem, o cabelo de uma peruca, alguém lavando a cabeça de um manequim (sem corpo) num tanque, um iceberg, em um fiorde, o telhado de uma casa velha no inverno, duas crianças, uma gravura antiga com dois políticos. Outro abduzido imaginou um pente, dentes, números, letras, parte de um rosto, um homem se despencando de um edifício, um pássaro voando, o corte de uma faca, uma perna, o buraco de um rato, um relógio de bolso e batatas.

Uma vez ligado às vias neurais do abduzido, o alienígena essencialmente tem liberdade de fazer o que quiser. O abduzido não tem mais controle dos seus próprios pensamentos. Os alienígenas podem exercer poder absoluto sobre as mentes e os corpos dos abduzidos. Eles podem fazer os abduzidos pensar, sentir, visualizar ou qualquer coisa que quiserem.

A capacidade que os alienígenas têm de atingir as vias neurais das abduzidas não é automática. Eles rodam e torcem suas cabeças para achar o melhor ângulo para fisgar o nervo óptico. Eles imobilizam a cabeça da abduzida de modo que ela não faça nenhum movimento que possa perturbar o enlace. Kathleen Morrison teve uma varredura mental fora do comum, na qual o primeiro alienígena não conseguiu fazer o enlace adequado. Depois que o primeiro alienígena tentou por vários minutos sem sucesso, outro alienígena o substituiu e ela pôde rapidamente sentir os efeitos da varredura mental a que estava acostumada.



Mas outra abduzida resistiu com sucesso ao enlace mental. Reshma Kamal descobriu que tinha mais controle muscular do que o normal e o usou para impedir uma conexão neural. Ela mexeu rapidamente os olhos para frente e para trás, enquanto repetia uma frase religiosa em árabe. O primeiro alienígena tentou fazer contato e não conseguiu. Ele distraiu a sua atenção causando-lhe uma dor de cabeça e ameaçou não levá-la de volta à sua casa, mas ela se recusou a ceder. Outro alienígena o substituiu e aumentou as ameaças. Ainda assim ela recusou-se, embora começasse a se sentir tonta de tanto mexer os olhos. Um terceiro alienígena tentou; e ainda um quarto. Eles não conseguiram impedi-la de mover os olhos. Finalmente, eles desistiram e disseram que continuariam o procedimento na próxima abdução.

As abduzidas dizem que, de alguma forma, sabem que os procedimentos mentais são relacionados aos seres híbridos. As abduzidas sugerem que os alienígenas gravam as informações e, então, as transferem para as mentes dos híbridos a fim de que eles aprendam como os seres humanos vivem e sentem. Existem também procedimentos nos quais os híbridos transferem informações diretamente dos humanos para suas mentes. Um alienígena ligou Allison Reed a uma fêmea híbrida adulta com cabos, e, enquanto as duas se sentavam em frente uma da outra, Allison pôde perceber que seus pensamentos e suas lembranças fluíam dela para a híbrida. A híbrida “absorveu” os pensamentos e experiências de Allison e aparentemente colheu algum benefício com o procedimento.

Os procedimentos mentais devem ser vistos em relação aos planos de reprodução dos alienígenas. Sem a capacidade de manipular a mente humana, os alienígenas não poderiam controlar física e mentalmente os abduzidos, e o programa de cruzamento não seria viável na sua forma atual. As abduzidas muitas vezes se sentem mais violentadas pelos procedimentos mentais do que pelos reprodutivos. Elas sabem que seus pensamentos privados não lhes pertencem e que podem ser “ligadas” e manipuladas.

Embora freqüentemente eu tente assegurar-lhes que, apesar do que aconteceu, seus pensamentos são livres, elas sabem que isso não é inteiramente verdade.

Quem são esses seres extraterrestres, alienígenas poderosos que controlam os humanos como bem entendem? Em que tipo de sociedade eles vivem? Por meio dos relatos de abdução, pudemos juntar os fatos que fornecem algumas respostas a essas questões de suma importância.

Os abduzidos pintaram um quadro bastante claro de como os alienígenas se comportam. Eles se apresentam aos abduzidos de uma forma muito profissional – uma sociedade cooperativa operando como uma fábrica eficiente.

Mas os alienígenas também têm sido muito reticentes com relação à sua “vida pessoal” e à sociedade em que vivem. Entretanto, através dos anos eles têm deixado “vazar” algumas informações e gradativamente começou a se delinear um retrato de sua vida e de sua sociedade.

Capítulo V – O que eles são?

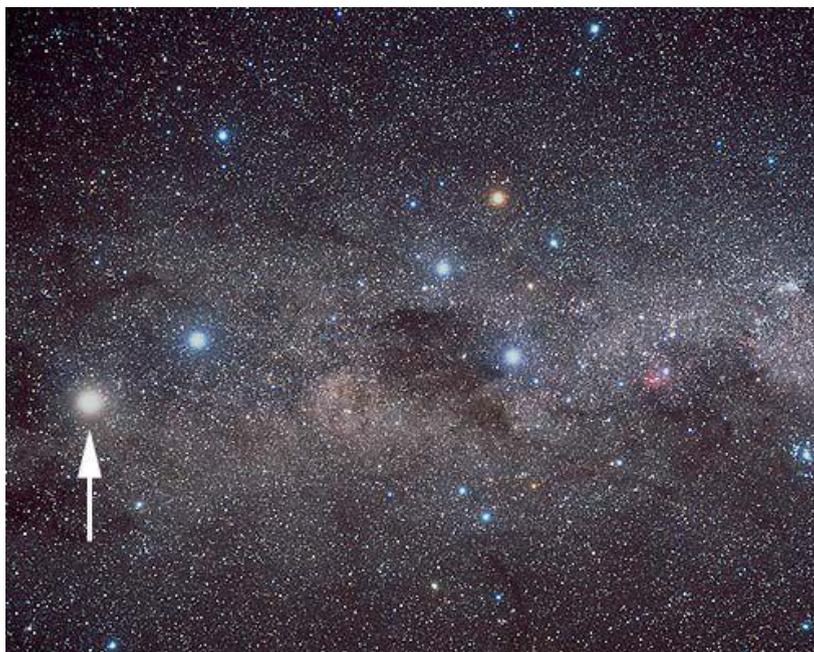
De onde eles vêm?

Os alienígenas vêm do espaço sideral, de outra dimensão, ou de um universo paralelo? No começo os pesquisadores acreditavam que o espaço sideral era a explicação mais lógica: os alienígenas voaram para aqui vindo de Marte, Vênus ou algum outro local no nosso sistema solar. Mas, à medida que os cientistas aprendiam mais sobre o nosso sistema solar, parecia certo que a Terra era aqui o único planeta com vida inteligente. Assim sendo, os pesquisadores concluíram que os alienígenas deveriam vir de outros sistemas solares.

Mas mesmo o mais perto deles (***n.T. Sistema solar triplo de Alpha Centauro*, distante cerca de 4,2 anos luz***) está a anos luz de distância e voar até aqui seria uma tarefa inglória, mesmo à velocidade da luz. O problema de como os óvnis podem chegar à Terra tem sido uma “barreira” intelectual para muitos pesquisadores, e os cientistas desenvolveram várias teorias através dos anos para superar esses obstáculos. O astrônomo e pesquisador de óvnis J. Allen Hynek postulou que os óvnis vêm de algum outro lugar através de um “plano astral”. De alguma forma, “eles desejam” estar aqui como se viajassem através de padrões de pensamento.

{(*) Alpha Centauri (α Centauri, α Cen), também é conhecida como Rigel Centaurus, Rigil Kentaurus, Rigil Kent,

ou **Toliman**, é a estrela mais brilhante da constelação de Centauro, sendo a terceira mais brilhante do céu, vista a olho nu.



Assinalada na foto pela seta branca, o sistema solar triplo de Alpha Centauro. Ao seu lado, mais à direita, a Constelação do Cruzeiro do Sul.

Esta estrela é, na verdade, um sistema triplo, no qual Alpha Centauri A e Alpha Centauri B giram em torno de um centro comum, gastando quase 80 anos para completar uma órbita, já Alpha Centauri C, também chamada de Proxima Centauri, demora mais de um milhão de anos para completar uma órbita em torno das componentes principais e é a estrela mais próxima do Sol, a 4,2 anos-luz; enquanto que o sistema Alpha Centauri AB está um pouco mais distante, a 4,4 anos-luz.}

O pesquisador de óvnis Jacques Vallee e outros têm sugerido que os óvnis vêm de uma realidade alternativa que a humanidade de alguma forma chama de consciência; essa realidade alternativa que se presume existir ao lado da nossa. Outros pesquisadores têm formulado a hipótese de que os alienígenas “saltam” para fora de universo paralelo, que pode ser feito de antimatéria ou outra substância. O dilema intelectual – como conciliar viagens espaciais com o conhecimento científico corrente – tem sido o assunto-chave que impediu a comunidade de astrônomos de explorar seriamente o fenômeno óvni.

Entretanto, este dilema intelectual é um problema espúrio. Em vez de perguntar de onde são os alienígenas e como chegaram aqui, é mais apropriado perguntar:

- ***As pessoas estão realmente vendo os objetos anômalos artificialmente construídos e inteligentemente controlados que estão relatando?***
- ***As pessoas estão tendo realmente as experiências e a abdução que descrevem?***

A questão não é como os alienígenas chegaram aqui, mas se eles estão aqui e POR QUE?. Este “como” é finalmente apenas um detalhe técnico. É claro que os abduzidos perguntaram aos alienígenas de onde eles vêm. E as respostas indicam que eles são verdadeiramente de outros planetas, de algum lugar do universo conhecido. Como existem bilhões de estrelas e portanto bilhões de planetas possíveis, ***(somente em nossa Galáxia, que é apenas uma entre infinitas possibilidades)*** essa explicação parece razoável e o testemunho dos abduzidos parece corroborá-la.

Quando os abduzidos perguntam aos alienígenas sobre a sua “casa”, eles às vezes apontam para o céu; eles não falam sobre universos paralelos, viagens no tempo, dimensões ou outras “locações” exóticas. Em um dado momento, Michele Peters, uma mulher com dois filhos que mora em New Jersey, teve uma conversa com um alienígena híbrido adulto:

- *Eu perguntei de onde eles vinham e ele me disse que vinha do norte. Eu me sentei e olhei para ele... Ele apontou para as estrelas, e disse: “... é mais ou menos lá em cima, mas você não pode ver. Com um telescópio dá para ver estrelas ao redor; três pequenas estrelas e um planeta; então, há um grupo e é isso. É parecido com uma hélice.” Primeiro há três estrelas pequenas, depois o planeta, depois um grupo. E depois o planeta deles. É realmente muito longe!*

Kathleen Morrison viu-se com um híbrido adulto olhando para o espaço de uma janela. O híbrido explicou-lhe que a viagem através das estrelas era realizada em etapas.

- *Ele está apontando para uma constelação de outras coisas e de estrelas. Não somente a constelação como nós as conhecemos, mas para pontos lá bem mais longe. Parece que há uma ligação entre os sistemas estelares que estão tão longe no espaço entre si. Eu não sei. Tudo o que penso disso é que se você estiver atravessando um rio existem pedras e você pula de uma pedra para a próxima e dali para a próxima pedra, e esta é a melhor analogia que eu posso imaginar. Mas foi assim que ele apontou para fora, como se fossem pedras onde ele pisaria.*

Outros abduzidos têm descrito terem estado no espaço e olhado para a Terra embaixo. O seu óvni entrou em outro universo. Muitos abduzidos relatam ter estado num lugar **com a aparência de um deserto**. Apesar de o sentido desse cenário não ser claro, a indicação é de que **tal terreno pode ser o ambiente da pátria dos alienígenas (n.T. O planeta SERPO, de seres Greys)**. Suzan Steiner se lembra de um incidente quando estava num desses ambientes, caminhando sobre a areia.

- *O céu é como se fosse avermelhado. Existe alguma coisa que parecem nuvens, mas é um tipo de nuvem suspensa no ar, muito baixa, não são como cúmulos vindos das nuvens. São nuvens que parecem feitas de penas. E são como se tivessem várias cores, como se fossem multicoloridas, elas estão penduradas no ar quase como se fossem nuvens de algodão-doce ou cabelo de anjo. Parece cabelo de anjo pendurado no ar. De certo modo, parece que estão por toda parte. Parece que lá há três sóis no céu. Um deles tem uma coisa pequena que parece... não sei como se chama, mas parece que está rodando em torno de um dos sóis. Os outros dois não têm isso. Os outros dois são simples. Nós começamos andando neste lugar e então...*
- *Você estava andando sobre a areia?*
- *Certo. Mas é como areia dura. Não é como areia da praia, é mais dura do que isso. Mas definitivamente trata-se de areia, mas não como a areia da praia. Então, nós estamos andando e ele segura a minha mão, ele toma a minha mão e parece que estamos subindo uma escada de degraus, mas não há degraus. Nós simplesmente estamos flutuando e flutuamos na direção deste edifício, com aquelas portas enormes de vidro.*

Ela flutuou até o edifício onde dois seres altos, vestidos com robes, a encontraram. Ela continuou e passou pelos procedimentos normais dos alienígenas. Não sabemos ainda de onde os alienígenas vêm e como eles chegam aqui; mas um quadro está surgindo, sempre dos relatos de abduzidos, do que é a vida dos alienígenas nas naves espaciais que parecem tê-los transportado.

O Organograma

Os alienígenas parecem ter uma cadeia de comando bastante delineada, com funções claramente definidas a bordo de

sua nave. No meu livro *A vida secreta*, ressaltai que os alienígenas cinzentos mais baixos agem como assistentes dos cinzentos mais altos. Os alienígenas mais baixos trazem as abduzidas para o óvni, tiram suas roupas, acompanham-nas aos quartos de “exames”, e até realizam certos procedimentos não especializados. Os alienígenas mais baixos raramente têm conversas mais longas, e o que eles comunicam é limitado geralmente a paliativos e palavras de calma às abduzidas assustadas.

Os pesquisadores agora sabem que o alienígena a quem as abduzidas às vezes chamam de “doutor” ou “especialista” freqüentemente aparece na abdução depois que os alienígenas mais baixos já realizaram o exame médico da abduzida. Por ser mais alto, ele conduz os procedimentos mais complicados. Ele faz a coleta de esperma e retira os óvulos. Implanta embriões nas abduzidas e alguns meses mais tarde extrai os fetos. Conduz procedimentos de varredura mental nos quais pode extrair memória ou informação do abduzido e pode também induzir excitação sexual e orgasmo. Ele desempenha os procedimentos de visualização, durante os quais pode fazer com que o abduzido reviva eventos de sua vida, ou pode criar novos “eventos” para que o abduzido os experimente.

Os alienígenas mais altos aparentemente têm mais personalidade que os mais baixos. Eles podem estabelecer um diálogo com o abduzido, mas permanecem reticentes sobre os objetivos da abdução e os procedimentos específicos. Há indícios de maior diferenciação de tarefas – de acordo com o sexo. Não vi nenhum relato de seres menores fêmeas; todas as fêmeas parecem ser da variedade mais alta. As alienígenas do sexo feminino desempenham as tarefas especializadas, incluindo procedimentos e exames ginecológicos, urológicos e visualização; ocasionalmente, realizam varredura mental e procedimentos de olhar nos olhos fixamente.

A maior distinção é que os alienígenas fêmeas cuidam dos descendentes híbridos. Eles trazem os bebês para o importante relacionamento que devem ter com as abduzidas. E também supervisionam e dirigem as atividades dos híbridos crianças e adolescentes. Essa diferenciação de tarefas pode ser entendida como o resultado da percepção cultural das abduzidas, mas a descrição dos alienígenas fêmeas milita contra isso. As fêmeas não têm nenhum atributo físico do seu sexo, como seria de esperar na concepção cultural do ser humano que relata tais descrições. Elas não têm seios ou qualquer das características sexuais secundárias que sejam observadas pelas abduzidas.

Em vez disso, as abduzidas dizem que as alienígenas fêmeas parecem ser “mais bondosas”, “mais gentis”, “mais graciosas” ou “femininas” de uma forma pouco definida. Apesar da inconsistência de sua descrição, as abduzidas têm absoluta certeza de que esses alienígenas são fêmeas. Em minha pesquisa inicial, enfoquei os seres cinzentos porque essa é a forma predominante de vida que os abduzidos vêem. Entretanto, agora é importante notar que os abduzidos também relatam outros subgrupos. Às vezes eles relatam seres pequenos com uma cor diferente de pele – bronzeada ou branca são as mais freqüentes.

Eles também descrevem características faciais variáveis, tanto nos seres altos quanto nos seres mais baixos. De longe a diferenciação mais proeminente é na aparência geral. Existem os cinzentos comuns, mas também há os “nórdicos”, com forma de répteis, com forma de “insetos”, ou seres altos vestindo robes ou aventais, sempre seres altos. Como a maioria dos alienígenas são pequenos e cinzentos, durante anos eu pensei que os nórdicos eram exemplos de fabulação ou o desejo de transformar os alienígenas feios em humanos bonitos, louros e de olhos azuis. Depois de ouvir muitos relatos sobre esses alienígenas com aparência mais humana, concluí que as provas sugerem claramente que os nórdicos são mais provavelmente híbridos adultos, ou produto de cruzamento de humanos com alienígenas.

Os híbridos são crucialmente importantes e descreverei os seus papéis mais tarde. Os relatos de formas de “répteis” ou “insetos” podem ser simplesmente uma questão de escolha de palavras, e alguns abduzidos aplicam esses termos descritivos aos alienígenas a quem outros abduzidos podem descrever como cinzentos “comuns”. Assumindo, entretanto, que os seres em forma de répteis e insetos são realmente tipos diferentes, é de notar que os abduzidos quase sempre os vêem como alienígenas cinzentos, nunca sozinhos, e que as tarefas que desempenham são sempre tarefas que estão dentro da matriz normal dos alienígenas. Eles geralmente realizam as funções mais especializadas do alienígena mais alto. As abduzidas freqüentemente expressam repulsa ou medo desses alienígenas, às vezes caracterizando-os como “mesquinhos” ou “maus”, embora elas não apresentem os motivos dessas opiniões.

Embora não tenhamos ainda delineados os papéis dos seres “com forma de répteis”, aqueles com forma de “insetos” são os que apresentam mais importância. As abduzidas têm relatado a presença de um alienígena que parece ter uma “posição” mais alta e têm o status de supervisor dos alienígenas mais altos. Ele é

muito alto e geralmente usa uma capa ou um robe longo com um colarinho alto. Geralmente é descrito com aparência de inseto, e parece mais ou menos como um louva-a-deus em atitude de oração ou uma formiga gigante. Ele examina somente de vez em quando os abduzidos e mais freqüentemente realiza processos de varredura mental. Quando se comunica telepaticamente com os seres humanos, sua conversa é freqüentemente mais substantiva, e ele às vezes é mais aberto na informação que fornece.

Mas geralmente fica no fundo, observa os procedimentos de abdução e pode dar ordens aos seres mais altos. A existência de seres com tarefas específicas sugere uma “sociedade” hierárquica e a probabilidade de um “corpo governamental”, com uma cadeia de comando de cima para baixo vindo dos seres **com aparência de inseto para os alienígenas cinzentos mais baixos**. Outros alienígenas parecem agir de uma forma mais subserviente em relação aos alienígenas com aparência de insetos. Se este é o caso, podemos formular a hipótese de que eles possuem a maior autoridade para todo o programa de cruzamento, e, portanto, pode ser o grupo que o iniciou.

Os abduzidos freqüentemente comentam que os alienígenas mostram uma mentalidade de “colméia”. Os alienígenas mais baixos, especialmente, são parecidos, vestem-se da mesma forma e agem juntos, e a bordo do óvni nada fazem que possa sugerir características de personalidade individual. Toda a atividade individual é dirigida ao objetivo da abdução e realizada de um modo clínico e desapassionado. Os alienígenas cinzentos mais altos parecem ter mais individualidade, e os alienígenas com aparência de insetos e vestidos de robes parecem ter mais ainda. Embora os alienígenas possam ter desentendimentos e atritos entre si, geralmente apresentam um comportamento unido e positivo em relação aos seres humanos abduzidos. **Eles constantemente dizem para os abduzidos o quanto é importante o programa e como estão agradecidos pela “ajuda” dos abduzidos.**

Habilidades de comunicações

Os alienígenas se comunicam telepaticamente com os seres humanos e entre si. Quando os abduzidos descrevem o processo de comunicação, dizem que recebem uma impressão nas suas mentes e que automaticamente a convertem em suas próprias

palavras para compreensão. A maior parte do tempo os abduzidos parecem compreender muito bem a mensagem dos alienígenas. Entretanto, há sutileza e uma grande variedade de expressões que os humanos podem usar – cinismo, ironia, sarcasmo, drama. Isso parece ser limitado para os alienígenas, assim como a variedade de expressões comunicativas, que pode ser transmitida com movimentos faciais sutis, isso é quase inexistente.

Muito freqüentemente os abduzidos podem “bisbilhotar” as conversas entre os alienígenas, que geralmente se relacionam com os procedimentos na abdução. A “escuta” das conversas entre os alienígenas parece que depende da proximidade. Os abduzidos relatam que não “escutam” cacofonia de sons dentro da espaçonave; somente “escutam” quando estão na distância correta. Os alienígenas, entretanto, parecem “ouvir” e compreender tanto a comunicação quanto o pensamento dos humanos. Relatos de abduzidos sugerem fortemente que os alienígenas parecem saber o que os humanos estão pensando. Por exemplo, vamos tomar a situação de uma mulher abduzida a quem foi dado um bebê híbrido para segurar. Ela resiste a essa ordem e comunica aos alienígenas que jogará a criança no chão, mas a abduzida relata que os alienígenas “sabem” que ela não fará isso.

Postura emocional

A maioria das abduzidas descreve que os alienígenas têm uma postura emocional reduzida e “controlada”. Eles geralmente são calmos e reservados. Quando aparentam alguma emoção, agem satisfeitos, contentes e gratificados, mas não alegres; eles podem agir como se estivessem irritados, incomodados e perturbados, mas não zangados. Extremos de emoção não parecem fazer parte da sua formação mental.

Essa variedade restrita da idade emocional pode ajudar a explicar por que os alienígenas forçam as abduzidas a interagir fisicamente com as crianças e com os bebês híbridos. As abduzidas relatam que este relacionamento faz com que bebês normalmente passivos se tornem mais ativos, como se as abduzidas de alguma forma tivessem “dando carga” aos bebês ou lhes transmitindo mais energia. É claro que, pelos relatos de abdução, **os alienígenas não podem prover as necessidades dos bebês HÍBRIDOS. Eles próprios já declararam isso.** O caso de Reshma Kamal é um bom exemplo. Durante uma abdução, uma alienígena fêmea pediu a Reshma que segurasse um bebê, mas ela resistiu e questionou a necessidade do procedimento:

- *Ela vai me mostrar como é. Está pegando a criança. Está tentando segurá-la abraçando, mas é como se ela não soubesse. Agora me pede que faça isso e eu digo que não. Ela coloca o bebê de volta. Eu estou perguntando o que é que eles fazem com esses bebês, de onde eles vêm. Ela está dizendo que eu não preciso me preocupar com isso, que os bebês precisam ser afagados, do contrário eles não vão crescer direito. Ou o que quer que seja. Eu estou dizendo a ela que ela não tem de se preocupar que eles não cresçam direito, porque eles já não são direitos. Ela não parece gostar do modo como eu sinto a situação. Ela está explicando alguma coisa para mim.*
- *O que ela está dizendo?*
- *Ela pensa que pode me fazer compreender alguma coisa, e eu me comportarei melhor... eu sei que ela está tentando me fazer cooperar. Eu estou pensando que, quanto mais a chatear, mais informação ela me dará. Agora ela está me dizendo que eles precisam desses bebês. O que nós precisamos ensinar-lhes é emoção, sentimento, o que os alienígenas não podem lhes ensinar. Ela está me explicando que eles podem alimentar e vestir os bebês, podem fazê-los crescer fisicamente, mas não podem dar a esses bebês desenvolvimento emocional, que eles precisam de mim para ajudá-los a fazer isso. Eu não entendo isto... ela está dizendo que há uma grande necessidade desses bebês. Ela está dizendo alguma coisa sobre esses bebês não serem exatamente como eles ou não serem exatamente como nós. **Mas que eles precisam desenvolver e ter emoções...** ela parece um pouco frustrada comigo porque não estou cooperando. Eu só estou em pé ali com os braços cruzados e digo a ela que não vou fazer nada.*

Tentando fazer Reshma cooperar, o alienígena fêmea a leva para um **incubatorium. Um quarto com centenas de receptáculos (incubadoras artificiais) e fetos em diferentes estágios de desenvolvimento.**

- *Ela está esperando para ver minha reação. Eu estou perguntando a ela por que eles estão fazendo isso, e como os bebês sobrevivem assim, e digo como eu gostaria que nós tivéssemos alguma coisa assim e aí não precisaríamos passar pelas dores do parto. Ela está dizendo para mim que, se nós fizermos isso, esses bebês não vão ter emoções, do mesmo modo que os bebês da raça dela, e é por isso que eles precisam da nossa ajuda. Esses bebês podem crescer*

fisicamente ... mas emocionalmente estão mortos... Eles precisam de nós aqui da Terra para isto – acalentar os bebês e ajudá-los no seu desenvolvimento emocional. E eu estou perguntando a ela por que eles precisam fazer tudo isso.

- *Boa pergunta. Qual é a resposta que ela dá então?*
- *Ela não está dizendo nada. É como se ela não acreditasse que eu ainda quero saber mais... ela está dizendo que esses bebês não podem funcionar exatamente como eles fazem na sociedade planetária deles, nem podem funcionar se estiverem em uma sociedade planetária exatamente como a nossa ... então, ela está dizendo que nós temos de trabalhar juntos para que esses bebês não sejam desperdiçados. Eles não podem trabalhar sozinhos nesses bebês porque, da maneira como eles funcionam, o bebê não pode ter emoções. E eles também não podem deixar os bebês conosco porque os bebês não são como nós. Eles precisam entretanto de alguma coisa da raça deles e alguma coisa da nossa raça... ela parece realmente muito frustrada comigo. Ela não está dizendo nada. Somente está dizendo que nós precisamos fazer isso...*
- *Ela diz que no devido tempo eu vou saber. Eu suspeito dela e pergunto: “Então você quer os meus filhos?” E ela diz que não da maneira que eu penso, para adotá-los ou coisa que o valha. Não há uso para eles. É tudo o que ela diz. Eu estou zangada e estou dizendo a ela que, se eles guardam os bebês pendurados na parede (em incubadoras artificiais) daquele jeito, é claro que eles não terão nenhuma emoção. Ela está dizendo que, se eles guardassem esses bebês em nosso ventre por nove meses, então haveria confusão demais. Assim, é melhor tirar os bebês quando estão muito pequenos e a gente não saber, e trazer a gente de volta para ajudá-los. Eles têm de tirá-los da caixa e eu não sei o que eles estão fazendo. Estou olhando para todas essas caixas na parede. Ela está perguntando se eu posso ajudá-la. Eu digo que não.*

Mais tarde, embora Reshma não quisesse fazê-lo, ela condescendeu e segurou um bebê. É raro que uma abduzida possa resistir ao que lhe está sendo pedido.

Biologia básica alienígena

Toda a vida na Terra exige alimentos que se tornam combustível para existir. As plantas obtêm combustível do sol e do solo, os animais da planta e de material animal. Poderíamos presumir que

os alienígenas funcionassem de forma similar. Os relatos dos abduzidos, entretanto, sugerem que eles (**os extraterrestres Greys**) não têm dentes, esôfago, aparelho digestivo, abdome ou orifício (ânus) para eliminação de excrementos.

Nenhum abduzido jamais relatou que os alienígenas estivessem comendo ou fossem vistos num local que para os seres humanos seria definido como refeitório (*n.T. No interior das suas espaçonaves não existem refeitórios e local de armazenamento de alimentos, conforme foi constatado nas espaçonaves acidentadas e recuperadas, como no Caso Roswell*). Quando a abduzida Lynne Miller perguntou diretamente aos alienígenas se eles comiam, após uma pausa um deles respondeu:

“Não precisamos consumir nenhuma das matérias que vocês comem.”

Até agora, como os alienígenas obtêm nutrição é um mistério. Minha pesquisa anterior mostrou que a biologia dos alienígenas é diferente da humana, mas sem nenhum sinal óbvio de ingestão de comida, e se poderia facilmente imaginar que estes seres seriam como robôs, fabricados por uma matriz com poder de força interno. Uma das experiências de Allison Reed deu-me a chave do quebra-cabeça. Durante uma abdução de quatro dias e meio, um híbrido levou Allison para encontrar o acompanhante que estava com ela desde o começo da abdução. O híbrido erroneamente levou Allison a um quarto que aparentemente era **“fora dos limites”**.

Era um grande quarto circular e tinha um teto abobadado. Allison viu aproximadamente quarenta tanques com líquidos e um arranjo circular ao redor da sala. Ela ouviu um som de vibração e viu uma luz amarela que vinha do centro do quarto no teto. Então o que acontece depois? Você entrou ali. Você observa esta cena:

- *A luz do centro desaparece. Eu estou em pé ali por um momento. Num dado momento, a luz do centro de certo modo se recolhe. E entra no teto... agora esses tanques, eles estão embutidos de certo modo como se estivessem “na frente”, e então a água, eu digo a água, o líquido, escorre. Só escorre. Eu não sei para onde escorre. Sei que escorre. Pode ser absorvido – eu não sei.*
- *Você sente um som de gargarejo ou alguma coisa?*
- *Eu sinto uma espécie de sussurro. Eles estão sentados num ângulo específico e, cada vez que um se move para frente, há um sussurro, assim, então vai para frente e o líquido é dissipado. Foi embora. Como se fosse uma mangueira que vem de cima.*

- *É o que acontece quando a luz desaparece?*
- *Certo. Primeiro a luz desaparece, a parte amarela e redonda no centro, mas é como se fosse intermitente... eles não se sentam juntos e é como se um estivesse em cima do outro... é mais, assim, irregular, um aparece ali do lado. Alguns ficam mais tempo e vão embora.*
- *E, então, o que acontece?*
- *Bem, alguns deles começam a sair. Eles saem.*
- *Como eles saem?*
- *Eles se levantam, andam e vão embora.*
- *Eles atravessam a parede? Abrem a porta?*
- *Hum, hum (não).*
- *Em outras palavras, passam através do vidro?*
- *Certo. Do mesmo modo que fazem na minha casa.*
- *E eles estão surpresos porque a viram ou apenas vão fazer suas tarefas? O que fazem quando saem?*
- *Eles simplesmente passam junto de mim. Andam e vão embora. Eu estou esperando aqui. Isso não é estúpido? Eu estou esperando ali por esse **cara cinzento**. Eu sou tão estúpida! O que faço agora? Estou me lembrando disso e gostaria de bater na minha cabeça. Eu sou tão idiota! Em qualquer outro momento eu estaria chateada e querendo fugir, mas agora estou em pé esperando por ele!*

Quando o acompanhante de Allison chegou perto dela, ele ficou chocado ao vê-la. Para ele o choque foi mais forte porque ela estava vestindo roupas híbridas. Ele rapidamente disse a Allison que eles teriam de voltar para o quarto dos chuveiros e devolver as roupas.

- *Depois que consegui entender que aquilo poderia ter causado problemas para mim mesma, eu disse a ele: “O que vocês estão fazendo? O que vocês estão fazendo ali?” Eu penso naquilo, você sabe... Ele fala como se dissesse: “Comendo e dormindo”, como uma coisa muito simples. Parece simples demais para estar certo, mas é isso que eu entendo.*

Se isto é verdade, o que sugere é que os alienígenas obtêm o seu alimento por meio de absorção da pele (uma espécie de osmose) em vez de ingestão. A teoria de absorção é apoiada por relatos de fetos flutuando em tanques no incubatorium. Muitos fetos não têm cordão umbilical, sugerindo que eles não recebem nutrição de uma placenta. Um alienígena disse à Diane Henderson, do sul de Illinois, que os fetos estavam no líquido para “alimentação”, e que aquilo (o líquido) era “nutritivo”.

Eles deram a Pam Martin a mesma explicação. Um alienígena levou-a ao incubatório e explicou a função do ambiente líquido no qual os fetos estavam flutuando. Ele disse a ela que os fetos “recebiam tudo” do líquido. Susan Stainer foi a uma creche onde um alienígena lhe apresentou um bebê. Primeiro os alienígenas a dirigiram para ter contato de pele com o bebê, esfregando a sua cabeça e o abdome. Depois eles queriam que ela alimentasse o bebê, mas ela se recusou. Como eles não podiam forçá-la a alimentar o bebê, trouxeram uma tigela com o líquido marrom e uma espécie de “pincel”, e disseram a ela que pintasse o bebê com o líquido marrom.

Ela perguntou qual era o sentido daquilo. Eles disseram que era para “nutrição”. Assim, qualquer que seja o processo biológico específico ainda desconhecido, agora sabemos que os alienígenas obtêm nutrientes de forma diferente da dos humanos, que a sua pele tem uma função única e que eles convertem “comida” em energia de modo muito diferente. Mas esses são vislumbres acerca da vida e da biologia dos alienígenas, e a razão pela qual não sabemos mais é que os alienígenas não querem que saibamos MAIS.

Eles implementaram uma política de segredo que efetivamente nos impede de compreender tanto a eles quanto as suas intenções REAIS. O segredo é a pedra-de-toque que serve de fundamento ao fenômeno de abdução. **O sucesso dos planos dos alienígenas depende disso.**

- *Por que os óvnis não aterrissam no gramado da Casa Branca?*
- *Por que os tripulantes alienígenas não saltam e dizem: “Leve-me ao seu chefe?”*
- *Por que eles não fazem contato formal?*

*Essas questões óbvias, que as pessoas têm levantado durante anos, merecem estudo cuidadoso. Entretanto, as próprias questões são problemáticas, porque são baseadas na presunção de que os aliens desejam tornar-se conhecidos, estabelecer contatos com os seres humanos e falar com os nossos líderes. Esta presunção é incorreta. As provas em torno dos óvnis e do fenômeno de abdução indicam fortemente não a transparência, **mas o segredo como um objetivo crucial.***

Capítulo 6 – Por que eles são secretos

Por que os alienígenas desejam manter os óvnis e o fenômeno de abdução em segredo? O segredo beneficia os alienígenas

e confunde os seres humanos. Ele esconde os fatos e dá margem a especulações infundadas. É o responsável por um debate prolongado e rancoroso entre os favoráveis e os contrários à legitimidade do fenômeno. O segredo também tem uma influência negativa muito forte sobre os abduzidos. Faz com que tanto eles quanto o público questionem a sua sanidade. Sem o segredo não existiria nenhuma controvérsia sobre os óvnis e a abdução.

Todavia, milhões de pessoas no mundo inteiro têm observado os óvnis. Numerosas fotografias, filmes e vídeos dos óvnis têm passado pelo teste da análise científica. Os traços no radar têm sido provas por muitos anos. Como podemos reconciliar tantas provas conhecidas com uma política de segredo? Afinal de contas, as aparições de óvnis não comprometem o segredo. É impossível basear uma análise dos objetivos e motivações dos alienígenas simplesmente nas aparições dos óvnis e ocasionalmente de seus ocupantes. Devemos concluir então que os alienígenas ditam ativamente os termos pelos quais podemos estudá-los. **Eles decidiram não aterrissar no gramado da Casa Branca. Eles decidiram não fazer qualquer contato “aberto”.** Na década de 1960, o grande pesquisador francês de óvnis Aimé Michel sucintamente intitulou isso de “**o problema do não-contato**”.

As Primeiras Hipóteses: de 1940 a 1960:

Uma aparição – qualquer aparição – poderia parecer inconsistente com a política de segredo. Se os alienígenas, que são **tecnologicamente** superiores, desejam manter seu segredo, pode-se argumentar que eles poderiam impedir as testemunhas de vê-los. Mas, a partir da década de 1940, os pesquisadores lutam com o quebra-cabeça do porquê de os óvnis não fazerem contato formal. Eles ofereceram várias hipóteses sobre o não-contato. As primeiras teorias centravam-se na hostilidade humana, na não-interferência ética, no reconhecimento e em várias combinações destas três hipóteses.

A hipótese dos “seres humanos hostis” sugeria que os óvnis eram clandestinos porque temiam ser agredidos pelos humanos. Episódios de pilotos de aviões de caça a jato encontrando óvnis em pleno ar e desejando atirar, ou realmente

atirando neles, deram credibilidade à ideia de que os alienígenas acreditavam que éramos (SOMOS) uma espécie hostil que constituía uma ameaça às suas aeronaves. A hipótese dos “seres humanos hostis” esteve particularmente em voga, quando a América estava sob a influência da mentalidade militar da Segunda Guerra Mundial, da guerra da Coreia e da Guerra Fria, e foi muito influenciada pelas idéias antropológicas da época em que o homem era inerentemente agressivo e guerreiro.

Assim sendo, a primeira reação da humanidade a uma visita extraterrestre, pelo menos do ponto de vista institucional, seria o uso das forças armadas para controlar ou destruir os óvnis. Uma espécie alienígena presumivelmente avançada e pacífica evitaria um conflito adotando a política de manter-se a distância. Como disse o analista James Lipp, da Força Aérea, em 1949: “É difícil acreditar que qualquer raça tecnologicamente realizada viria aqui, se jactaria de suas habilidades de modo misterioso e então simplesmente iria embora.” Lipp sugeriu que “a falta de propósito aparente nos vários episódios também é espantosa. Somente um motivo pode ser subscrito: que os homens do espaço estão ‘testando’ nossas defesas sem desejar ser beligerantes”.

Esta teoria recebeu a sua primeira expressão popular com o filme, de 1951, O dia em que a Terra parou, no qual um óvni aterrissa perto da Casa Branca e os militares americanos o cercam imediatamente com armas e tanques. Um soldado nervoso atira e fere um extraterrestre, quando este sai do disco voador. Quando o alienígena escapa, ele completa a sua missão na Terra vivendo incógnito entre os seres humanos. A ausência de contato aberto era vista como uma reação preventiva contra a nossa inerente hostilidade. Os primeiros pesquisadores também postularam a explicação do “reconhecimento” à política de segredo dos alienígenas. Donald Keyhoe, pesquisador pioneiro de óvnis, no seu livro de 1950, Os discos voadores são reais, apresentou a idéia de que **“a Terra tem estado sob observação periódica de outro planeta, ou planetas, há pelo menos dois séculos”(o correto seria dizer a centenas de MILÊNIOS).**

Estas inspeções são “parte de uma pesquisa de fundo e continuarão indefinidamente. Nenhuma tentativa de contato com a Terra parece evidente. Deve existir algum impedimento desconhecido para que se faça o contato, mas o mais provável é que o plano dos homens do espaço não esteja completo”. De acordo com Keyhoe, se nós estivéssemos explorando outro planeta, não faríamos contato até que as nossas observações estivessem completas: “Se descobríssemos que a outra espécie era hostil e

belicosa, então seguiríamos para o próximo planeta.” Elaborando sobre a teoria de Keyhoe, o investigador de óvnis canadense Wilbert Smith estipulou, em 1953, que, quando os ocupantes dos óvnis descobrirem que somos um povo guerreiro, irão embora, porque somos “muito primitivos para os níveis deles”.

Para Smith e outros pesquisadores, os ocupantes dos óvnis eram antropólogos praticando uma política de não-interferência, quando encontravam uma sociedade tribal ainda não descoberta. De acordo com essas teorias, os alienígenas tinham uma responsabilidade moral de proteger a humanidade dos problemas que o contato entre espécies distintas poderia trazer. Entretanto, Smith sugere a Keyhoe que os alienígenas interviriam diretamente se os humanos se tornassem demasiadamente agressivos: Suponhamos, por exemplo, que nossos pilotos descobrissem uma civilização perdida na Amazônia. Nós a investigaríamos do ar para ver quanto avançada ela era, antes de arriscar um contato direto. Se ela estivesse um século ou dois antes de nós, empenhada em guerras seccionais, nós possivelmente a deixaríamos sem incomodá-la – **a menos que essa civilização tivesse alguma coisa de que precisássemos muito.**

Mas ela poderia estar somente uma década ou duas antes de nós. Neste caso pelo menos nós a estudaríamos cuidadosamente no futuro... Mas se por qualquer razão ela constituísse um perigo para o resto do mundo, teríamos de controlá-la, pela razão – ou pela ameaça do uso da força. Aime Michel combinou as hipóteses dos “humanos hostis” e a da não interferência em 1956, quando sugeriu que os ocupantes dos óvnis não nos contatavam porque isso poderia ser fisicamente perigoso para eles. Michel dizia que os humanos são um povo violento e, “considerando o nosso passado (e presente muito) sanguinário, não seria justificado para eles pensar que a melhor proteção é uma ‘cortina de ferro’”?

Mas, explicou Michel, os alienígenas também têm uma razão egoísta para não nos contatar: “O contato seria um mau negócio para eles. Far-nos-ia aprender muito mais do que eles aprenderiam e de todos os modos reduziria a sua margem de superioridade sobre nós. E suponhamos que desvendássemos o segredo de suas máquinas. Iríamos usá-las com o mesmo conhecimento e a mesma prudência?” Todavia, Michel pensou que o contato ocorreria “quando fizer mais bem do que mal”. Ele notou com aprovação que eles tinham “respeito pelos outros”, porque “nunca tentaram interferir em nossas vidas”. Aime Michel sugeriu mais tarde que os alienígenas haviam deliberadamente evitado o contato por causa do mal que isso causaria à vida e às instituições

humanas – e os alienígenas nos suplantariam num modelo darwiniano de sobrevivência do mais capaz.

Entretanto, o contato poderia ocorrer sem nosso conhecimento, disse Michel, porque os alienígenas são tão superiores e clandestinos que “seríamos tão incapazes de perceber a sua atividade ou analisar os seus motivos como um rato de ler um livro”. Na década de 1950, apareceu um elemento altamente perturbador no debate sobre o sentido do não-contato – os infames contatados.

Essas pessoas afirmavam que estavam tendo interações continuadas com amigáveis “irmãos do espaço”. Eles se encontravam com os alienígenas em vários lugares, incluindo restaurantes, estações de ônibus e locais isolados. Isso era contato.

E, embora a maioria dos pesquisadores sérios de óvnis rapidamente desmascarassem os contatados como fraudulentos, muitas pessoas acreditaram nas suas histórias e concluíram que os alienígenas já tinham feito contato e em consequência o debate sobre a natureza secreta do fenômeno dos óvnis era sem sentido. Os contatados perderam a sua popularidade na década de 1960, mas, desde aquela época, os críticos e céticos têm apontado para eles como exemplo de como aqueles que estudam os óvnis podem ser facilmente enganados.

Na década de 1960, a hipótese dos “humanos hostis” diminuiu, mas a do reconhecimento permaneceu forte. Escrevendo em 1962, Coral Lorenzen, co-diretora da Organização de Pesquisas de Fenômenos Aéreos, fez da hipótese do reconhecimento uma parte do programa de satélite. Lorenzen dizia que os óvnis estavam realizando na Terra uma pesquisa **“geográfica, ecológica e biológica, acompanhada por um reconhecimento militar de todas as defesas terrestres do mundo”**. De acordo com Lorenzen, esta atividade aumentou a partir do primeiro satélite com órbita terrestre, o Sputnik, em 1957, e “com as sucessivas sondas espaciais lançadas pelos homens, o que parece que despertou um maior interesse e exame da Terra pelos nossos ‘visitantes’, se de fato eles são reais”.

Os pesquisadores Richard Hall, Ted Bloecher e Isabel Davis, da Comissão Nacional de Investigação de Fenômenos Aéreos, sugeriram em 1969 que não havia contato formal, porque os alienígenas não entendiam nossa civilização. “Mesmo na matéria simples da aproximação física com os seres humanos, o comportamento dos óvnis é acima de tudo contraditório; eles parecem demonstrar uma mistura de cautela e curiosidade.”

Os óvnis não contatam os humanos porque “os extraterrestres (...) podem ainda estar tão espantados com os nossos comportamentos e motivos como nós continuamos a estar também espantados com os deles”.

Entretanto, existia uma contradição real entre as hipóteses e os eventos diários. Milhares de pessoas continuavam vendo os óvnis; os investigadores coletavam milhares de relatos de aparições de grande e baixa altitudes, e até de óvnis aterrissados; e também havia um aumento do número de relatos sobre “ocupantes”, nos quais as testemunhas diziam que haviam visto alienígenas dentro ou perto de um óvni. O caso **Barney e Betty Hill**, no começo da década de 1960, também ajudou a teoria de que os óvnis estavam fazendo contato clandestino. Esta atividade significava que os óvnis estavam se mostrando com algum propósito? Qual era o propósito?

As hipóteses posteriores: de 1970 a 1990

Na década de 1970, alguns pesquisadores começaram a postular a teoria de que os óvnis estavam se revelando lentamente, para que os humanos pudessem se acostumar gradativamente à ideia da visitação de alienígenas. Presumivelmente, a revelação súbita seria muito perturbadora para todas as instituições humanas. Seguir-se-iam medo, depressão e desespero. Provavelmente, aumentaria o número de suicídios. Outros tipos de catástrofe, como o pânico generalizado, a desagregação das instituições, crises governamentais, se seguiriam, levando ao caos social e à anarquia. A revelação gradual serviria para “amortecer o choque” do contato e reduzir os distúrbios; os alienígenas não queriam chocar os humanos mostrando-se de forma tão abrupta.

Assim sendo, os alienígenas permitiriam que os humanos vissem as aparições de óvnis como um “amortecedor de choque”. Os pesquisadores formularam hipóteses explicando que as aparições nos permitiram alcançar uma melhor forma de consciência sobre os alienígenas, de modo constantemente controlado, como a temperatura controlada por um termostato. Parte das intenções dos alienígenas era fazer com que a ideia dos óvnis como objetos extraterrestres se infiltrasse gradativamente na cultura popular. Assim, teorizavam os pesquisadores, os alienígenas estavam nos tratando com extremo cuidado, enquanto monitoravam o conhecimento de nossa sociedade a respeito de sua presença. O pesquisador de óvnis, Jacques Vallee expôs a versão dessa

teoria no livro **O colégio invisível (1975)**. As aparições e desaparecimentos isoladas de um único óvni e as ondas de aparições tinham significado especial para Vallee.

Essas manifestações de óvnis faziam parte de um sistema de controle projetado pelos alienígenas para “estimular o relacionamento entre as necessidades da consciência dos homens e as crescentes complexidades do mundo que ele deve compreender”. Isso conduziria ao que Vallee chamou de “um novo comportamento cósmico”. Para Vallee, o fenômeno dos óvnis se situava em algum lugar entre os mundos físico e psíquico. Estava ligado à consciência do homem e era necessário para condicionar a humanidade a uma mudança na visão do mundo, presumivelmente sobre o universo e o lugar do homem nele. As aparições e desaparecimentos dos óvnis eram parte de um regime para condicionar os humanos, embora Vallee tenha sido vago em relação ao propósito do condicionamento.

Desenvolveram-se teorias similares. Uma ideia popular entre pesquisadores junguianos de óvnis era que os óvnis seriam manifestações duma realidade alternativa que existia entre o psíquico e o objetivo. As pessoas, individualmente, chamavam psiquicamente essas formas para que se materializassem através de um reino “imaginário”. Enquanto estavam aqui, elas eram “reais” e objetivas, mas desapareciam quando entravam num outro reino. O grande número de aparições de “ocupantes” no final da década de 1970 e no início da 1980 deu vazão às hipóteses de “reino psíquico”. Os ocupantes pareciam comportar-se de modo incompreensível. Evitavam contato, deixavam de se comunicar, pareciam inspecionar pessoas que ficavam paralisadas, e, então desapareciam dentro de seus óvnis e levantavam vôo.

As testemunhas informavam de óvnis voando perto de seus carros, emparelhando ou “caçando” eles. Outros relatos descreviam objetos simplesmente se materializando diante das testemunhas e, então, desaparecendo sem que o observador os tivesse visto ir embora. O célebre pesquisador de óvnis e astrônomo J. Allen Hynek lutou com os problemas de não-contato e a maneira absolutamente absurda como os óvnis se comportavam. Quando os óvnis começavam o que parecia ser uma forma de contato – serem vistos de tempos em tempos, emparelhando com carros e aviões, assustando pessoas, não dando aos humanos um “gesto de boa vontade” -, isso não fazia sentido. Por que os óvnis e seus ocupantes exibiam um comportamento tão estranho?

Hynek especulou que os óvnis residem num universo paralelo ou em uma outra dimensão e “penetraram” através da Terra. Talvez eles venham no “transporte astral” em que poderiam “desejar” estar na Terra. Qualquer que seja o caso, a facilidade com que eles vêm à Terra sugere que os óvnis podem fazer o que quiserem sem ter de estabelecer um contato formal. O biólogo e pesquisador de óvnis Frank Salisbury resumiu essas atitudes em 1964 dizendo: “Os extraterrestres podem simplesmente ter suas razões para não desejar estabelecer contato formal, e ... nós, no estágio em que estamos de nosso desenvolvimento, simplesmente não podemos imaginar estas razões.” Embora abundem teorias – a Terra é uma estação de reabastecimento para óvnis viajando para outros lugares, a Terra é um ponto turístico para os alienígenas passearem -, no final da década de 1980 a maioria dos pesquisadores havia deixado de especular sobre o não-contato.

Não existiam provas suficientes nas quais pudessem basear uma hipótese viável. Então, no começo da década de 1990, John Mack reacendeu o debate postulando que o propósito do não-contato era convidar, lembrar, permear nossa cultura de baixo para cima, bem como de cima para baixo, e abrir a nossa consciência de modo a impedir uma conclusão que é diferente dos modos pelos quais nós pensamos tradicionalmente”. Os humanos devem procurar por provas da existência dos alienígenas de outras maneiras além das puramente racionais. “Nós temos de abraçar a realidade do fenômeno e dar um passo adiante, reconhecendo que vivemos em um universo diferente daqueles em que fomos ensinados a acreditar.”

Acredito que estas hipóteses anteriores sejam inadequadas para explicar o fenômeno dos óvnis. Como a maioria da especulação sobre o fenômeno, os pesquisadores tem baseado suas hipóteses sobre o não-contato em provas que são na sua maioria circunstanciais. Mais ainda, a maioria das teorias tem colocado o não-contato num contexto centrado nos seres humanos: os alienígenas ou têm medo dos humanos ou desejam ajudá-los. Como Ptolomeu presumiu que a Terra era o centro do sistema solar, a maioria dos pesquisadores também presume que os alienígenas vêm à Terra porque percebem a singularidade e a importância dos humanos. Isto é o que ensina a tradição judeu-cristã.

Na verdade, a maioria das teorias tradicionais de contato formal tem suas raízes no antropomorfismo judeu-cristão. Estas teorias geralmente presumem que as espécies alienígenas teriam um forte interesse no complexo processo de pensamento, na

tecnologia e na civilização dos seres humanos. Os alienígenas nos respeitariam e partilhariam o seu conhecimento científico e tecnológico conosco; os seres humanos se juntariam aos alienígenas como numa comunidade de planetas. Estas presunções têm sido baseadas não em provas, mas nas idéias e no processo de pensamento derivado da sociedade e da cultura na qual vivem seus defensores.

Hipóteses correntes e abduções

O fenômeno de abdução tem sido sempre mais secreto do que o fenômeno de aparição de óvnis. Os pesquisadores investigaram aparições de óvnis por quatorze anos, antes que encontrassem um caso de abdução. Passaram-se outros vinte e cinco anos, antes que compreendessem que as abduções eram enormemente generalizadas e constituíam o foco central do fenômeno óvni. Quando começaram a investigar as abduções, os pesquisadores primeiro assumiram que elas ocorriam uma vez com os adultos. As abduções sugeriam mais curiosidade do que manipulação por parte dos alienígenas. À medida que os abduzidos se lembravam de fragmentos de eventos, os pesquisadores decidiram que os alienígenas estavam “estudando” ou “experimentando” as pessoas. Os alienígenas haviam terminado o seu exame secreto da Terra e agora voltavam a sua atenção para o estudo dos seres humanos.

À medida que o número de relatos de abdução aumentou, muitos pesquisadores adotaram o argumento ético da não-interferência e assumiram que os alienígenas conduziam seu estudo em segredo, a fim de não perturbar a vida do abduzido. As lembranças de abdução são tão traumáticas que poderiam interferir negativamente no bem estar psicológico do abduzido. Além disso, os pesquisadores assumiram que os alienígenas davam aos abduzidos sugestões pós hipnóticas para não lembrar um evento, a fim de que o mesmo ficasse enterrado no inconsciente do abduzido. Outros pesquisadores hipotetizaram que um abduzido não se lembraria da abdução porque as defesas naturais da mente humana haviam reprimido o evento traumático.

A mente humana não poderia agüentar a impossibilidade e o terror de uma abdução por alienígenas; em vez de confrontar os eventos horríveis, a mente guardava as memórias muito profundamente dentro de si própria e somente deixava que pequenos fragmentos conseguissem “sangrar”. Os investigadores tinham de usar a hipnose para recuperar estas memórias reprimidas. O argumento

de que os alienígenas operam em segredo, a fim de não perturbar a vida dos abduzidos, poderia ter mérito se não fosse o fato de que a perturbação em suas vidas é enorme, mesmo sem a lembrança consciente das experiências de abdução. Se os alienígenas de fato “estivessem preocupados em não causar perturbações pessoais, não abduziriam as pessoas em primeiro lugar ou, pelo menos, não tão freqüentemente no curso das suas vidas.

As hipóteses de que os abduzidos reprimem as memórias para enfrentar trauma de uma abdução também têm problemas comprobatórios. Os mecanismos de reflexão de memórias traumáticas são altamente discutíveis e, mesmo que a hipótese fosse verdade, a freqüência das abduções milita contra a repressão de cada caso. Há muitos eventos de abdução que não são traumáticos e que também não são lembrados. Além disso, os pesquisadores não encontraram relatos de procedimentos pós hipnóticos que os alienígenas pudessem usar para “enterrar” o evento de abdução. Se esses procedimentos existissem, os pesquisadores os viriam relatados em cada abdução. Embora a neurologia exata não seja conhecida, é mais provável que os alienígenas armazenem os eventos de abdução diretamente no sistema de memória de longo prazo do abduzido, ultrapassando a memória de curto prazo e evitando o mecanismo que permite a sua reconstituição.

A hipnose restaura o dispositivo que permite que as memórias venham à tona. Disseram a Reshma Kamal que os alienígenas não “apagam” completamente as memórias porque há aspectos delas que devem ser guardados pelos abduzidos para futura referência. Assim as memórias permanecem intactas, mas inacessíveis por meio da lembrança normal. Durante anos, o fenômeno de abdução permaneceu escondido por baixo de camadas diretas e indiretas de proteção – crenças sociais, hostilidade científica, lembrança consciente incompleta, fabulação em testemunho reconstituído hipnoticamente e manipulação da memória induzida pelos alienígenas.

Diversamente das aparições de óvnis, não existem traços de radar, fotografias, filmes ou videoteipes da abdução. A prova é primordialmente testemunhal, com um artefato ocasional. Somente uma coisa é certa: qualquer que seja a razão para isso, a estratégia de segredo dos alienígenas tem sido enormemente bem-sucedida.

A maioria das pessoas que tiveram uma vida inteira de experiências de abdução permanecem inconscientes do que lhes aconteceu. Elas negariam como loucura qualquer sugestão de que estiveram

envolvidas com o fenômeno de abdução, mesmo que tivessem sido abduzidas algumas horas antes.

Métodos de proteger o segredo

O ponto inicial do segredo é evitar que o abduzido se lembre do que aconteceu, uma estratégia que é mais compreensiva do que simplesmente induzir a amnésia.

- *Primeiro, todos aqueles próximos ao evento de abdução não devem ter consciência do que está acontecendo. Assim, os alienígenas rotineiramente imobilizam, tornam inconsciente ou alteram a percepção das testemunhas potenciais de abdução. Com efeito, eles “desligam” as pessoas próximas de maneira que não possam interferir nos eventos. Os maridos, as esposas, os amigos, os passantes – todos ficam inconscientes da abdução.*
- *Segundo, o abduzido é separado de um grupo. Por exemplo, se ele está num piquenique, irá dar uma “caminhada” e não voltará por uma hora e meia; quando volta, ele explica vagamente que “se esqueceu do tempo”, e seus amigos ignoram o incidente. Assim os alienígenas mantêm o segredo quando abduzem alguém em meio a um grupo de pessoas.*
- *Terceiro, para tornar a recuperação da memória mais difícil, os alienígenas esmaecem o que o abduzido ainda tiver de memória, injetando lembranças confusas e “falsas” na sua mente. Por exemplo, se a pessoa é abduzida na cama, pode se lembrar de um “sonho” nítido e realista.*

Outras abduções podem produzir “memórias anteparo” e animais encarando o abduzido como corujas, veados, macacos, esquilos. Um abduzido pode pensar que viu um “anjo”, um “demônio”, ou um parente falecido em pé ao lado da cama. A sociedade fornece uma variedade de explicações e os abduzidos as escolhem e as incorporam dependendo da sua formação e da sua cultura.

O segredo se estende ao aspecto físico da abdução, e “esconder” a remoção de um abduzido é parte integral disso. Quando a pessoa é abduzida do seu meio ambiente normal, relata que flutuou diretamente através de uma janela fechada, ou através de uma parede, ou através do teto ou do telhado para um óvni que estava esperando. Entretanto, as pessoas que estão do lado de fora raramente vêem isso, porque os alienígenas de alguma maneira fazem com que eles, **os abduzidos e o óvni, fiquem “invisíveis” durante a abdução.** As abduções muitas vezes ocorrem em automóveis e os alienígenas também, nessa situação,

guardam segredo. Quando a pessoa está dirigindo, os alienígenas fazem com que o carro pare, de forma que o abduzido possa caminhar para o óvni que está esperando ao lado da estrada (às vezes o abduzido flutua diretamente através do pábrisa).

Tipicamente, os alienígenas esperam até que não haja mais carros na estrada, ou obrigam o abduzido a se dirigir para uma estrada deserta e ali esperar pela abdução. Frequentemente, **os alienígenas levam o carro com o abduzido**, resolvendo o problema de deixar um veículo abandonado no acostamento da estrada.

Ameaças ao segredo

A política de segredo ainda não foi implementada perfeitamente. Aparentemente, os alienígenas não podem manter um segredo total. Há testemunhas que vêem óvnis. Traços de sua existência foram deixados em forma de marcas no chão e efeitos físicos no ambiente. Muitos abduzidos têm lembranças conscientes de suas experiências. Os abduzidos tomam consciência do “tempo perdido”. Eles apresentam cicatrizes inexplicáveis, implantes de microelementos, e outras “pistas” físicas. Além desses sintomas da atividade de abdução, a política de segredo tem muitas outras vulnerabilidades. O primeiro ponto vulnerável é o artefato mecânico implantado em muitos abduzidos. Andar com um implante pode ser arriscado. O sistema de monitoração, que alerta os alienígenas das tentativas de remover o implante, não funciona numa situação de emergência.

Pelo que sei, em pelo menos vinte ocasiões, os abduzidos, que não tinham conhecimento de suas experiências de abdução, espirraram pelo nariz, para fora do corpo um implante ou o expeliram de outro modo. Potencialmente, a perda pode comprometer o segredo. Os alienígenas têm sido “sortudos”, pois esse não é o caso; o abduzido inconsciente e confuso presume que o objeto se introduziu acidentalmente (“**o vento deve ter jogado isso no meu nariz**”). O abduzido pode se sentir compelido a descartar o objeto. Por exemplo, uma jovem expeliu um objeto de duas polegadas (5 cm), parecendo um plástico amarelo, de dentro da sua vagina, o que, é claro, a deixou chocada e amedrontada. Ela “**sabia**” que tinha de se livrar do objeto imediatamente. Ela o jogou na privada e, então, deu descarga três vezes para ter certeza de que havia desaparecido. Depois, sentiu-se melhor.

Para manter o segredo dos alienígenas, é importante não ser fotografado ou gravado em fitas de vídeo. Eles são

extremamente cautelosos, para fazer com que o abduzido desligue qualquer equipamento fotográfico, que possa detectá-los, antes de uma abdução. Se necessário, podem causar uma falha de energia na casa ou na vizinhança, para evitar que um equipamento colocado para fotografá-los possa trabalhar. Eles não querem ser vistos.

Protegendo os fetos

A mais significativa área de vulnerabilidade dos alienígenas, aquela que de longe tem o maior impacto na manutenção do segredo – **é o implante de um feto em gestação. Como a produção de descendentes HÍBRIDOS é o objetivo primário das abduções, o implante fetal e a sua extração são momentos críticos.** Virtualmente, todas as abduzidas têm tido embriões implantados e depois de um período de semanas ou meses o feto é removido. Sem a fase de implantação e de extração fetal do programa, todo o fenômeno de abdução ficaria prejudicado e talvez inoperante. É absolutamente essencial que o feto seja protegido de um aborto durante essa fase.

O implante fetal é precisamente onde a segurança tem mais possibilidade de ser muito comprometida. Uma vez que a mulher está impregnada, ela continua a sua vida normal, mas está carregando o feto. Embora poucas abduzidas tenham consciência do feto, são elas – e não os alienígenas que têm o seu controle durante a gravidez. Para os alienígenas, essa mudança de controle crucial ocorre num momento perigoso.

Se a mulher percebe que está carregando um feto inserido nela pelos alienígenas, pode decidir terminar a gravidez. De fato, muitas abduzidas têm procurado abortar. O monitoramento dos alienígenas geralmente revela um aborto planejado, de modo que o feto pode ser removido antes disso, mas outros métodos de proteção são implementados. Outro meio de assegurar proteção ao feto é enganar a mulher por meio de um implante de uma unidade extra-uterina gestacional.

A unidade não muda a forma, o tamanho ou a cor do útero e muitas vezes não provoca uma reação hormonal característica. Assim, a abduzida tem pouca indicação de que está grávida e não toma nenhuma providência para terminar a gravidez. Outro subterfúgio é permitir que a mulher sexualmente ativa pense que está grávida. Existe sempre a possibilidade real de que a gravidez seja o resultado normal de relações sexuais, mesmo que o casal tenha tomado medidas anticoncepcionais. Se a mulher

decide terminar a gravidez, geralmente há tempo suficiente entre a decisão e os testes necessários para que os alienígenas removam o feto. Na maioria dos casos, no momento em que a mulher chega para o aborto, o feto desapareceu. Geralmente, o diagnóstico do médico é pseudociese, aborto espontâneo, absorção ou a menorreia secundária. A mulher não faz nenhuma conexão entre o “desaparecimento” do feto e o fenômeno de abdução.

Razões para o segredo

A questão crítica ainda permanece: Por que os alienígenas são tão secretos? A resposta pode ser encontrada nos motivos e propósitos do programa de cruzamento e hibridização. Como o feto deve ser protegido, o método mais efetivo de evitar que a abduzida saiba da sua gravidez é conservá-la secreta para ela. Em resposta à pergunta de Lucy Sanders, um alienígena foi surpreendentemente direto. Ele disse a ela:

“Nós temos o nosso próprio interesse, porque estamos removendo o seu óvulo e usando-o para nossos propósitos genéticos. Sabemos que isso vai ser muito perturbador para a fêmea humana, porque ela é um órgão reprodutivo entre duas espécies, ela é a hospedeira para a reprodução, e nós somente removemos aqueles de que precisamos.”

Quando Lucy lhe perguntou o que isso significava, ele respondeu:

“Às vezes usamos a fêmea humana como hospedeira para propósitos reprodutivos genéticos. Sentimos que, se a fêmea da espécie sabe que está sendo usada como uma hospedeira, pode desejar remover o que sente que não é seu. Assim, nós colocamos um vazio (bloco) muito forte no seu processo de memória, de modo que ela não tenha nenhuma idéia de que o implante foi colocado ali. Faremos a mesma coisa com você, quando, como no passado, implantarmos em você.

Achamos que é melhor para a fêmea não deixar o implante nela. Somos capazes de levar o feto a termo usando nossas próprias fêmeas, mas, antes do primeiro trimestre, ele deve ser removido a fim de que a fêmea humana não perceba que é hospedeira de um implante. Achamos que, psicologicamente, dentro do primeiro trimestre, se a fêmea hospedeira não sabe do implante, seguirá sua rotina normal e isso não tem um efeito debilitante sobre o feto. Depois da remoção, colocamos outro branco (lacuna) na memória da fêmea humana hospedeira, pois

assim podemos repetir o mesmo procedimento e ela estará acostumada a ele.”

Além da proteção do feto, existem outras razões para o segredo. Se as abduções são, como todas as provas indicam, um fenômeno intergeracional, no qual os filhos das abduzidas são abduzidos, então um dos objetivos dos alienígenas **é a geração de mais abduzidos**. Será que todos os filhos das abduzidas são incorporados ao fenômeno? A prova sugere que a resposta é “sim”. Se uma abduzida tem filhos com um não-abduzido, as chances são de que toda a sua descendência venha a ser também abduzida.

Isto significa que através do crescimento normal da população, divórcio, casamento, e assim por diante, a população de abduzidos crescerá rapidamente através das gerações. Quando esses filhos crescerem e se casarem e tiverem seus próprios filhos, todos eles, independentemente do fato de se casarem ou não com abduzidos, também serão abduzidos. Para proteger a natureza intergeracional do programa de cruzamento, ele deve ser mantido em segredo para as abduzidas, pois assim elas continuarão a ter filhos. Se as abduzidas soubessem que o programa é intergeracional, poderiam decidir não ter filhos. Isso faria com que uma parte crítica do programa se interrompesse, o que os alienígenas não podem permitir. A razão final para o segredo é a expansão do programa de cruzamento.

Para se integrar lateralmente na sociedade, os alienígenas devem ter certeza de que as abduzidas vão se relacionar com os não-abduzidos, a fim de produzir crianças abduzidas. Se as abduzidas tivessem consciência do programa, poderiam se decidir a não ter filhos de jeito nenhum ou somente se relacionar com outros abduzidos. Assim, o número de uniões, para efeito de ter filhos entre abduzidas e não-abduzidos, iria declinar, colocando em perigo o progresso do programa de cruzamento. O programa de cruzamento deve ser mantido secreto não somente para as mulheres mas também para os homens e a sociedade em geral. Quando Claudia Negrón tinha seis anos, uma jovem menina híbrida explicou-lhe pelo menos uma parte do programa.

Eu pergunto a ela por que eles estão fazendo isso. Ela diz que é para o bem de todos e que eles têm de fazer isso. É muito importante e eu não sou a única. Há muitos... e um dia eu vou saber do que se trata, mas não agora. Porque, se eles contarem para as pessoas do que se trata, então o seu projeto estará arruinado. Então, por enquanto, eles têm de manter o projeto secreto. Eu pergunto a ela que tipo de projeto é esse. Ela diz que é para fazer um mundo melhor, para fazer um lugar

melhor. Poderia se argumentar que, uma vez que temos provas do programa de cruzamento, o segredo ficou efetivamente comprometido.

Mas esse não é o caso. A muralha de segredo dos alienígenas somente será penetrada quando muitas pessoas dentro da nossa sociedade, talvez a maioria, perceberem completamente o que está acontecendo a elas e compreenderem as implicações para si mesmas e seus descendentes. Passados cinquenta anos de desconhecimento público das aparições e das abduções pelos óvnis, o debate continua sobre se o fenômeno é “real”, e a comunidade científica se recusa a estudá-lo.

Assim, no momento presente, a política de segredo dos alienígenas foi e continua a ser enormemente bem-sucedida, apesar dos milhões de relatos de aparições e de abduções por óvnis. A grande maioria dos abduzidos têm as memórias de suas experiências trancadas nas mentes, entrelaçadas por um labirinto de sonhos, fábulas, falsas memórias e imagens induzidas exatamente onde os alienígenas desejam que elas fiquem. E, se os abduzidos recuperarem essas experiências, enfrentarão restrições sociais, ridículo, incredulidade e condescendência. O segredo não é necessário para proteger a sociedade do “**choque**” da **revelação do “contato”**. Nem é necessário para proteger a vida do indivíduo contra perturbações. **O segredo é necessário para proteger o programa de cruzamentos dos alienígenas. É uma medida defensiva.** Não contra a hostilidade de seres humanos violentos e amedrontados. Mas contra a hostilidade de **uma população hospedeira** que iria ser contra o fato de ser vítima de um programa generalizado de exploração fisiológica.

Agora podemos compreender por que os alienígenas não aterrissam no gramado da Casa Branca. Se eles fizessem isso, as razões pelas quais vieram à Terra poderiam ser descobertas, e eles poderiam não ter a possibilidade de continuar com seus programas de cruzamentos. A maioria das teorias de segredo passadas tem assumido que os alienígenas mantinham segredo para esconder a sua existência. **Agora está claro que a razão primária para o segredo é manter suas atividades escondidas, e para tal eles têm de manter a sua existência em segredo. Como é escondido, o fenômeno de abdução, essencial para o programa de cruzamento, tomou enormes proporções. E tanto o seu propósito quanto a sua magnitude têm implicações profundamente perturbadoras para o futuro da humanidade.**

Durante muitos anos, os pesquisadores de óvnis pensaram que as abduções eram eventos raros, que aconteciam com adultos que estavam no lugar errado e no momento errado.

*O caso de Barney e Betty Hill parecia ser um bom exemplo da teoria do “ **aqui há um, segura-o!**” Nos últimos anos, entretanto, os pesquisadores perceberam que o fenômeno da abdução dura por toda uma vida e permeia tudo nela.*

Capítulo 7 – Infiltração

Agora sabemos que as abduções **começam na infância dos abduzidos**. Há mães escrevendo que foram abduzidas com seus bebês. Algumas abduzidas até relatam que os alienígenas as visitam na sua cama de hospital, logo depois ou antes de darem à luz. Também sabemos que o fenômeno da abdução continua na idade madura. Mais importante, sabemos que os abduzidos experimentam toda uma vida de abduções. Todos os abduzidos que meus colegas e eu investigamos tiveram muitos eventos de abdução durante suas vidas.

Então, quantas pessoas foram abduzidas? Esta pergunta é praticamente impossível de responder, principalmente porque as pessoas não se lembram de todas as suas abduções. Mas, apesar desta dificuldade, sabemos que o fenômeno de abdução é largamente generalizado. Meu colega Budd Hopkins e eu recebemos milhares de cartas e telefonemas de abduzidos relatando suas experiências. Outros pesquisadores espalhados em nossa sociedade já trataram ou ouviram falar de dezenas de milhares de casos de abdução. Apesar disto, o número de pessoas que procuram os pesquisadores não representa quantas pessoas podem ter sido abduzidas porque, como já referi, a maior parte dos abduzidos não toma consciência de suas experiências.

Abduzidos inconscientes Apesar de os abduzidos inconscientes constituírem uma população silenciosa que confunde a exatidão das estatísticas, eles fornecem uma excelente “verificação da realidade” para o fenômeno de abdução. Podemos comparar os relatos feitos pelos abduzidos antes que eles tomassem consciência de suas abduções com aqueles feitos depois de serem hipnotizados por um terapeuta competente. Como um grupo, os abduzidos inconscientes relatam, de forma consistente, um padrão similar de experiências, antes de terem consciência das abduções.

Quando inconscientes, eles explicam suas estranhas experiências de modo aceitável pela sociedade. Por exemplo, um abduzido inconsciente explicará suas visitas noturnas e meio

esquecidas como de “anjos da guarda”. Um abduzido inconsciente pode pensar que viu “fantasmas” e que a sua casa é “mal-assombrada”. Uma mulher me disse que ela e a sua família se mudaram várias vezes para fugir de fantasmas, mas todas as casas em que morou eram mal-assombradas. Os abduzidos inconscientes freqüentemente relatam ter visto figuras religiosas ou o próprio demônio. Relatam que tiveram uma comunicação intensa e profunda com um animal. Descrevem experiências “fora do corpo” inesperadas ou indesejáveis, que ocorrem sem trauma ou meditação. Eles viajam no “plano astral”, de onde olham para baixo e vêem os telhados da sua vizinhança.

O caso de uma estudante de doutorado é típico. Ela me disse ter visto fantasmas, óvnis e ocorrências estranhas durante toda a sua vida. Em um evento espetacular, quando ainda era criança, ela olhou para fora da janela do seu quarto e viu um óvni aterrissando no seu quintal. Subitamente, sua mãe, assustada, apareceu correndo no seu quarto, gritando que os alienígenas iam levá-los e que eles tinham de se esconder. A estudante não se lembra de mais nada do incidente. Eu lhe perguntei o que ela pensava sobre esses eventos fora do comum. Ela respondeu que a mãe lhe dissera que: isso faz parte da vida, que a vida tem o seu lado misterioso e que suas experiências faziam parte do seu desenvolvimento. Ela conseguiu, assim, classificar como “normal” toda uma vida de eventos extraordinários.

Estimativas informais de magnitudes Budd Hopkins redigiu um questionário para a revista OMNI, em 1987, projetado para tentar coletar dados sobre a incidência de abduções. Os leitores da OMNI devolveram mais de quatro mil questionários. O médico Bruce Maccabee e os pesquisadores de óvnis Don Berliner e Rob Swiatek, do Fundo para a Pesquisa de Óvnis, analisaram 450 deles e concluíram que cerca de 4% dos questionados masculinos e 11% dos questionados femininos poderiam ter sido abduzidos.

Em 1987, comecei também a coletar dados sobre incidência de abduzidos. Desenvolvi uma pesquisa simples para universitários, baseada no questionário da OMNI. Com o passar dos anos, refinei a pesquisa e continuei a solicitar que os estudantes respondessem aos questionários. Em 1991, eu havia coletado mais de 1.200 respostas, principalmente de estudantes de 18 a 23 anos. Esses se classificavam em três categorias: possível abduzido, duvidoso ou não-abduzido. Baseei as categorias no meu conhecimento das experiências fora do comum que os abduzidos me haviam contado, antes que soubessem que estavam envolvidos com o fenômeno. Os resultados da minha análise sugerem que

5,5% dos questionados eram de “possíveis” abduzidos, e 15,5% eram de “duvidosos”.

Esses números são extraordinariamente altos. Existem muitas outras estimativas informais. As provas sugerem enfaticamente que a maioria, se não a totalidade, dos “contatos imediatos” com aparições de óvnis é o começo ou o fim de eventos de abdução. Mesmo as aparições de altitude podem ser indicativos de abduções. As estatísticas do Instituto Gallup sobre aparições de óvnis têm variado de 9% a 14%, desde a década de 1950. Se uma percentagem dessas aparições mascara abduções, então o número é alto.

•

A pesquisa Roper

Em 1991, Robert Bigelow, um filantropo e financiador de pesquisa de óvnis, e outro pesquisador interessado propuseram a Budd Hopkins e a mim uma pesquisa formal para estimar o número de pessoas na América que poderiam ter sido abduzidas. Nós concordamos. Conhecíamos o desafio. Deveríamos construir a pesquisa de maneira a obter um grande número de informações e superar os problemas da falta de memórias conscientes de abduções. Então, tínhamos de encontrar uma organização de pesquisa para realizar a tarefa. Depois de entrevistar as maiores organizações de pesquisa, escolhemos a Organização Roper, porque ela se entusiasmou com o projeto.

Finalmente, tínhamos de ser muito cautelosos e conservadores na análise dos resultados. No verão de 1991, Roper realizou uma pesquisa geral com um grupo de adultos, escolhido ao acaso, nos Estados Unidos. Foi uma pesquisa de porta em porta em que o entrevistador visitou as casas das pessoas e escreveu as respostas em um questionário. As questões sobre abduções eram parte de outras perguntas sobre as experiências pessoais e políticas das pessoas. Não houve perguntas sobre preferência de produtos. Uma pergunta era especificamente designada para identificar as pessoas que se sentiam compelidas a responder de modo positivo independentemente dos fatos. Roper inventou a palavra *trondant* e nós perguntamos se essa palavra tinha algum significado para os entrevistados.

Se uma grande percentagem de pessoas respondessem que trondant tinha algum significado, saberíamos que as respostas aos questionários deveriam ser suspeitas. A pesquisa normalmente cobre um grupo de cerca de 1.600 pessoas, o que é considerado grande bastante para fornecer um resultado positivo na maioria das pesquisas nacionais. Entretanto, dada a natureza controvertida da pesquisa de abdução, desejamos usar um grupo maior para aumentar a margem de segurança. O número final de entrevistados foi de 5.947 pessoas, o que daria uma margem de erro de apenas 1,4%.

A pesquisa Roper, então, tornou-se a maior e mais precisa pesquisa desse tipo jamais realizada. É importante lembrar que não era uma pesquisa de opinião, mas uma pesquisa sobre a experiência das pessoas, o que a tornava diferente das pesquisas dessa natureza. No resultado inicial, o número de abduzidos potenciais era muito alto – embaraçosamente alto:

- . 18% *havam acordado paralisados com uma figura estranha no quarto.*
- . 15% *havam visto uma figura medonha.*
- . **14% haviam deixado o seu corpo.**
- . **13% tinham lacunas temporais.**
- . 11% *havam visto um fantasma.*
- . **10% haviam flutuado no ar.**
- . 8% *havam visto luzes estranhas no ar.*
- . 8% *tinham cicatrizes estranhas.*
- . 7% *havam visto um óvni.*
- . 5% *sonhavam com óvnis.*
- . 1% *disse que a palavra **trondant** tinha um significado especial.*

O pequeno número de respostas positivas à pergunta trondant significa que a pesquisa não pesou para aqueles que tinham a necessidade de responder positivamente. A Organização Roper eliminou das estatísticas finais todos os questionários com as respostas positivas à pergunta trondant. O resultado da pesquisa Roper indica que milhões de americanos podem ter sido abduzidos. Budd Hopkins e eu sabíamos que o fenômeno da abdução era generalizado, mas esses números eram assustadores. Por esse motivo, adotamos uma atitude conservadora em relação aos dados coligidos. Isolamos as cinco perguntas que haviam constado da pesquisa anterior, como indicadores confiáveis de atividades de abdução, e incluímos na amostra final somente aquelas pessoas que responderam de forma positiva a quatro das cinco questões.



A análise final indica que 2% da população americana – cinco milhões de americanos – experimentaram eventos consistentes com aqueles que os abduzidos experimentaram antes de saber que eram abduzidos. Mesmo que esse número seja até 75% mais alto do que a ocorrência real, ainda assim haveria mais de um milhão de pessoas que poderiam ter sido abduzidas. Uma coisa é clara: a pesquisa Roper confirmou a prova, menos formal e circunstancial, de que há um tremendo número de pessoas que teve experiências de abdução. E podemos concluir, por conseqüência, que o fenômeno de abdução é generalizado e atinge quase toda a sociedade.

Além das conclusões gerais, a pesquisa Roper apresentou os resultados por idade, sexo, raça, situação geográfica, estado social e forneceu dados desses subgrupos. Uma importante subanálise enfoca a idade, e uma segunda enfoca os consultados a quem a organização chamou ativistas político-sociais. Essas pessoas, qualquer que seja a sua orientação política, estão conscientes dos problemas sociais e desejam influir na sua solução. Por exemplo, eles escrevem cartas de protesto para o seu Conselho Escolar Local, candidatam-se a cargos políticos, ou demonstram qualquer outro tipo de responsabilidade social. Eles têm maior percentagem de ensino superior e sua renda (38.700 dólares) é maior, comparada com a renda da população em geral (28.300 dólares).

Os resultados das duas sub-análises são mostrados nas tabelas seguintes. A primeira resume as respostas por grupo de idade, mostrando que o grupo de 18 a 29 anos respondeu mais positivamente aos cinco indicadores de abdução do que qualquer outro. Isso parece ir contra a lógica, porque a possibilidade de pessoas mais idosas terem tido experiências de abdução é muito maior.

Relação entre os cinco indicadores de experiência por idade – (Amostra Total)

Idades	18 -29	30-44	45-59	60 ou +	Geral
Acordando paralisado com impressão de ver figura estranha	22%	21%	17%	10%	18%
Tempo perdido	14	13	13	10	13
Sensação de estar voando	11	13	10	8	10
Bolas de luz no quarto	11	9	7	5	8
Cicatrizes inexplicáveis	14	7	6	5	8

A segunda sub-análise refere-se aos ativistas político-sociais. Este grupo não deveria ter tido experiência com eventos bizarros, pois são as pessoas que se colocam de forma proeminente em relação ao público. Entretanto, não só elas têm maior percentagem em todas essas questões, mas esta percentagem é significativamente maior.

Relação entre os cinco indicadores de experiência e ativismo político-social (Amostra Total)

Idades	Ativistas Político-sociais	Geral
Acordando paralisado com impressão de ver figura estranha	18%	28%
Tempo perdido	13	17
Sensação de estar voando	10	18
Bolas de luz no quarto	8	11
Cicatrizes inexplicáveis	8	9

Estimativas de frequência

A pesquisa da Organização Roper fornece dados sobre a incidência do fenômeno de abdução, mas não sobre a sua frequência. Sabemos que a abdução ocorre durante toda a vida do abduzido. Entretanto, a estimativa da sua frequência é muito difícil. O problema primordial e mais importante é que os abduzidos não se recordam da vasta maioria de suas experiências de abdução. Para coletar dados sobre a frequência de abdução, pedi a

vários abduzidos que estabelecessem uma tabela com a frequência desses eventos.

Esses abduzidos tinham passado por um número significativo de sessões hipnóticas comigo para serem sensíveis a “marcos”, que indicam fortemente a atividade de abdução. Seis abduzidos anotaram cuidadosamente os eventos que aconteceram com eles. Confirmamos alguns desses eventos através de regressões hipnóticas e continuaremos no decorrer do tempo a investigar outros eventos.

Frequência de abduções

Abduzida	Período	Eventos	Nº Investigado
Karen Morgan: 1988-1989	01 ano	9	7
Kathleen Morrison: 1994	01 ano	3	7
Christine Kennedy: 92/93	110 dias	8	5
Allison Reed: 1993/1994	01 ano	33	11
Gloria Kane: 1988-1989	08 meses	54	11
Kay Summers: Dez 1993	01 mês	14	1

O esforço tabular revela dados instigantes. Christine Kennedy, por exemplo, estabeleceu uma correlação entre o seu ciclo menstrual e a tabela de eventos de abdução: quando não existiam eventos de abdução, o seu ciclo era de 28 dias; quando, entretanto, existia um período de abdução, o seu ciclo diminuía para até 24 dias.

Allison Reed fez uma correlação entre suas experiências de abdução e o nível de açúcar no sangue (sendo diabética, ela media o seu nível de açúcar no sangue todos os dias); muitas vezes subia

depois de uma abdução, a ponto de ficar três ou quatro vezes superior ao nível normal para ela.

Gloria Kane descobriu que as suas abduções aumentavam de frequência durante a ovulação e diminuía durante a menstruação (embora a ovulação e a menstruação não fossem os únicos determinantes das abduções).

A mulher que representa o extremo em fenômenos de abdução é Kay Summers, que mora no Meio Oeste e trabalha como vendedora numa loja. Através de contatos telefônicos constantes, pude anotar os muitos eventos de abdução que ocorreram com ela. **Ela teve mais de 100 abduções durante o período de um ano ou uma média de um a cada três dias.** O efeito sobre Kay foi devastador e ela vive em estado de desespero. Ela recebe muito pouco apoio dos seus amigos e da família, que se recusam a acreditar e, mesmo quando acreditam, se recusam a acreditar na espantosa frequência.

Muitas vezes cansada e deprimida por falta de sono e pelo trauma da abdução, Kay aprendeu a se dissociar psicologicamente da experiência enquanto está acontecendo, do mesmo modo que uma criança também pode se desligar durante abuso físico ou sexual repetido. De qualquer modo, ela vive uma montanha-russa emocional. Quando as abduções diminuem, ela começa a recuperar a sua disposição, mas, quando recomeçam, cai em depressão. Em 1997, suas abduções continuaram. Budd Hopkins e eu investigamos muitas das suas experiências, incluindo mais de 50 das últimas.

Embora a frequência com que Kay é abduzida seja extrema, não é tão fora do comum como pensávamos originalmente. Nos últimos anos, muitos abduzidos têm relatado acelerações significativas no ritmo de suas abduções. A tendência normal tem sido no sentido de um maior número de experiências para cada abdução. O menor número de abduções anuais que me foi relatado é nove. Se a média for de somente cinco por ano, e se o fenômeno começa na infância e continua na idade adulta até a velhice, os números se multiplicam rapidamente. Se uma pessoa tem quarenta anos, ela já pode ter tido mais de duzentas abduções, e muitas outras para ocorrer. Isso é confirmado por muitos dos abduzidos que anotaram e fizeram uma tabela de suas abduções por um período de vários anos.

Charles Petrie, que trabalha numa gráfica como impressor, manteve um diário de suas experiências e lembra-se conscientemente de mais de duzentas abduções até a idade de 38 anos. Sua vida tem sido dedicada a descobrir o que lhe está

acontecendo. A conclusão da pesquisa Roper e da nossa própria é que, sem dúvida, um grande número de pessoas está experimentando um número enorme de abduções. Os alienígenas investiram e continuam a investir uma tremenda quantidade de tempo e energia no programa de abdução.

Muitas pessoas pensam que as abduções são um “estudo” ou uma “experiência”, e que os alienígenas estão “aprendendo” sobre nós. Os números indicam o contrário. A fase de aprendizado e experiência, se foi o caso, na sua maior parte já foi ultrapassada. Assim sendo, as provas indicam claramente que os alienígenas estão conduzindo um programa geral e sistemático de exploração fisiológica dos seres humanos.

O aspecto mais problemático da interação entre os abduzidos e os híbridos de estágio avançado é a frequência da atividade sexual. Os híbridos querem sexo não somente porque é crucial para o programa de cruzamento mas também porque aparentemente isso lhes satisfaz. Os híbridos têm controle total sobre o encontro sexual e os híbridos machos exigem que as abduzidas tenham uma variedade completa de reações sexuais.

Reprodução híbrido-humana

Para assegurar essa reação, os híbridos realizam um procedimento separado no qual estimulam fisicamente a mulher quase até o orgasmo, enquanto um alienígena olha direto nos seus olhos, no que equivale a uma “regulagem fina” para uma reação neural precisa do cérebro. “**Beverly**” teve essa experiência enquanto estava deitada numa mesa, com um aparato semelhante a um capacete na cabeça:

Há um tipo de processo de monitoramento. É... como uma coisa que eles botam na minha cabeça e que eu tenho a impressão... que observa a minha atividade cerebral, ondas cerebrais... alguma coisa com o cérebro. É alguma coisa com o cérebro. É alguma coisa a ver com o cérebro, para monitorar as ondas cerebrais, atividade cerebral, ou qualquer coisa do gênero.

Esse pequeno Grey está aqui do meu lado esquerdo. Isto significa que ele é seu acompanhante? Sim, o mesmo cara. Há um híbrido do meu lado direito, e eu estou menos nervosa do que antes. A ansiedade desapareceu? Muito. Muito mesmo. Especialmente por causa desse... eu ia dizer (Híbrido) “homem”, mas não quero humanizá-lo.

O cara é cinzento (também)... ele não fica muito perto do meu rosto, mas, usando telepatia, pode passar uma energia que me acalma, não desejando porque assim a reação da minha mente não vai ser legítima. Se eles forem mexer com o meu cérebro e futucar ali e fazer alguma coisa e eu ficar calma, parecendo um vegetal, assim, vai atrapalhar ... Então, eles estão deixando você ficar nervosa?

Sim... o híbrido está falando sobre ficar calma e coisas assim, mas eu não confio nele. Ele está sendo simpático, mas não gosto de ficar nesta situação. Não gosto nem um pouco. E, de novo, não acho que nenhum desses dois caras queiram me fazer mal, e acho que nada de mal vai acontecer comigo... Eles estão fazendo o trabalho deles, qualquer que seja, e não gosto das coisas que fazem comigo. Esse cara aqui não está sendo mau, corno há alguns que podem ser maus. Ele não está sendo mau.

Só está por aí e o que acontece é que ele me toca em toda parte. Ele me toca por toda parte e de modos diferentes. Ele me toca e o que sinto é que as minhas reações estão sendo observadas quando ele me toca em vários lugares. É como, você sabe, monitorar... para zonas sexuais, estímulos sexuais. Você sabe, há gente que fica estimulada sexualmente quando se toca aqui, outras ficam sexualmente estimuladas quando se toca... mas é claro, os lugares óbvios, você sabe o que todas nós temos em comum. Mas há pessoas que têm áreas diferentes que ficam mais excitadas quando são tocadas, talvez em outro lugar...

Bem, como você sabe que ele está fazendo isso? ... Não há diálogo. É só um meio de “saber” – uma daquelas coisas que eu sinto muito, mas não consigo dizer como é que sei. Mas eu sei. Você está reagindo quando ele está fazendo isso? Você está dizendo para você mesma: “Sim isso é bom”, ou: “Não, não é bom”, ou alguma coisa assim? Eu estou... numa atitude de negação. Não há nada que ele faça que me dê prazer. E é como estou me sentindo, mas há uma outra parte que registra, não sei qual é o mecanismo que eles estão usando... é uma violação, uma violência. Eu não gosto disso.

Similarmente, “**Paula**” foi visitada por híbridos no seu quarto de dormir. Eles prenderam um dispositivo “elétrico” nos seus genitais e ela teve relação sexual com o híbrido. No momento do orgasmo, o híbrido abruptamente saiu de dentro dela. O orgasmo teve uma intensidade fora do comum, foi quase doloroso. Enquanto isso estava acontecendo, um dos híbridos ficou olhando demoradamente para o dispositivo com o que parecia ser um modo de “leitura” e lhe disse que aquilo media os “impulsos elétricos”.

O dispositivo foi removido e Paula sentiu uma fortíssima dor física seguida de náuseas. Ele deixou uma lesão no seu clitóris que a obrigou a procurar um ginecologista, que ficou curioso para saber como ela se ferira daquela forma. Durante as relações sexuais com as abduzidas, alguns híbridos masculinos de estágio avançado têm reações sexuais “normais” e movimentos físicos. Outros, entretanto, não realizam os movimentos físicos normais de penetração. As abduzidas descrevem mais o que lhes parece um “impulso”, ou uma penetração rápida, seguida da ejaculação.

Os híbridos também criam o orgasmo nas mulheres com a ajuda da varredura cerebral. Assim, é possível que o orgasmo feminino durante as relações sexuais com os híbridos produza a ovulação ou facilite a concepção. Os híbridos muitas vezes notam a gravidez nas abduzidas. Para Stan Garcia, um conselheira de reabilitação, esse é um fato de que ele não gostaria nem de ter ouvido falar.

Ela está bem diretamente na minha frente, em pé olhando para mim... eu me sinto enojado. Por que ela era uma fêmea, ou por causa do que ela estava fazendo? Por causa do que ela estava fazendo. E o que ela estava fazendo? Quando eu digo o que ela estava fazendo, é como se ela fosse escolhida, porque ela era a que tinha sobrado para mim. Eu me senti enojado, porque não podia dizer nada. Só estou sentindo nojo da coisa toda – eu não tinha opinião sobre o que estava acontecendo.

Quando você diz que ela era a que tinha sido escolhida para você, o que isso significa? É que ela vai ter filhos meus... Isso não me dá nenhum tesão.

Problemas físicos Alguns híbridos nascem desfigurados ou com outras características anormais. Por exemplo, os alienígenas mostraram a **Kathleen Morrison** cinco bebês híbridos deformados. Suas pernas e braços tinham se desenvolvido com formas defeituosas ou não se desenvolveram de jeito nenhum. Terry Matthews viu um híbrido mais velho com o queixo retorcido, dando uma vaga aparência de “Popeye”. Em outra ocasião, Terry viu um adolescente híbrido cuja cabeça deformada era grande demais e tinha “caroços”.

Os híbridos têm outros problemas físicos. **Allison Reed** viu jovens híbridos com marcas vermelhas na pele. Durante uma abdução ocorrida em 1994, ela foi informada de que sua “irmã” estava “doente” e precisava da sua ajuda; os alienígenas inseriram uma agulha no pescoço de Allison e tiraram sangue da sua veia carótida. Numa situação semelhante, os híbridos levaram **Susan**

Steiner para perto de um adolescente híbrido doente. Eles retiraram sangue (disseram que queriam “hemoglobina”) e extraíram uma pequena seção do seu fígado.

Os alienígenas explicaram que precisavam dessas coisas para que o menino pudesse sobreviver. As **híbridas fêmeas** têm problemas reprodutivos. Os abduzidos têm relatado que as fêmeas parecem ter problemas de aborto. Há indícios também de que as fêmeas híbridas tem mais dificuldade para reproduzir com homens do que os híbridos machos têm para reproduzir com mulheres. Reshma Kamal uma vez perguntou a um híbrido adulto por que não existiam fêmeas por perto.

Agora estou perguntando a ele por que eu não vi nenhuma fêmea. Ele olha para mim e estou dizendo: “Fêmeas, como eu. Eu sou uma fêmea e você é um macho. No seu grupo, na sua raça” – eu não sei o que ele é – “não há nenhuma fêmea?” Aí ele fala, ele está me perguntando se estou querendo dizer ele ou os alienígenas. E eu digo ele, um híbrido. Onde estão as fêmeas? E ele parece que está me dizendo que elas são usadas para outro trabalho qualquer. Estou perguntando a ele que trabalho e também se elas são iguais a mim? Ele diz: “Nem todas elas são como você.” Ele aponta para a barriga e faz um gesto. Ele continua: “Elas não podem” (engravidar). Ele está fazendo um gesto, imitando a barriga com seu estômago, como alguém que está grávido ou coisa que o valha? Exatamente.

Ele disse: “Elas não podem.” E estou dizendo para ele: “O que você quer dizer com elas não podem?” Ele continua: “Umhas partes que você tem, as delas não funcionam assim”. E estou dizendo: “Como é que pode? Elas não são humanas?” E ele está dizendo: “Não como você. Elas não têm a mesma função. Não podem ser usadas para isso.” Ele diz que algumas delas podem, mas não completamente. Não é a mesma coisa. Então, pergunto a ele o que quer dizer com isso e ele diz que é claro que eles tentaram engravidá-las e tudo isso, mas não funcionou. O feto ou o que seja... o bebê não se desenvolveu completamente para uma sobrevivência normal. **Allison Reed** viu uma fêmea híbrida dando à luz a um ser híbrido natimorto. Os alienígenas levaram Allison a concluir que “o feto conseguiu manter a vida (na fêmea híbrida) por algum tempo, e isto em si já é um passo”.

Reações emocionais

A maioria dos seres híbridos que dão assistência aos alienígenas a bordo das espaçonaves exerce suas funções de forma indiferente. Em certos momentos, entretanto, os abduzidos podem provocar emoções nos híbridos. Vejamos o relato da abduzida **Doris Reilly**. Quando ela tinha cinco anos, duas fêmeas adolescentes híbridas a acompanharam até a sala de procedimentos, onde a colocaram sobre uma mesa. Ela bateu os pés e agitou os braços, e elas tiveram de segurá-la para controlá-la. Ela levantou a mão e puxou o cabelo da híbrida, dando um solavanco. A híbrida exclamou surpresa, “Ui!”, e Doris pôde ver uma lágrima escorrendo de seus olhos. Em outros casos, os abduzidos têm relatado que os híbridos sorriem, parecem tristes, zangados, felizes e assim por diante – emoções da variedade humana.

Entretanto, há um componente emocional de alguns híbridos que não é aceitável – a perda de controle. É como se alguns dos híbridos tivessem uma adaptação social imprópria e estivessem soltos, fazendo o que querem. Nesses casos, eles podem ter um desejo sexual forte, sem estarem controlados pelas restrições sociais. Um alienígena disse a Allison que os alienígenas têm de aprender tudo, que a genética não tem papel importante na sua formação social. Ele disse que, embora o comportamento dos híbridos seja, em larga escala, também aprendido, seu componente genético humano afeta suas reações emocionais e faz com que eles sejam menos previsíveis. Esta imprevisibilidade têm sido fonte de preocupação para ele. Os problemas emocionais dos híbridos se mostram de forma mais acentuada quando eles têm projetos pessoais – abduzidas especialmente selecionadas, escolhidas para eles – e quando agem independentemente dos alienígenas.

Híbridos de Projetos Pessoais

Alguns híbridos de última geração têm responsabilidades que vão além dos procedimentos normais do cenário de abdução. **Eles têm projetos pessoais, relacionamentos a longo prazo com abduzidas humanas, com o objetivo de reprodução.** O relacionamento entre a abduzida e seu híbrido de projeto pessoal começa cedo, quando a abduzida ainda é uma criança, e continua na adolescência. A abduzida é sujeita aos procedimentos normais de abdução e então, ou tem uma interação particular com o híbrido, ou é acompanhada pelo híbrido durante a abdução. Eles conversam e brincam juntos e constroem uma amizade.

As relações sexuais começam quando a abduzida chega à puberdade, geralmente entre treze e quinze anos. Enquanto outros híbridos podem ter relações sexuais com abduzidas durante sua vida de abduções, o híbrido de projeto pessoal fica sendo o seu parceiro reprodutivo mais firme. Quando “**Emily**” completou quinze anos, ela começou a ter relações sexuais com um híbrido de projeto pessoal e esta atividade continuou, uma vez por mês, durante seis meses. “**Sally**” começou sua atividade sexual com seu híbrido de projeto pessoal aos treze anos. Ela ficou confusa quando viu que ele queria fazer essa coisa. Sabia que isso poderia levar à gravidez, mas o seu conhecimento sexual era extremamente limitado e, além disso, ele disse que estava tudo bem – ninguém saberia e ele cuidaria de qualquer gravidez.

Embora a atividade sexual seja primordialmente para efeito de reprodução, os híbridos de estágio avançado parecem desfrutá-la com prazer. Muitas vezes eles demonstram as emoções humanas de afeto e amor para com o seu projeto pessoal selecionado. Durante a relação sexual são feitos os afagos preliminares: eles se acariciam, beijam-se e assim por diante. Às vezes há uma conversa romântica, com declarações de amor.

As abduzidas muitas vezes partilham o envolvimento sentimental – até de forma profunda. O “casal” ri, conta piadas e bate papo. Depois das relações sexuais, alguns híbridos até demoram algum tempo antes de colocar as roupas e se afastar para cuidar de outras tarefas. Muitas abduzidas sentem um amor profundo por seu híbrido de projeto pessoal durante as abduções. Para algumas, isso pode repercutir na sua vida “normal” e interferir com o seu desenvolvimento social e emocional aqui em nossa “realidade”. Tanto os homens quanto as mulheres têm relatado sobre híbridos de projeto pessoal. “**Rob**” tem uma híbrida de projeto pessoal chamada Janice, com quem tem vários filhos. Os alienígenas o levam para Janice depois que completam os procedimentos rotineiros; então, ele interage com a sua “família”. Geralmente ele tem relações com Janice, embora tenha sido forçado, em algumas ocasiões, a ter relações com outras híbridas. Ele desenvolveu uma ligação emocional com a família híbrida, que é revivida intensamente quando ele a vê.

Há indícios de que os alienígenas Greys indicam híbridos para humanos específicos, quando os abduzidos e os híbridos são jovens. Quando estão mais velhos, é tomada uma decisão conjunta dos híbridos com os alienígenas. Quando **Emily** tinha oito anos, seu híbrido de projeto pessoal lhe deu uma ideia de como as

decisões são tomadas e do que eles estariam fazendo juntos no futuro. Ela estava sobre a mesa e eles realizavam os procedimentos, que eram administrados por um “doutor” (possivelmente um híbrido de baixo estágio), enquanto tiveram esta conversa.

Ela conta como se fosse uma criança de oito anos. (Ele) quer que eu seja dele um dia. Ele quer esse projeto. É uma coisa que ele quer fazer. É um compromisso que tem de fazer para o seu governo e ele está me dizendo que realmente, realmente me acha interessante. Ele realmente se importa... Vai fazer com que eu faça alguma coisa de que eu nunca mais terei medo. Ele diz que vai ficar tudo bem. Não sei o que eles vão fazer comigo... Não quero que seja uma coisa ruim! Ele diz que ainda tem de esperar muito tempo para fazer isso. Ele fez com que eu visse coisas. Vi um grande, um enorme jardim, e tem flores, não tem bichos nem insetos para me fazer medo. Tem cisnes.

Eu estou mais velha e ele está mais velho também. Eu tenho um vestido bonito, um vestido longo e bonito. Ele diz que um dia, quando eu estiver completamente crescida, nós vamos ficar juntos. “Você vai ser tão bonita, eu vou ter orgulho de você. Nós vamos ter filhos bonitos. E você vai ser uma mãe tão boa. E não vai precisar ter medo. Eu não quero que você tenha nenhuma angústia – nada para você se preocupar.” Então eles terminaram. Olhei para ele, e o doutor não estava alegre. Ele não falou, mas sei o que ele disse. Era: “Ele não escolhe a sua designação.” E ele disse ao doutor que devia se concentrar nos procedimentos médicos e que ele ia cuidar dos projetos. Eles não disseram nada, só se olharam.



Para as mulheres abduzidas, o critério mais importante para inclusão no programa de projeto pessoal dos híbridos é que ela tenha suas funções de reprodução normais. “**Donnà**” era um caso fronteiro. Quando tinha quatorze anos, os alienígenas encontraram uma disfunção ginecológica que ameaçou a sua posição no programa. O seu híbrido de projeto

pessoal interveio. Os híbridos e dois seres cinzentos discutiram sobre a sua inclusão como projeto pessoal. A cena dramática que se segue revela a importância do relacionamento de projeto pessoal e o jogo entre os híbridos e os alienígenas Greys. Embora os alienígenas sejam os chefes, os híbridos podem, algumas vezes, demonstrar a sua vontade:

Ele quer que eu seja reconsiderada, porque eu deveria estar junto com ele. Porque nós estamos juntos há muito tempo, e estabelecemos um (relacionamento) que funciona e há muita energia colocada ali, e eu deveria ser parte disso. A reação deles é porque há alguma coisa que está errada comigo e ele não concorda com eles... Ele quer uma reconsideração. Uma reconsideração de quê? Realmente não sei. Ele diz que eu devo ser reconsiderada para trabalhar com ele e que preciso estar com ele nesse projeto. Eles dizem que há um problema. E eu realmente não sei do que estão falando. Então, sinto que ele começa a falar de mim como se eu fosse “dele”. Ele começa a falar sobre atributos físicos e dizer que estou em boa forma, e que os músculos são bons.

Estou fisicamente bem. Que eu esteja bem, isso não é a palavra, acho que eles falaram em “critérios”... E a resposta deles é que poderia haver problemas. Não é no exterior, é no interior. E eles concordam que preciso fazer um exame. Ele continua insistindo e diz que eles devem dizer mais para ele e que podem estar errados, ele está argumentando. Ele está argumentando muito. É um pouco embaraçoso. Como é isso? Nunca me aconteceu estar com alguém que fica argumentando a meu respeito. Mas sei que não quero que ele vá embora, é muito importante. Eles contestam a argumentação ou...? Ele está demonstrando fisicamente o seu desagrado, batendo os pés de vez em quando e andando de um lado para o outro.

Eles só estão ali parados, estão muito reservados e respondendo aos argumentos. Num dado momento, ele chega a fazer um som que eu ouço... é assim como: “Puxa!” Você sabe, de frustração. Ele faz aquele pensamento quando olha para mim... Isso vai parecer engraçado, mas é como se ele estivesse comunicando para eles de uma maneira e comunicando para mim de outra. Os dois pequenos Greys caminham de volta para uma daquelas mesas móveis – uma espécie de mesa-carrinho – e ele me gira, abraça meus ombros e olha para mim direto no rosto. Ele então se comunica com você? Ele diz que eles precisam fazer um exame e que ele não vai me deixar.

Ele vai ficar comigo durante o exame e que vai dar tudo certo. E que só preciso relaxar. E que vai dar tudo certo. E que durante o exame eu vou poder ficar com ele. Então, ele me acompanha até onde está a mesa. Ele me ajuda a sentar nela, porque ele é bem maior do que eu. Estou ali sentada e minhas pernas estão balançando no fim da mesa. Ele diz: “Não importa o que acontecer, lembre-se que estou sempre com você”. Então, eu me deito na mesa. É uma espécie de exame normal ou é...? É um exame ginecológico. Eles não fazem nada mais? Não. Bem, ele faz. Ele acaricia os meus cabelos e dá tapinhas no meu rosto de vez em quando. Ele está segurando minha outra mão. Eu pergunto por que ele está fazendo isso. Ele diz: “Lembre-se, eu estou aqui”... O que eles estão fazendo aí?

Não acho que eles estão somente examinando minha vagina. Sinto que eles vão até o útero também. Estão verificando com uma espécie de monitor. Eu diria que é como se eles estivessem colocando uma sonda dentro de mim. E é alguma coisa que tem a ver com as paredes do útero. É como se eles estivessem tentando mostrar a ele alguma coisa e ele não estivesse concordando com o diagnóstico – que não é tão estranho assim. Quando eles tentam mostrar a ele alguma coisa, como é que fazem? Há uma espécie de vídeo que eles estão olhando, e quando falam estão mostrando alguma coisa nele. Você pode mais ou menos seguir um pouco a conversa? Há alguma coisa que... eu não funciono normalmente. Eles encontram isso de vez em quando e eu não funciono tão normal, ou com a facilidade que eles preferem. E há alguma coisa sobre... é claro, com o funcionamento anormal torna-se arriscado... poderia ocorrer uma quebra de sigilo. Eu não sei.

Então, o importante é não haver a quebra de sigilo? Sim. É muito arriscado. E o acordo é que eles teriam de monitorar a situação. É como um período probatório. E, se eu me tornar muito arriscada, você sabe, é aquilo. Significando o quê? ... Eu não estaria mais no projeto. Mas eles vão observar, monitorar e ver como funciona. E ele continua dizendo coisas como: “Há algumas piores que vocês já aceitaram”, e ele está argumentando com eles, que ele viu algumas piores e que não foi tão ruim. E que essa é uma boa candidata. E que essa é uma “positiva”. E que isso é possível. Tenho a impressão de que eles não querem fazer isso, mas terminam fazendo. Você quer dizer que ele vai ficar satisfeito? Sim. Eles estão lhe dando o benefício da dúvida.

Meu sentimento é que ele sempre vai cuidar de mim. E que não vai demorar muito até que a gente comece... Onde está o seu amigo? Sentado a meu lado. Ele está sentado junto de mim. Sim,

eu sei o que ele está fazendo.

O que ele está fazendo? Ele está me excitando (sexualmente)... Ele está olhando nos seus olhos? Sim. É como se ele estivesse demonstrando. É interessante. Então ele está fazendo com que você fique sexualmente excitada enquanto você está deitada ali. Certo. Pelo que posso dizer, eles conseguiram o que queriam. Estavam procurando alguma coisa. Mas ele não me deixou ir até o orgasmo e tudo... Ele se levanta e vai para o canto da mesa. Eles estão conversando no canto da mesa. Eles estão ainda debatendo isso? Eles estão tendo uma boa discussão e os dois greys continuam dizendo que vai ser monitorado. Ele finalmente desiste e concorda com isso. Vai ser monitorado.

Então, ele não queria que fosse monitorado? Não, ele não queria. Mas parece que não está ganhando naquele ponto, e está deixando passar. Eles não estão cedendo. Então, é ali que eles estão fixando o limite? Certo. E os dois Greys saem. Eles saem por uma porta... E eu fico ali onde ele está, e ele ainda está preocupado. Ele ainda está preocupado, embora eles tenham saído e ele tenha basicamente vencido a discussão. Sim. Mas ele tem de ceder um pouco. Quando “**Emily**” tinha quinze anos, o seu híbrido de projeto pessoal também teve uma discussão com ela sobre como os alienígenas a haviam selecionado para o programa. Vários híbridos a abduziram num pomar atrás de sua casa.

Sua memória consciente é que havia falado com um ser. Suas roupas foram removidas, ela foi colocada sobre uma mesa e o híbrido disse que não iria machucá-la. Ele continua me dizendo que não vai me machucar e que sempre vai tomar cuidado comigo. Que está me observando há muito tempo. Que já sabia onde eu estava. Diz que eu fui avaliada durante anos e que ele tem me estudado e sabe que agora eu estou pronta para produzir, e decidiu que vai ser ele quem vai cruzar comigo. Compreendo. Ele usa a palavra “cruzar”? Sim. Alguém lhe disse que não era prudente, e ele diz que já foi decidido, e que os exames médicos foram favoráveis. E, que se indicarem que eu sou fértil, ele vai estabelecer laços comigo. E que as pessoas fazem isso às vezes, disse ele, no lugar de onde ele vem, e que é permanente.

Mas que as pessoas com quem ele trabalha acham que está cometendo um erro – que eu sou “um recurso, não um divertimento”. Ele tomou pessoalmente a decisão. Uma vez que um híbrido de projeto pessoal tenha sido designado para uma abduzida, ele se torna parte significativa da sua mente inconsciente por causa da qualidade emocional e humana das experiências. Os efeitos sobre o desenvolvimento social e sexual das abduzidas

podem ser substanciais. E a maioria desses efeitos depende da qualidade emocional e física de uma experiência de abdução particularmente independente. É a relação pessoal com as abduzidas humanas que flui que permite aos híbridos terem uma vida semi-independente, além dos limites da sua espaçonave. A atividade independente dos híbridos constitui uma parte extremamente importante do fenômeno de abdução. Na verdade **está no próprio cerne dos planos dos alienígenas.**

Fim do capítulo.

.

NOTA

Ter em atenção que nem tudo o que aqui está escrito é verdade, pelo menos a verdade “verdadeira”...

Há coisas que nos querem “impingir” como verdade... e não são bem assim...

Eles não são Deus...

Mas procuram parecer deuses...